

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Maria de Fátima de Carvalho Ferreira Barbosa

**O valor da dimensão extática da Igreja:
Estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática
Católica no Brasil**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Junho de 2018



MARIA DE FATIMA DE C. F. BARBOSA

O valor da dimensão extática da Igreja: Estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. André Luiz Rodrigues da Silva
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dorival Souza Barreto Júnior
UNIMONTES

Prof^a. Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de julho de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Maria de Fátima de Carvalho Ferreira Barbosa

Graduou-se em Teologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2014.

Ficha Catalográfica

Barbosa, Maria de Fátima de Carvalho Ferreira

O valor da dimensão extática da Igreja : estudo teológico-pastoral sobre a RCCBrasil / Maria de Fátima de Carvalho Ferreira Barbosa ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2018.

155 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Espírito Santo. 3. Êxtase. 4. Carismas. 5. Igreja. 6. Renovação Carismática Católica Brasil. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Abimar Oliveira de Moraes, pelo estímulo, pela parceria e, principalmente, pela confiança depositada em mim para a realização deste trabalho.

Ao CNPQ e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado com tanto empenho.

Aos colegas de mestrado, por todo apoio e incentivo.

A todos os Professores do Departamento de Teologia, dos quais pude adquirir conhecimentos maravilhosos que levarei sempre comigo.

Aos Professores Dorival Souza Barreto Júnior, André Luiz Rodrigues da Silva e Abimar Oliveira de Moraes, que participaram da Comissão Julgadora.

A todos os funcionários do Departamento de Teologia, pelo carinho e apoio que tanto me ajudaram a chegar até o fim.

Aos meus filhos Isabel e Pedro e ao meu marido Paulo, que me encorajaram e me apoiaram durante toda esta jornada.

Resumo

Barbosa, Maria de Fátima de Carvalho Ferreira; Moraes, Abimar Oliveira de. **O valor da dimensão extática da Igreja: Estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. 155p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta dissertação é pesquisar o valor da dimensão extática da Igreja, fazendo um estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil. Com isso, começaremos a nossa pesquisa apresentando o desejo de Deus em se comunicar com o ser humano e, como consequência, este tem a necessidade de acolhê-Lo e de se comunicar com Ele. Esta ânsia de comunicação manifesta-se no arco da história das religiões de diversas formas, e uma delas é o êxtase. Investigaremos, então, a função que o êxtase tem na experiência religiosa cristã primitiva. Faremos um percurso histórico a respeito do êxtase no antigo Israel, como também na experiência religiosa de outros povos que tiveram contato com Israel, para podermos compreender a experiência extática tanto veterotestamentária como também neotestamentária. Mostraremos a dimensão extática na Igreja dos Atos do Apóstolos e na Igreja de Corinto. Veremos que por causa desta dimensão extática, os carismas transbordavam e milagres e prodígios aconteciam abundantemente. Com isso, a cada dia mais e mais pessoas se juntavam a eles, pois eram Igrejas inclusivas, onde ninguém passava necessidade. Em seguida, apresentaremos como, ao longo dos tempos, devido às dificuldades enfrentadas, surge a necessidade de sistematizar a Igreja, provocando o enfraquecimento da sua dimensão extática e dando preferência à defesa da fé pela razão. A doutrina passa a ser racional e o *kerigma* perde seu lugar para a filosofia moral, resultando no declínio da Igreja extática. Contudo, o Espírito Santo sopra, mais uma vez, sobre a Igreja, e o Concílio Ecumênico Vaticano II é convocado. Há, nesse momento da história, uma reviravolta na Igreja e o retorno dos carismas, propiciando assim o reavivamento da Igreja extática e dando início à Renovação Carismática Católica. Em seguida, mostraremos as críticas e controvérsias que a Renovação Carismática Católica teve que enfrentar, causando assim a necessidade de se sistematizar e hierarquizar. Finalizaremos a nossa pesquisa apresentando os riscos e as possibilidades pastorais atuais para a dimensão extática da Igreja.

Mostraremos que, apesar de estarmos vivendo uma transição epocal, a proposta cristã permanece a mesma e, por essa razão, é preciso recuperarmos o projeto de Jesus Cristo e a dimensão extática de Sua Igreja, uma vez que a nossa intenção é mostrar que o êxtase é uma legítima expressão dentro de uma estrutura religiosa.

Palavras-chave

Espírito Santo; êxtase; carismas; Igreja; Renovação Carismática Católica Brasil.

Abstract

Barbosa, Maria de Fátima de Carvalho Ferreira; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **The value of the ecstatic dimension of the Church: Theological-pastoral study on the Catholic Charismatic Renewal in Brazil.** Rio de Janeiro, 2018. 155p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of this dissertation is to research the value of the ecstatic dimension of the Church. Fulfilling a theological-pastoral study on the Catholic Charismatic Renewal in Brazil. We will begin our research presenting God's desire in communicating with the human being; consequently, the human being has the need to accept God and to communicate with Him. This eagerness for communication will manifest, in the arc of the history of religions in various ways, one of which is ecstasy. We will investigate the role that ecstasy has in the early Christian religious experience. We will make a historic route about the ecstasy in ancient Israel, as well as in other people's religious experience who had contact with Israel. This will be done, so that we can understand the ecstasy experience in the Old Testament as well as in the New Testament. We will show the ecstatic dimension in the Church of the Acts of the Apostles and in the Church of Corinth. We will see that, because of this ecstatic dimension, the charisms overflowed, miracle and wonders happened, and every day more and more people joined them. That because they were an inclusive Churches and nobody was in need. We will show how throughout the years, due to the difficulties faced by the Church, there was a need to systematize the Church. This will weaken the ecstatic dimension of the Church and the doctrine will become rational. The *kerigma* loses its place for the moral philosophy; this will provoke the decline of the ecstatic Church. However, the Holy Spirit, once again, comes down over the Church and the Second Vatican Ecumenical Council is announced. At this point, a turnaround happens in the Church and the charisms returns, bringing the revival of the ecstatic Church, beginning the Catholic Charismatic Renewal. We will show the criticisms and controversies that the Catholic Charismatic Renewal had to face, causing the need to systematize and hierarchize. We will conclude our research by presenting the risk and pastoral possibilities for the ecstatic dimension of the Church. Although we are

living in an epocal transition, the Christin proposal remains the same and for this reason, we must recover Jesus Christ project and the ecstatic dimension of His Church. We intend to show that ecstasy is a legitimate expression within a religious structure.

Keywords

Holy Spirit; ecstasy; charisma; Church; Catholic Charismatic Renewal in Brazil.

Sumário

1. Introdução	
2. A experiência extática como uma forma de expressão religiosa: alguns antecedentes históricos	14
2.1. O êxtase no antigo Israel	15
2.1.1. O êxtase de tipo xamânico	17
2.1.2. Algumas experiências do Antigo Oriente	20
2.1.3. O movimento extático em Israel	26
3. O movimento extático nas comunidades cristãs primitivas	39
3.1. O Espírito Santo na vida de Jesus	45
3.2. A dimensão pneumática da Igreja	50
3.3. Atos do Apóstolos: O “Evangelho” do Espírito Santo	53
3.4. Dons e carismas na comunidade de Corinto	63
4. A RCCBrasil do declínio à recuperação da dimensão extática	79
4.1 A supressão da dimensão extática na Idade Média e Moderna	81
4.2. Gênese e desenvolvimento da RCCBrasil	85
4.2.1. A expansão da RCCBrasil	93
4.2.2. RCCBrasil: críticas e controvérsias	96
5. RCCBrasil: riscos e possibilidades pastorais atuais para a recuperação da dimensão extática	109
5.1. RCCBrasil: um dos frutos da eclesiologia conciliar	109
5.2. RCCBrasil como movimento eclesial	119
5.3. RCCBrasil como pastoral paroquial	124
5.4. O magistério de Francisco e a RCCBrasil	131
6. Conclusão	138
7. Referências Bibliográficas	147

1

Introdução

A origem da proposta dessa dissertação está nos carismas, presente de Deus para servi-Lo, e na Renovação Carismática Católica, movimento do qual faço parte e tenho um enorme amor, pois foi através dele que pude ter uma verdadeira experiência com Deus. Apesar de ter nascido em uma família católica, tendo uma avó e uma mãe como exemplos, tendo uma grande devoção por Maria, ter recebido todos os Sacramentos, participar das Missas e seguir os preceitos da Igreja, foi na Renovação Carismática Católica que pude conhecer um Deus misericordioso. Conheci os Seus carismas e pude compreender que eles precisam refletir a natureza e o caráter de Deus, trazendo a paz ao invés da confusão. Foi em um Seminário de Vida no Espírito Santo que o véu se rasgou diante de mim e pude ver o que antes não via, o amor de Deus.

Após esta experiência, veio-me um enorme desejo de conhecer a Palavra de Deus, e por isso fiz os retiros “Experiência de Oração” e “Dons e Carismas”, como também a “Escola de Formação Permanente”, oferecidos pela Renovação Carismática Católica; no entanto, queria mais, pois a minha sede de conhecimento aumentava. Comecei a ser enviada para pregar nos Grupos de Oração, quando compreendi o ministério que Deus estava preparando para mim. Iniciei então a formação para pregadores, e hoje faço parte do Ministério de Pregação do Vicariato Sul, como também da equipe dos Formadores da Escola Permanente de Formação do mesmo Vicariato.

Diante disso, tive a necessidade de buscar mais sabedoria, de me aprofundar mais na Palavra de Deus; precisava estudar mais para poder anunciar o Reino de Deus às pessoas sedentas do Verdadeiro Deus, com conhecimento e responsabilidade. Por esta razão comecei a graduação em Teologia na PUC-Rio. Em cada aula que participava, me encantava cada vez mais por Deus. As aulas me emocionavam, eu ficava embevecida com tantas maravilhas que apreendia a cada dia. Meu desejo era de levar esse conhecimento a todos.

No final da graduação, o título da minha monografia foi “Fenômenos Sensíveis na Experiência Cristã”, na qual eu pude dar início à investigação do fenômeno religioso da glossolalia na experiência cristã dos primórdios, com a intenção de traçar a sua identidade e avaliar sua pertinência ou não nos tempos

atuais. Ao terminar a monografia, tive o desejo de dar continuidade, pesquisando a respeito do êxtase na experiência cristã, pois percebi que a glossolalia é uma fala extática e que alguns estudiosos argumentam que o carisma das Línguas consiste na capacidade de produzir uma fala extática que é inarticulada, ou seja, é uma fala que não está classificada em nenhum idioma conhecido e cujo som não consiste em palavras e nem em expressões gramaticais.¹

Com isso, esta pesquisa não será a respeito de um único carisma, mas a respeito da dimensão extática da Igreja. Pelo viés teológico sistemático pastoral vamos dar início à nossa pesquisa dentro da seguinte perspectiva:

Veremos que, na revelação hebraico-cristã, Deus Trino envolve toda a humanidade com seu amor e estabelece uma relação entre Ele e o ser humano. Nesta relação, Deus tem o desejo de se comunicar com o ser humano e, ao mesmo tempo, este tem a necessidade de acolhê-Lo e de se comunicar com Ele. Esta necessidade manifesta-se, no arco da história das religiões, de formas diversas, e o êxtase é uma delas. Por essa razão investigaremos o papel que o êxtase tem na experiência religiosa cristã primitiva.

Com isso, iniciaremos a nossa pesquisa analisando o êxtase no antigo Israel, pois acreditamos que a experiência cristã encontra nesse o seu fundamento. Contudo, teremos que olhar para algumas experiências religiosas de outros povos que tiveram contato com Israel direta ou indiretamente, para ser possível entender a experiência extática veterotestamentária. Temos a intenção de mostrar que o êxtase é uma legítima expressão dentro de uma estrutura religiosa.

Por essa razão, a pesquisa irá abranger o êxtase de tipo xamânico, com algumas experiências do Antigo Oriente Próximo e na apocalítica judaica, apresentando como a fé judaica foi capaz de construir um rosto próprio para o seu fenômeno extático. Sendo assim, o movimento extático em Israel e o movimento extático nas comunidades cristãs primitivas têm o mesmo processo de continuidade e descontinuidade, e esses fenômenos ingressaram na apocalíptica cristã primitiva.

Seguiremos pesquisando a presença do Espírito Santo na vida de Jesus, desde a encarnação até a ressurreição, mostrando que na vida humana de Jesus é revelada o mistério das relações entre o Filho e o Espírito. Em seguida, será abordada a presença do Espírito Santo na vida da Igreja dos Atos dos Apóstolos e na Igreja de

¹ NJIRU, P. K., Charisms and the Holy Spirit's activity in the Body of Christ, p. 168.

Corinto, onde o Espírito Santo era compreendido como inspirador de uma alegria carismática nas comunidades. Era uma Igreja inclusiva, onde os carismas transbordavam e todos glorificavam a Deus, e a cada dia mais e mais pessoas se juntavam a eles. Os textos bíblicos que iremos estudar nessa parte da pesquisa serão Atos 2,1-13 e 1Cor 12-14, por meio dos quais veremos os milagres e prodígios acontecendo abundantemente. Contudo, neste segundo texto, Paulo será apresentado como disciplinador da glossolalia, mesmo sendo a glossolalia o fenômeno de comunicação que marcou a difusão do cristianismo a partir de Pentecostes.

Veremos que, ao longo do tempo, começam as perseguições e as heresias e a Igreja passa por momentos de bastante hostilidade. Devido às dificuldades enfrentadas, vem a necessidade da sistematização, a qual provoca o enfraquecimento da dimensão extática e os carismas caem no esquecimento, pois o momento é de defender a fé pela razão, dando início aos escritos apologéticos e aos dogmas. Com isso surgem as sumas e aumenta a sistematização. A doutrina passa então a ser totalmente racional e o *kerigma* cristão perde lugar para a filosofia moral, havendo assim o declínio da Igreja Extática.

Diante desse quadro, vamos mostrar como o Espírito Santo está sempre presente na história da humanidade e da Igreja. Por essa razão, é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II, dando início a uma grande reviravolta na Igreja e ao retorno às fontes, ou seja, ao reavivamento da Igreja extática, e, por conseguinte, as manifestações dos carismas retornam. Dessa forma, o Espírito Santo volta a mover na Igreja, dando início à Renovação Carismática Católica, um dos frutos do concílio.

Vamos fazer um breve relato histórico do início da RCC e sua expansão pelo mundo, chegando até o Brasil. Mostraremos as críticas e controvérsias que teve que enfrentar, acabando por se sistematizar e hierarquizar. O que começa com o mover do Espírito na Igreja, passa a ser um movimento eclesial e uma ação pastoral na Igreja local da qual faz parte.

Fecharemos a nossa dissertação apresentando os riscos e possibilidades pastorais atuais para a dimensão extática, em que se faz necessário apresentar uma reflexão teológica nova, pois apesar de estarmos enfrentando uma transição epocal, a proposta cristã permanece a mesma e é urgente que recuperemos o projeto de Jesus Cristo. É preciso reagir, é o momento de nos mobilizarmos e juntarmos força,

coragem e ânimo, e cheios do Espírito Santo sentirmo-nos impelidos a levar a “Boa Nova” aos pobres, a libertação para os oprimidos, a luz para os cegos, a cura para os enfermos. Enfim, precisamos ser profetas da compaixão de Deus, assim como Jesus de Nazaré.

Devemos ouvir e seguir as orientações do Papa Francisco:

Contudo, não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas preestabelecidas ou com palavras concretas que expressem um conteúdo absolutamente invariável. Transmite-se de formas tão diversas que seria impossível descrevê-las ou catalogá-las, e cujo sujeito coletivo é o povo de Deus com seus gestos e sinais inumeráveis. [...] Enfim, o que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa como categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com essa cultura. Embora estes processos sejam sempre lentos, às vezes o medo paralisa-nos demasiado. Se deixarmos que as dúvidas e os medos sufoquem toda a ousadia, é possível que, em vez de sermos criativos, nos deixemos simplesmente ficar cômodos sem provocar qualquer avanço e, neste caso, não seremos participantes dos processos históricos com a nossa cooperação, mas simplesmente espectadores de uma estagnação estéril da Igreja.²

² EG 129.

2

A experiência extática como uma forma religiosa: alguns antecedentes históricos

Desde a criação, Deus Trino transborda o seu amor, que envolve a humanidade e estabelece uma relação com o ser humano, pois Ele tem o enorme desejo de se comunicar com o ser humano. Por sua vez, o ser humano é impulsionado a estar na presença de Deus e a comunicar-se com Ele.

Esta relação e necessidade de comunicação expressa-se, no arco da história das religiões, de diversas formas. Uma delas é o êxtase. Por essa razão, neste capítulo, decidimos investigar o papel que o êxtase tem na experiência religiosa cristã primitiva.

Iniciaremos, para tanto, por analisar o êxtase no antigo Israel, por acreditarmos que a experiência cristã encontra nesse o seu fundamento. Contudo, não é possível entender a experiência extática veterotestamentária sem olharmos para algumas experiências religiosas de outros povos com os quais indireta e ou diretamente Israel veio a ter contato.

Optamos por iniciar essa parte da pesquisa apresentando alguns traços característicos do êxtase de tipo xamânico no Período Paleolítico. Nessa modalidade extática, o xamã recebe da divindade uma linguagem secreta que, ao ser utilizada, veicula a descida dos espíritos, conduzindo o xamã a profetizar. Tal técnica arcaica do êxtase faz com que o xamã saia do “mundo racional” e entre num “mundo espiritual”, sem, contudo, perder a sua consciência. Por permanecer consciente, ele é capaz de receber mensagens divinas e interpretá-las como o querer dos deuses para os humanos.

A pesquisa seguirá investigando a tradição extática de alguns povos antigos do Oriente “produtores de profecias”, com os quais Israel estabelece algum tipo de relação. Isso nos permitirá traçar uma linha entre tais experiências e o movimento extático divinatório em Israel. Nossa intenção é mostrar que o êxtase é uma legítima expressão, dentro, porém, de uma estrutura religiosa que é complexa e, conseqüentemente, mais ampla que ele. Em outras palavras, o êxtase não é um fenômeno isolado, mas sempre acompanha e, ao mesmo tempo, é acompanhado pelas demais construções religiosas que a pessoa humana intenciona produzir para experimentar e traduzir a secreta, íntima e misteriosa presença de Deus. Como

fenômeno de “tradução”, o estado extático nunca é para proveito próprio, mas está sempre relacionado aos mecanismos de apresentação da ajuda divina daquele que dela tem necessidade.

2.1 O êxtase no antigo Israel

Em seu desejo de autocomunicação, Deus usa de “acontecimentos e palavras intrinsecamente conexos”³ para que a sua economia de revelação manifeste-se. Por isso, desde o início, houve uma ação reveladora de Deus que se concretiza nos acontecimentos históricos. A palavra de Deus é uma ordem, a qual nem o caos pode resistir:

Deus disse: “Haja Luz, e houve a luz” [...] Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, e Deus chamou ao firmamento “céu” (Gn 1,3;6-7).

O salmista atesta que “o céu foi feito com a palavra de YHWH” (Sl 33,6). Deus criou o ser humano livre: “desde o princípio ele criou o homem e o abandonou nas mãos de sua própria decisão” (Eclo 15,14), ou seja, Deus torna o homem dono de suas próprias ações e “a história é a grande ação coletiva dos homens”.⁴

“Falando por intermédio de um homem, fá-lo à maneira dos homens e, falando assim, é a nós que Ele procura”.⁵ Por esta razão Deus quis precisar da linguagem humana para manifestar a sua presença. Em suas múltiplas potencialidades comunicativas, o ser humano encontra-se constantemente em relação com Deus, com o sobrenatural. Já no início, o ser humano busca as artes mânticas para conhecer a vontade do divino e, assim, orientar o seu agir.⁶

Conhecer a vontade da divindade torna mais fácil a condução da própria vida. Para obter tais conhecimentos, o ser humano lança mão dos procedimentos mânticos, valendo-se da adivinhação intuitiva ou técnica. Nessa, “o adivinho chega a resposta às questões colocadas através de meios cuidadosamente dispostos por ele mesmo, de técnicas que ele aprende a utilizar”.⁷

³ DV 2.

⁴ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S.; Profetas I: Isaías e Jeremias, p. 13.

⁵ AGOSTINHO, Cidade de Deus, XVII,6,2.

⁶ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel, p. 11.

⁷ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 11.

Contudo, não existem somente os procedimentos técnicos, em muitos casos, difíceis de serem quantificados; o ser humano entra em estado de conhecimento divino por meio da adivinhação intuitiva ou natural. Nela, “o mediador busca comunicação com os mortos ou recebe inspiração da divindade através de sonhos ou êxtases (visões, audições)”.⁸

O êxtase encontra-se, portanto, dentro da gama dos procedimentos de adivinhação religiosa intuitiva. Isso nos permite categorizar o “êxtase” como:

Transe ou estado de arrebatamento com efeitos sensíveis. O termo foi empregado, a princípio, no sentido de saída de si mesmo, abandono dos laços que unem o espírito ao material. Segundo Plotino, permite o contato com o divino. No entanto, para Plotino e o neoplatonismo em geral, tal estado não significa a supressão do racional e a fusão da irracionalidade. O êxtase permitia atingir um elemento suprarracional. Diferentes religiões trataram desse estado. A Bíblia refere-se frequentemente a esse fenômeno. A hagiografia cita-o na vida dos santos. A escola mística espanhola, de S. Teresa e S. João da Cruz, deixou descrições minuciosas e explicações sobre o êxtase. A Teologia cristã admite os tipos de êxtase: sobrenatural, natural e demoníaco.⁹

Etimologicamente, a palavra “êxtase”, no âmbito histórico-religioso, indica o “sair fora de si”, o “estar fora de si”¹⁰. Segundo Rosileny Alves dos Santos:

No grego, o termo *ekstasis* provém da junção de uma preposição *ek* com o substantivo *stasis*. A preposição indica a origem ou a separação assumindo o sentido “de”, “a partir de”. E o substantivo *stasis* indica, em seu sentido primário, a “existência”, o “ser”. Nesse sentido, *ek-stasis* tende a ser o “estar fora de si”, a “confusão”. Mas há que considerar que o termo *stasis* também significa “rebelião” ou “descontrole” ou até “contestação”. Agrupando a esse sentido de *stasis* a preposição *ek-*, obtém-se um sentido de *ek-stasis* como uma saída desse estado de descontrole. Daí por que se indicar para êxtase tanto o sentido de “confusão” quanto o de “admiração”, ou de encantamento. Além do sentido citado anteriormente, no grego ainda se usa *ekstasis* para excitação corpórea, associada ao estado de “fora de si”.¹¹

Aprofundando um pouco mais a conceituação de êxtase, Boutroux observa que o estado extático se dá quando interrompe-se “toda a comunicação com o mundo exterior, a alma tem o sentimento de que se comunica com um objeto interno que é o ser perfeito, o ser infinito, Deus... O êxtase é a reunião da alma com o seu objeto”.¹²

⁸ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 12.

⁹ SCHLESINGER, H.; PORTO, H. Êxtase. In: SCHLESINGER, H; PORTO, H. Dicionário enciclopédico das religiões, p. 1039.

¹⁰ SUDBRACK, J., Êxtase. In: BORRIELLO, L. et al. Dicionário de Mística, p. 411-413.

¹¹ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase. Experiência religiosa e estados alterados de consciência, p. 34-35.

¹² BOUTROUX. Lê mysticisme. Apud: SANTOS, R. A. Entre a razão e o êxtase. Experiência religiosa e estados alterados de consciência, p. 37.

Há uma diferença entre transe e êxtase que se dá no nível da consciência. Ao entrar em êxtase, a pessoa não perde a consciência, ou seja, não perde o contato com a realidade a sua volta. Contudo, não há registro de consciência durante o transe, isto é, há uma dissociação mental parcial ou completa e quase sempre acompanhada de alucinações e de uma falta de movimento voluntário. Este estado pode variar, dependendo do grau de intensidade, diferenciando-se de acordo com a circunstâncias em que ocorre o transe.¹³

Analisaremos, a seguir, o êxtase de tipo xamânico do Período Paleolítico, e em seguida estudaremos a tradição extática de alguns povos antigos do Oriente. Nosso objetivo, com isso, é estabelecer uma ligação entre tais experiências e o movimento extático divinatório em Israel, que está no centro de nossa investigação, nesse momento.

2.1.1. O êxtase de tipo xamânico

Segundo a arqueologia, há presença do ser humano, das planícies do vale do Nilo às montanhas do norte do Iraque, desde os começos da Era Paleolítica.¹⁴ Esse é exatamente o espaço geográfico onde se desenrola o evento histórico salvífico judeu-cristão. Por essa razão, decidimos iniciar nossa pesquisa investigando alguns aspectos do êxtase de tipo xamânico, pois este desenvolve-se exatamente nessa localização.

Sabemos que os Paleantropídeos possuíam crenças e rituais religiosos. Apesar de não podermos determinar, com exatidão, o conteúdo dessas práticas, as pesquisas arqueológicas identificaram que, por exemplo, nos sepultamentos, existia um componente religioso, uma vez que os corpos eram salpicados com ocre vermelha e acompanhados por alguns objetos de adorno. A presença desses objetos pode denotar uma crença na sobrevivência pós-morte, onde o defunto continuaria a realizar as mesmas atividades deste mundo, no outro.¹⁵

Ao lado dos túmulos, foram encontrados crânios e ossadas de animais, que parecem demonstrar não só a crença na imortalidade, mas a existência de refeições rituais ou de oferendas.¹⁶ O Período Paleolítico é rico, também, em gravuras,

¹³ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 40-41.

¹⁴ BRIGHT, J., História de Israel, p. 42.

¹⁵ ELIADE, M., História das crenças e das ideias religiosas, p.28.

¹⁶ ELIADE, M., História das crenças e das ideias religiosas, p.28.

pinturas e estatuetas. Todo esse conjunto nos possibilita afirmar que tais experiências humanas estão carregadas de uma intencionalidade religiosa. Embora não possamos precisar o autêntico sentido religioso dessas práticas, é inegável que possuíam valor ritual e de comunicação com o mundo sobrenatural.

No Período Neolítico, onde a agricultura passou a ser cultivada e houve a transição da habitação das cavernas para a vida sedentária, teve início a construção de aldeamentos permanentes. Segundo Bright, “uma vez que não pode haver civilização sem estes, podemos afirmar que foi nesta época que começou a marcha da civilização”.¹⁷ Para a nossa pesquisa, é interessante observar que um dos mais antigos aldeamentos permanentes que se conhece é o descoberto nos níveis mais baixos da colina de Jericó.

Durante muitos séculos, pouco havia lá a não ser insignificantes cabanas, que podem representar não mais do que uma longa série de acampamentos ocasionais. Por fim, estes acampamentos cederam lugar a uma cidade permanente, que continuou por muitos níveis de edificação em duas fases distintas, representando talvez duas populações sucessivas, e que revela uma cultura Neolítica antes da invenção da louça de barro. (...) E não podemos chamá-la de primitiva. Durante muito tempo de sua história, a cidade era protegida por uma fortificação maciça de pedra.¹⁸

Neste aldeamento, encontraram-se figuras de mulher feitas de argila, como também de animais domésticos, sugerindo a prática do culto da fertilidade. Foram descobertas também estátuas únicas de argila em moldura de junco, em grupos de três, sugerindo que “provavelmente representassem a tríade antiga, a divina família: pai, mãe e filho”,¹⁹ indicando que deuses montanhesees eram adorados em Jericó Neolítico. Encontrados, também, foram esqueletos humanos que eram sepultados, geralmente debaixo do piso das casas, “com feições modeladas em argila e conchas no lugar dos olhos. Estes esqueletos serviam indubitavelmente para fins de culto (possivelmente alguma forma de adoração dos antepassados)”²⁰.

É dentro desse contexto de articulação entre a experiência humana e a comunicação com o divino, que é atestado o êxtase de tipo xamânico. Por meio desse êxtase, existe a possibilidade de o corpo humano ser possuído pela alma de um morto, de um animal, de um espírito ou até por um deus,²¹ pois a alma seria

¹⁷ BRIGHT, J., História de Israel, p. 43.

¹⁸ BRIGHT, J., História de Israel, p. 44.

¹⁹ BRIGHT, J., História de Israel, p. 44.

²⁰ BRIGHT, J., História de Israel, p. 44.

²¹ ELIADE, M., História das crenças e das ideias religiosas, p.42-43.

capaz de abandonar o corpo e viajar pelo mundo, encontrando seres sobre-humanos, capazes de ajudá-la e/ou abençoá-la.

O xamanismo é uma das expressões religiosas mais antigas que conhecemos. Segundo Marcel de Lima Santos, ele é uma prática cuja técnica comunicativa mais importante é o êxtase. De fato, o xamã, como líder espiritual da tribo, ao entrar em êxtase, pode sair do “mundo racional” e entrar no “mundo espiritual”, sem, contudo, perder a sua consciência. Neste estado extático, ele recebe mensagens inatingíveis pela sua consciência normal.²²

Nos lugares onde a experiência extática é entendida como experiência religiosa, o xamã é definido como o mestre do êxtase. Daí deriva a compreensão de Mircea Eliade, de que o xamanismo, em seu todo, seja uma técnica do êxtase.²³

O estado extático do xamã é alcançado por técnicas, como o jejum, a solidão, a ingestão de plantas sagradas, cantos acompanhados pelo ritmo do tambor, e também por *performances* dramáticas. Ao atingir o estado de consciência extática, o xamã passa a ter acesso aos mistérios do mundo sobrenatural. A alma do xamã deixa o seu corpo e é levada ao paraíso ou ao inferno. Este estado extático nunca é para proveito próprio, mas sempre com objetivo de ajudar aquele que o procura.²⁴

O xamã aprende a linguagem secreta com um mestre ou diretamente dos espíritos. A origem dessa linguagem é a imitação das vozes dos animais, principalmente dos pássaros. Cada xamã tem o seu canto próprio para se comunicar com os espíritos e com os “espíritos-animais”. Ao utilizar a língua secreta, acontece a descida dos espíritos e, conseqüentemente, o xamã tem a capacidade de profetizar. Pelo fato de o xamã usar a linguagem secreta, ele pode movimentar-se na terra, no céu e no inferno, ou seja, pode circular por onde só os mortos ou os deuses têm acesso.²⁵

Consideramos interessantes as afirmações feitas por Mircea Eliade:

Nunca será demais repetir que não há a menor probabilidade de se encontrar, em parte alguma do mundo ou da história, um fenômeno religioso “puro” e perfeitamente “original”. Os documentos paleoetnológicos e pré-históricos de que dispomos não vão além do paleolítico, e nada justifica supor que, durante as centenas de milhares de anos que precederam a mais remota Idade da Pedra, a humanidade não tenha conhecido vida religiosa tão intensa e tão variada quanto nas épocas ulteriores. É quase certo que pelo menos parte das crenças mágico-religiosas da

²² SANTOS, M. L., Xamanismo: a palavra que cura, p.19-22.

²³ ELIADE, M., O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 16.

²⁴ SANTOS, M. L., Xamanismo: a palavra que cura, p. 23-24.

²⁵ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 115-118.

humanidade pré-lítica se tenha conservado nas concepções religiosas e mitológicas ulteriores. Mas também é muitíssimo provável que essa herança espiritual da época pré-lítica não tenha cessado de sofrer modificações, em decorrência dos numerosos contatos culturais entre as populações pré-históricas e proto-históricas. Assim, em nenhuma parte da história das religiões lidamos com fenômenos “originais”, pois a “história” ocorreu em todos os lugares, modificando, refundindo, enriquecendo ou empobrecendo as concepções religiosas, as criações mitológicas, os ritos, as técnicas do êxtase.²⁶

Embora não nos seja possível afirmar que haja uma influência direta do xamanismo primitivo na experiência religiosa do Antigo Oriente, é possível supor, a partir das observações de Eliade, que o fenômeno extático do Antigo Oriente não seja “puro”, mas o fruto de uma refusão que não nos é possível, por razões metodológicas, aferir. Aquilo que aqui nos interessa é destacar os possíveis pontos de contato entre o xamanismo primitivo e as experiências extáticas de alguns povos orientais. Esse é o objetivo da nossa próxima investigação.

2.1.2. Algumas experiências do Antigo Oriente

A partir de alguns fragmentos de papiro egípcio, Schökel e Sicre Diaz defendem a tese de que o Egito seja o modelo de profecia ampliado e aprofundado por Israel. Para eles, existe uma relação formal entre profecia egípcia e profecia israelita. Essa associação tem como fundamento as mesmas características de raciocínio, ou seja, a ameaça e a promessa: “existem oráculos egípcios que consideram sua terra como oprimida pelo inimigo, como também oráculos nos quais um chefe militar abençoado por Deus instaura a ordem e o direito”.²⁷

Segundo Von Rad, o movimento extático divinatório chegou a Israel por meio das religiões cananeias, pois posteriormente à conquista de Canaã é que apareceram exaltados em Israel. Para ele, o movimento extático divinatório surgiu no século XI a.C., na Síria e na Palestina.²⁸

Embora não encontremos longos textos proféticos acerca do universo profético hitita e siro-palestinense,²⁹ Maria de Lourdes Corrêa Lima apresenta três relatos de êxtase profético proveniente daquela região. O relato mais antigo, datado do século XI a.C., é de grande importância para testemunhar que, na região próxima

²⁶ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 24.

²⁷ ALONSO SCHÖKEL, A., DIAZ, J. L.S., Profetas I: Isaías e Jeremias, p. 26.

²⁸ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p. 12.

²⁹ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 33.

de Israel e numa época equivalente ao período de Samuel, havia a presença deste fenômeno.³⁰

O relato descreve a viagem do egípcio Wen-Amon. Este egípcio narra que indo a caminho de Biblos à procura de madeira para construção do barco cerimonial do deus Amon, não foi bem acolhido pelo príncipe da cidade. Nesta circunstância, aparece um jovem que entra em êxtase e comunica uma mensagem:

E o (príncipe) de Biblos enviou-me [um mensageiro], dizendo: Sai (de meu) porto. E eu lhe enviei [um mensageiro], dizendo: Para onde (eu iria)? (...) Se (tu tens um navio) para me levar, que me leve novamente para o Egito! Assim eu passei vinte e nove dias em seu (porto, enquanto) ele (passou) o tempo enviando-me todo dia [um mensageiro] para dizer: Sai (do) meu porto! Então, enquanto ele apresentava uma oferta aos seus deuses, o deus apoderou-se de um de seus jovens e o possuiu. E ele lhe disse: “Traze (o) deus! Faze vir o mensageiro que o carrega! Amon foi quem o enviou! Ele foi quem o fez vir! E enquanto o (jovem) possesso estava tendo seu delírio nesta noite, eu tinha (já) encontrado um navio que ia para o Egito e tinha carregado nele tudo que eu possuía. (...)”³¹

O segundo relato é do início do século VIII a.C. e encontra-se na inscrição do rei Zakir de Hamat. Este relato fala de um vidente que tranquiliza o rei dando-lhe a garantia da proteção de seu deus.³²

O terceiro encontra-se nos fragmentos em Deir ‘Alla, do final do século VIII a.C. O conteúdo refere-se às maldições e aos maus presságios proferidos por um vidente chamado Balaão, filho de Beor.³³

Os textos proféticos mais significativos provêm do ambiente babilônico: dois pequenos textos de Eshnunna, os textos de Mari e as profecias neoassírias. Os textos de Eshnunna apresentam dois oráculos da deusa Kititum ao rei Ibalpiel II (1779-1765 a.C.), prometendo-lhe paz e prosperidade durante seu reinado.³⁴

No mesmo período, em uma cidade-estado chamada Mari, à margem do rio Eufrates, foram encontradas várias tábuas de argila da época do rei Zimri-Lim, (1779-1757 a.C.). Cinquenta destas tabuinhas relatam oráculos proféticos. São os “relatos epistolares feitos a Zimri-Lim pelos funcionários reais”.³⁵ Nos textos de Mari há descrições bastante detalhadas a respeito da comunicação da divindade com o profeta, que se dá através de sonhos, visões e êxtase.³⁶

³⁰ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 34-35.

³¹ Crônica de viagem do egípcio Wen-Amon. In: LIMA, M. L., Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel, p.34-35.

³² LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 35-36.

³³ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 35-36.

³⁴ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 36-37.

³⁵ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 37.

³⁶ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 37.

Num dos textos de Mari, há uma narrativa que fala que o *Muhhum* (adivinho), através de sonho, conhece a decisão do deus sírio Hadad. Ele transmite a decisão recebida dizendo que é da vontade de Hadad a nomeação do rei, acrescentando que quando for do seu agrado, Hadad poderá também depor o rei.³⁷

Existem também os textos proféticos neoassírios da época dos reis Assaradon (680-669) e Assurbanipal (668-627). São 33 profecias dirigidas ao rei e à rainha, ao herdeiro do trono e ao povo. Nestes oráculos são mencionados profetas e profetisas que exercem suas funções na corte, como também figuras proféticas com títulos e outras sem títulos, que estão indicadas pelo seu nome próprio ou pelo seu lugar de origem. Estão relacionadas à deusa Ishtar, de Arbela. Profetizam por meio de visões e sonhos. O conteúdo principal de suas profecias refere-se às promessas de salvação para o rei.³⁸

É possível identificar, também, que na Grécia Antiga houve a tradição extática. Aríteas de Proconeso, ao entrar em êxtase, tem sua alma arrebatada por deus e acompanhada por Apolo no formato de um corvo, aparecendo ao mesmo tempo em lugares distintos.³⁹ Tal relato lembra as transformações xamânicas que já mencionamos em nossa pesquisa.

Também existe documentação sobre Hermotimos de Clazômenas, que, em estado de êxtase, ficava fora do seu corpo por muitos anos. Ao retornar, tinha adquirido o conhecimento profético acerca do futuro,⁴⁰ nos recordando, assim, em muito, algumas características, como vimos anteriormente, do êxtase xamânico do período primitivo.

Mircea Eliade, inclusive, traça paralelos entre a lenda de Epimênides de Creta e o êxtase xamânico e afirma certa influência do segundo na tradição religiosa da Trácia:

Vale lembrar também a lenda de Epimênides de Creta. Ele “dormia” durante muito tempo nas cavernas de Zeus, no monte Ida, onde jejuara e aprendera a ter êxtases prolongados. Saíra da caverna dominando a “sabedoria entusiasta”, ou seja, técnica extática. Então, “começou a percorrer o mundo, praticando a arte de curar, prevendo o futuro na qualidade de vidente extático, explicando o sentido oculto do passado e afastando, na qualidade de sacerdote purificador, os males enviados pelos demônios pelos crimes especialmente graves”. O isolamento na caverna (= descida aos Infernos) é uma prova iniciática clássica, mas não é necessariamente “xamânica”. São os êxtases de Epimênides, suas curas, seus poderes divinatórios e proféticos que

³⁷ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p. 15.

³⁸ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 40.

³⁹ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 423.

⁴⁰ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 423.

o aproximam dos xamãs (...). Não há dúvida de que outros elementos ‘xamânicos’ persistiam na religião trácia.⁴¹

Em sua pesquisa, Eliade faz-se menção, também, a um outro elemento: a escada. Ela é entendida como canal entre o mundo dos homens e o dos deuses.⁴² O sacerdote-rei das tribos trácias, Kosingas, diz que subiria uma escada de madeira até a deusa Hera, para apresentar-lhe uma reclamação sobre o comportamento dos seus súditos. O símbolo de subir ao céu por uma escada é de forte influência xamânica, e “também pode ser encontrado em outras religiões do Oriente Próximo e do Mediterrâneo”.⁴³

A escada é usada para ascensões humanas ao céu, descida dos deuses à terra e subida da alma dos defuntos. Existem muitos relatos que se referem à existência de uma escada. Eliade menciona que quando o xamã é chamado para tratar de um doente, ele fixa uma escada no meio do quarto do doente que vai do chão até o teto, a fim de que os espíritos desçam e possuam o xamã para a realização da cura.⁴⁴

Outro elemento do fenômeno extático dos povos do Antigo Oriente, semelhante à escada, é a “passagem difícil”. Este símbolo está presente em muitos mitos. No centro dessas narrativas, estão presentes elementos de passagem que exigem o esforço ou a perícia do passante: a ponte, a árvore, o cipó, a porta estreita, dentre outros.⁴⁵ Os elementos constitutivos destas narrativas seriam:

a) *In illo tempore*, nos tempos paradisíacos da humanidade, uma ponte ligava a Terra ao Céu e passava-se de um ponto ao outro sem encontrar obstáculos, pois não havia morte; b) uma vez interrompidas as comunicações fáceis entre Terra e Céu, só era possível atravessar a ponte “em espírito”, ou seja, como morto ou em êxtase; c) essa passagem é difícil; em outros termos, está cheia de obstáculos e nem todas as almas conseguem transpô-la; é preciso enfrentar os demônios e os monstros que querem devorar a alma, ou então a ponte se torna estreita como lâmina de navalha à passagem dos ímpios etc.: só os “bons” e, em especial, os iniciados atravessam facilmente a ponte (estes últimos conhecem de algum modo o caminho, pois já passaram pela morte e pela ressurreição rituais); d) certos privilegiados conseguem, porém, atravessá-la em vida, seja em êxtase, como os xamãs, seja “à força”, como certos heróis, seja, enfim, “paradoxalmente”, pela “sabedoria” ou pela iniciação.⁴⁶

Aline Louredo de Mendonça atesta a glossolalia em cultos helenísticos: “Se por helenístico deve-se entender um período histórico específico, então eu diria que é possível falar deste fenômeno muito antes, já que há fortes indícios da sua

⁴¹ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 424-425.

⁴² ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 425.

⁴³ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 426.

⁴⁴ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 527.

⁴⁵ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 523.

⁴⁶ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 523-524.

presença na época clássica”.⁴⁷ Ela diz isso considerando o exemplo de Aristófanes, em que o comediógrafo, ao citar a estreita relação entre o poeta cômico Crátino e Dioniso, menciona a utilização de palavras báquicas que são próprias dos iniciados ao culto do deus do vinho. Podemos entender que palavras semelhantes eram de uso cúlticos, e não de uso cotidiano.⁴⁸

Mendonça também toma como exemplo o historiador Heródoto, que fala a respeito de um episódio ocorrido no templo de Apolo Ptoios, em Tebas, onde o profeta apolíneo começou a vaticinar o oráculo do deus em uma língua considerada bárbara pelos tebanos e foi interpretada por Mis de Êuromos, comandante persa, como sendo língua cária. Cabe ressaltar que o profeta conhecia apenas a língua grega, mas, ao ser revestido pela força do deus, ele profetizou em língua bárbara, ou seja, em cário. O fato de o profeta falar uma língua sem tê-la aprendido foi compreendido por todos que estavam no templo como um sinal visível de Apolo.⁴⁹

Podemos ver, por meio desses exemplos citados por Mendonça, que no contexto histórico clássico grego temos pessoas que são revestidas pelas forças divinas e falam em línguas cúlticas (glossolalia) ou estrangeiras (xenoglacia). Ela afirma, ainda, ter encontrado o fenômeno da glossolalia em vários locais na história da religião, como no culto a Dioniso, no manticismo Delfico, e nas bacantes, entre outros.⁵⁰

Platão, no diálogo com Fedro (244), afirma:

[...] Isto seria verdade se a loucura fosse simplesmente um mal; mas, de fato, obtemos grande bens de uma loucura que seja inspirada pelos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona é em estado de delírio que prestam grandes serviços às pessoas e aos estados da Grécia. Em seus momentos lúcidos praticam somente cousas sem importância, ou nada fazem. E seria supérfluo dizer que a Sibila e outros adivinhos, agindo sob a inspiração divina e predizendo o futuro, corrigiram muitas cousas, como todos sabem. Mas esse fato deve ser mencionado como prova de que também os antigos, inventores dos nomes das cousas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. Deram eles à arte de prever o futuro o nome de “*maniké*”, “*mania*”, considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem. [...] Assim, o dom da profecia suplanta em perfeição e em dignidade a arte dos augúrios, tanto no nome como na própria cousa – assim também o delírio que procede dos deuses é mais nobre que a sabedoria que vem dos homens. Assim nos garantiam os antigos. [...].⁵¹

No Diálogo com Timeu (71d-72b), Platão diz:

⁴⁷ MENDONÇA, A. L., Glossolalia: Dialogando com o Divino, Discursando com o Poder, p. 40.

⁴⁸ MENDONÇA, A. L., Glossolalia, p. 40-41.

⁴⁹ MENDONÇA, A. L., Glossolalia, p. 41.

⁵⁰ MENDONÇA, A. L., Glossolalia, p. 51.

⁵¹ PLATÃO, Diálogos: Ménon-Banquete-Fedro, 244.

[...] Porque as divindades que nos configuraram, lembradas das recomendações paternas para que fizessem a raça mortal tão perfeita quanto possível, procuraram endireitar até mesmo essa porção inferior de nossa natureza, estabelecendo aí a sede da adivinhação, para que ela pudesse atingir, de algum modo, a verdade. A prova de que Deus concedeu aos homens a adivinhação para suprir sua ignorância, é que ninguém no estado normal consegue adivinhar com inspiração e verdade, mas apenas no sono, quando a força do entendimento está presa ou desviada por alguma desordem orgânica, senão mesmo por influência divina. Compete ao mesmo homem, no seu estado normal, procurar lembrar-se das palavras ouvidas no sono ou no estado de vigília, pelo dom profético ou pelo entusiasmo, e sobre elas refletir, submetendo à prova do raciocínio todas as visões percebidas naquelas condições, para saber de que maneira e a quem elas anunciam algum bem ou mal futuro ou passado ou presente. Mas o homem em estado de delírio e que ainda não voltou a si, não apresenta condições para julgar suas próprias visões ou enunciados. É muito verdadeiro o velho brocardo, de que somente aos sábios compete cuidar de seus próprios negócios e conhecer-se a si mesmo. Essa é a origem da lei que instituiu a raça dos profetas para julgar as inspirações divinas. Há quem os chame de adivinhos; mas, os que assim procedem ignoram de todo em todo que eles são intérpretes de palavras e de visões misteriosas; o nome mais certo, portanto, não será o de adivinho, mas o de profeta das coisas reveladas pela adivinhação.⁵²

Percebemos que nas duas passagens previamente citadas, Platão apresenta o que seria profecia e o que não seria profecia. Ele diferencia a profecia inspirada, que acontece em estado de delírio (que é diferenciado de loucura), e a interpretação da profecia vinda do discernimento racional; no entanto, para o discernimento é necessário que a pessoa seja dotada de um dom similar ao do profeta, para obter a interpretação correta da mensagem. Platão mostra que o indivíduo perde a consciência, no momento do delírio, e não pode lembrar-se do ocorrido, indicando que quem fala ou age através dele é a divindade.

Conclui-se que todos esses elementos presentes na tradição religiosa dos povos do Antigo Oriente são considerados capazes de, pela força ritual, estabelecer relações entre o mundo dos deuses e dos humanos. Com isso, estabelece-se a intercomunicação entre a terra e o céu e restaura-se a comunicação que, antes da queda do ser humano, existia entre ele e o mundo divino.⁵³

Embora não nos seja possível atestar uma influência direta, não nos é difícil perceber que tais elementos estejam presentes na tradição bíblica do primeiro Israel. A seguir veremos algumas perícopes que nos permitem identificar as relações entre o movimento extático de alguns povos do Antigo Oriente e o movimento extático em Israel.

⁵² PLATÃO, Diálogos: Timeu-Crítias o 2º Alcíades- Hípias Menor, 71d-72b.

⁵³ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 524.

2.1.3 O movimento extático em Israel

O Antigo Oriente ocupava uma pequena mas bastante privilegiada área localizada no entroncamento entre três regiões — Mesopotâmia, Egito e Síria-Palestina. Esta localização despertava interesse de todas as nações da Antiguidade. Com isso, “a história antiga dos israelitas desenrolou-se, em geral, dentro da estrutura de uma das ondas migratórias semíticas que emergiram do deserto da Síria e Arábia com o objetivo de penetrar no Crescente Fértil”.⁵⁴ Assim, os israelitas, em sua constituição étnica, são o resultado de uma pluriforme fusão cultural e religiosa que, até o presente, é impossível de ser documentada em sua totalidade.

Como exemplo disso, temos Ex 12,38, que diz: “subiu também com eles uma multidão misturada com ovelhas, gado e muitíssimos animais.” A expressão “multidão misturada” pode ser entendida como um grupo misto, onde nem todos descendiam diretamente de Jacó. É bem provável que nesta “multidão misturada” se encontrassem escravos fugitivos de outros povos, como está escrito no Livro do Levítico: “O filho de uma israelita, cujo pai era egípcio, saiu da sua casa e, ao se encontrar no meio dos israelitas, no acampamento, contendeu com um homem que era israelita” (Lv 24,10). Podemos ver, com isso, que há “sangue” egípcio em Israel, como também “sangue” madianita. Em Nm 10,29-32 narra-se que o clã de Habob, filho de Raguel, o madianita, sogro de Moisés, juntou-se a Israel na travessia do deserto.⁵⁵

Mais tarde encontramos os seus descendentes entre Israel (Jz 1,16;4,11) como também entre os amalecitas do Negueb (1Sm 15,6). Além disso, Caleb, que sobressai na tradição e cujo clã se estabeleceu mais tarde na área do Hebron (por exemplo, Js 14,13ss; Jz 1,10-20), é, como Otoniel que ocupou Dabir (por exemplo, Js 15,16-19; Jz 1,11-15), chamado quenizita – isto é, de um clã edomita (cf. Gn 36,11.15). Embora não fossem membros da tribo de Judá, os calebitas vieram a ser reconhecidos como pertencendo a esta tribo, porque se tinham estabelecido entre eles (Js 15,13). Isso não esgota a evidência. Entretanto, é suficiente para mostrar que Israel, mesmo no deserto, recebeu grupos de diversas origens, alguns dos quais não estiveram nem no Egito nem no Sinai, mas foram, por assim dizer, uma espécie de convertidos para Israel.⁵⁶

Em virtude disso, é certo que “nosso conhecimento acerca da religião dos antigos israelitas será sempre limitado. Não existem fontes extrabíblicas, e as

⁵⁴ FOHRER, G., História da Religião de Israel, p. 24.

⁵⁵ BRIGHT, J., História de Israel, p. 170.

⁵⁶ BRIGHT, J., História de Israel, p. 170-171.

narrativas ou notas do Antigo Testamento foram submetidas a repetidas revisões e ampliações”.⁵⁷

De fato, as fontes comumente não falam do “Deus dos pais”, mas do “Deus de meu (teu, seu) pai” (Gn 31,5.29; 43,23; 49,25; 50,17). Essa fórmula de paralelos mesopotâmicos, tanto nos antigos textos assírios (por exemplo, “Eu dirijo uma prece a Asshur, o deus de teu pai”; “erguendo as mãos em favor da felicidade de PN diante do deus de seu [dela] pai”; “uma taça de ouro que pertence aos deuses do pai”) quanto num texto de Mari (“através de deus [ou do nome do deus] de meu pai”). Outros exemplos podiam ser citados. Portanto, as fórmulas encontradas em Gênesis simplesmente sugerem um deus de clã que é anônimo ou que não é mencionado pelo nome e cultuado pelos membros do clã por causa de uma decisão tomada por um de seus antepassados.⁵⁸

Assim sendo, podemos fazer um paralelo entre o movimento extático de Israel e o de alguns povos circunvizinhos já mencionados. Os textos do Antigo Testamento e os textos das regiões vizinhas podem ser colocados em relação.

Os relatos da escada do Oriente próximo podem ser colocados em paralelo com o relato onde Jacó sonha com uma escada que tocava o céu e através dela os mensageiros de Deus subiam e desciam.⁵⁹

Jacó deixou Bersabeia e partiu para Harã. Coincidiu de ele chegar a certo lugar e nele passar a noite, pois o sol havia-se posto. Tomou uma das pedras do lugar, colocou-a sob a cabeça e dormiu nesse lugar. Teve um sonho: Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela! (Gn 28,10-12)

O texto de Mari, citado anteriormente, fala que o *Muhhum* (adivinho) transmite a decisão do deus Hadad de nomear o rei, mas avisa que do mesmo modo que o nomeou, pode também depô-lo. Podemos fazer um paralelo com o texto do Livro de Samuel, o qual mostra que, por decisão de YHWH, Samuel ungiu Saul:

Então Samuel pegou o frasco de azeite e o derramou sobre a cabeça de Saul, abraçou-o e disse-lhe: “Não foi YHWH que te ungiu como chefe de sua herança? És tu que julgarás o povo de YHWH e o livrarás das mãos dos seus inimigos ao redor. E este é o sinal de que YHWH te ungiu como chefe da sua herança. (1Sm 10,1-2)

Mas, também, é o próprio YHWH que ordena a destituição do rei, em virtude de sua desobediência. Fazendo a vontade do povo, Samuel dirige-se até o monarca e declara o fim de seu governo:

Samuel, porém, disse a Saul: “Fica quieto. Eu vou te anunciar o que YHWH me declarou esta noite”. Ele disse: “Fala!” Então Samuel disse: “Por menor que sejas aos teus próprios olhos, não és o chefe das tribos de Israel? YHWH ungiu-te rei sobre Israel. Ele te enviou em expedição e te disse: “Parte! Vota ao anátema esses

⁵⁷ FOHRER, G., História da religião de Israel, p. 35.

⁵⁸ FOHRER, G., História da religião de Israel, p. 35-36.

⁵⁹ ELIADE, M., O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, p. 529.

pecadores, os amalecitas, faze-lhes guerra até que sejam exterminados”. Por que não obedeceste a YHWH? Por que te precipitaste sobre os despojos e fizeste o que é mau aos olhos de YHWH?” (...) Mas Samuel replicou: “YHWH” se compraz com holocaustos e sacrifícios como com a obediência à palavra de YHWH? Sim a obediência é melhor do que o sacrifício, a docilidade mais do que a gordura dos carneiros. Pecado de adivinhação, eis o que é a rebelião, um crime dos terafim, eis o que é a presunção! Porque rejeitaste a palavra de YHWH, ele te rejeitou: não és mais rei!” (1Sm 15,16-19;22-23)

A mesma influência do texto de Mari pode ser percebida na continuação do Livro de Samuel, quando YHWH dá a ordem para a unção de um novo rei (Davi):

Ele perguntou a Jessé: “Acabaram os teus filhos?” Ele respondeu: “Falta ainda o menor, que está tomando conta do rebanho.” Então Samuel disse a Jessé: “Manda procurá-lo, porque não nos sentaremos à mesa enquanto ele não estiver presente”. Jessé mandou chama-lo: era ruivo, de belo semblante e admirável presença. E YHWH disse: “Levanta-te e unge-o: é ele!” Samuel apanhou o vaso de azeite e ungiu-o na presença dos seus irmãos. O espírito de YHWH precipitou-se sobre Davi a partir desse dia e também depois. Quanto a Samuel, ele se pôs a caminho e partiu para Ramá. (1Sm 16,11-13)

Ainda no Livro de Samuel, consideramos interessante a narrativa da experiência extática religiosa de Ana. Trata-se de uma mulher estéril que deseja imensamente ter um filho e que, por essa razão, vive em grande dor. Apelando às forças exclusivas de YHWH, ela começa a orar de maneira intensa e peculiar. Seu modo “pouco ortodoxo” de oração causa estupor e perplexidade no sacerdote Eli, que a julga de maneira indevida:

Como prolongasse sua oração a YHWH, Eli observava a sua boca. Ana apenas murmurava: seus lábios se moviam, mas não se podia ouvir o que ela dizia, e por isso Eli julgou que esta estivesse embriagada. Então lhe disse Eli: “Até quando estarás embriagada? Livra-te do teu vinho!” Ana, porém, lhe respondeu assim: “Não, meu senhor, eu sou uma mulher atribulada; não bebi vinho nem bebida forte: derramo a minha alma perante YHWH”. (1Sm 1,12-15)

Como fruto de sua confiança, Ana encontra-se imersa numa experiência extática. Se grande era sua aflição, grande era o seu clamor aos céus. É tão grande que rompe os cânones religiosos de seu tempo, sendo, por isso, confundida por Eli, que a acusa de embriaguez.

Já na tradição extática precedente, não era incomum encontrar relatos de situações extáticas derivadas de experiências limites e, algumas vezes, negativas. O que chama atenção, nesse relato de Ana, é o fato de estarmos diante de uma

vivência extática, de profunda concentração, de estado emocional conflituado por desejo intenso de alcançar algo inalcançável. Este quadro, associado ao senso religioso da personagem, gerou situação de êxtase.⁶⁰

⁶⁰ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 66-71.

Ana é confundida com uma pessoa embriagada. Mais adiante, em nossa pesquisa, veremos como a mesma incompreensão reaparece no relato de At 2,1-13, no dia de Pentecostes, com relação aos apóstolos.

Os próprios textos bíblicos narram a existência do fenômeno profético nos arredores de Israel. No Livro dos Números, por exemplo, o vidente estrangeiro Balaão, cujas existência e atividade já tinham sido documentadas em fragmentos do Antigo Oriente do final do século VIII, como vimos, reaparece:

Balac, filho de Sefor, viu tudo o que Israel fizera aos amorreus; Moab tomou-se de pânico diante deste povo, pois era muito numeroso. Moab teve pavor dos israelitas; ele disse aos anciãos de Madiã: “Eis esta multidão, que devora tudo ao redor de nós, como um boi devora a erva do campo.” Balac, filho de Sefor, era rei de Moab naquele tempo. Mandou mensageiros para chamar Balaão, filho de Beor, em Petor, que está junto ao Rio, na terra dos filhos de Amaú. Disse-lhes: “Eis que o povo que saiu do Egito cobriu toda a terra; estabeleceu-se diante de mim. Vem, pois, eu te suplico, e amaldiçoa por mim este povo, pois é mais poderoso do que eu. Assim poderemos derrotá-lo e expulsá-lo da terra. Pois eu o sei: aquele que tu abençoa é abençoado, aquele a quem tu amaldiçoa é maldito. (Nm 22,2-6).

No primeiro Livro dos Reis são citados os profetas vinculados às divindades cananeias, explicitamente os profetas de Baal e Aserá:

Abdias foi encontrar-se com Acab e contou-lhe o acontecido; e Acab saiu ao encontro de Elias. Logo que viu Elias, Acab lhe disse: “Estás aí, flagelo de Israel!” Elias respondeu: “Não sou eu o flagelo de Israel, mas és tu e tua família, porque abandonastes os mandamentos de YHWH e seguiste os baais. Pois bem, manda que se reúna junto de mim, no monte Carmelo, todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem à mesa de Jezabel.” Acab convocou todo Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo. (1Rs 18,16-20)

Sabemos que o termo “profeta” deriva “do grego (*prophétes*), composto pela raiz do verbo (*phemí*: falar, declarar) e pelo prefixo (*pro*)”.⁶¹ Existe certo consenso que o ato de profetizar signifique: “falar *antes de*, vaticinar, predizer, interpretando” ou “falar *diante de* alguém”, ou ainda “falar *em lugar de*, *em nome de* alguém”.⁶² Porém, para o nosso estudo, o melhor sentido seria este último, isto é, entendemos que o profeta é o veículo da palavra divina, a ponto de que, se Deus não fala, o profeta não tem o que dizer.⁶³

A experiência profética dá-se quando o profeta está em intimidade com Deus. A *ruah* ou a *dabar* de Deus vem até ele introduzindo-o numa experiência única de mediação. Os seus sentidos são chamados em causa: visão, audição, inspiração

⁶¹ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 13.

⁶² LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 13.

⁶³ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 14.

intelectual. Não raras vezes tal experiência sensorial é acompanhada pelo êxtase. Devemos, contudo, precisar que o êxtase, em Israel, não é jamais um fenômeno privado e/ou atemporal, mas traz consigo a responsabilidade histórica, exigida pelo próprio Deus,⁶⁴ de transmissão de uma mensagem, de um oráculo, ao seu preciso destinatário.⁶⁵

Embora o anúncio do futuro possa fazer parte de sua missão, o profeta não pode ser definido como aquele que prediz o futuro. Seu anúncio não é simplesmente a comunicação de fatos desconhecidos, mas surge de sua experiência de fé, de seu contato com Deus, da revelação divina que o faz compreender para onde a história caminha. Com isto evidencia-se que o profeta encontra-se profundamente radicado na história de seu tempo e fala para uma situação precisa, mesmo que sua palavra possa ultrapassar, em seu sentido, o contexto ao qual se dirige.⁶⁶

É comum, em Israel, vincular a atuação profética ao fenômeno do êxtase. Muito provavelmente porque a profecia, em Israel, tem sua origem (ou ao menos é influenciada) nos movimentos extáticos do Antigo Oriente, como vimos. A vinculação entre as experiências extáticas e a atuação profética é bastante clara nos textos veterotestamentários.⁶⁷ Segundo Schökel-Díaz, isso se dá, porque:

O profetismo hebraico emerge do ambiente religioso e cultural em que Israel vive: o paralelismo com fenômenos análogos de outras religiões esclarece, de certo modo, tanto o modo de “profetizar” dos *nebiim* quanto as técnicas naturais para criar o raptó extático: música, dança, gritos, movimentos violentos etc.⁶⁸

Por essa razão, em 1Samuel, Saul, Davi e outros profetas são apresentados em estado de êxtase. Tais experiências extáticas são mediadas pela música, a dança, o culto, a culpa e o medo.⁶⁹ É o que vemos no capítulo décimo do livro:

Chegarás, então, a Gabaá de Deus onde estão os prefeitos dos filisteus e acontecerá que, entrando na cidade, defrontarás com um bando de profetas que vêm descendo do lugar alto, precedidos de harpas, tamborins, flautas, cítaras, e estarão em estado de transe profético. Então o espírito de YHWH virá sobre ti, e entrarás em transe com eles e te transformarás em outro homem. Quando esses sinais te sucederem, age de acordo com as circunstâncias, porque deus está contigo. (1Sm 10,5-7)

Em seguida, sempre no mesmo capítulo, o texto nos fala que, a partir deste encontro com o bando de profetas vindo do alto, Saul começa a profetizar:

⁶⁴ SCHLESINGER, H; PORTO, H., Experiência profética. In: SCHLESINGER, H; PORTO, H., Dicionário enciclopédico das religiões, p. 1038.

⁶⁵ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 12.

⁶⁶ LIMA M. L., Mensageiros de Deus, p. 14.

⁶⁷ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 76-78.

⁶⁸ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S., Profetas I, p. 30.

⁶⁹ Outro momento extático importante é o do profeta Eliseu. Ele está documentado, em 2Rs 3,15: “No entanto, trouxe-me agora um músico. Ora, enquanto o músico tocava, a mão de YHWH veio sobre Eliseu”. Este relato narra como a música ajuda Eliseu a entrar em estado de êxtase e a profetizar.

Partindo dali, chegaram a Gabaá, e logo um grupo de profetas veio ao seu encontro; o espírito de Deus veio sobre ele, e ele entrou em transe com eles. Quando os que conheciam de longa data o viram profetizando com os profetas, diziam uns aos outros: “Que terá acontecido como o filho de Cis? Está também Saul entre os profetas?” E um do grupo perguntou: “E quem é seu pai?” É por isso que se tornou um provérbio a frase: “Está também Saul entre os profetas?” (1Sm 10,10-12)

Tais relatos de Samuel nos permitem perceber que o estado extático é propiciado por Deus. Numa outra perícopre, vemos como, num impulso incontrolável, a *Ruah* de Deus contagia a comunidade, os mensageiros e o próprio rei:

“Davi está nas celas, em Ramá.” Saul enviou mensageiros para prender Davi, e eles viram a comunidade dos profetas, que estavam profetizando, e Samuel a presidi-los. E logo o espírito de Deus veio também sobre os mensageiros de Saul, que também entraram em transe. Informado do que ocorria, Saul mandou outros mensageiros, os quais entraram também em transe. Saul enviou terceiro grupo de mensageiros, e também eles caíram em transe. Então ele próprio partiu para Ramá e chegou à grande cisterna que está em Soco. Indagou onde estava Samuel e Davi, e lhe responderam: “Estão nas celas em Ramá.” Dali partiu Saul para as celas de Ramá. Mas o espírito de Deus também se apossou dele, e ele caminhou em transe até chegar às celas em Ramá. Também ele se despojou das suas vestes, também ele entrou em transe diante de Samuel e depois caiu no chão, nu, e ficou assim todo aquele dia e toda a noite. Daí o provérbio: “Está também Saul entre os profetas?” (1Sm 19,19-24)

O êxtase não é apenas uma expressão de fé religiosa, mas, também, uma ação social, de forte impacto comunitário. Isso está claramente atestado quando, em 2Samuel, encontramos a cena onde Davi traz a Arca de Deus para sua casa. O estado “eufórico” do Rei é acompanhado por um belíssimo gesto de partilha. Sua efusão de alegria encontra a sua mais profunda tradução na solidariedade com o seu povo. Cantos, danças e louvor estão diametralmente acompanhados de pão, carne e doces:

Davi rodopiava com todas as suas forças diante de YHWH; ele estava cingido com um efod de linho. Davi e toda a casa de Israel fizeram assim a Arca de YHWH subir, aclamando e soando a trombeta. Aconteceu que, entrando a Arca de YHWH na Cidade de Davi, a filha de Saul, Micol, olhava pela janela e viu o rei Davi saltando e dançando diante de YHWH, e, no seu íntimo, ela o desprezou. A Arca de YHWH foi levada e depositada no seu lugar, no meio da tenda que Davi tinha feito armar para recebê-la, e Davi ofereceu holocaustos na presença de YHWH, bem como sacrifício de comunhão. Assim que Davi terminou de oferecer holocaustos e sacrifícios de comunhão, abençoou o povo em nome de YHWH dos Exércitos. Depois distribuiu a todo povo e à multidão toda de Israel, homens e mulheres, a cada um, um pedaço de pão, uma porção de carne e um doce, e em seguida foram-se todos, cada qual para a sua casa. (2Sm 6,14-19)

Ezequiel “foi o primeiro profeta a servir-se extensivamente de tradições não israelitas de caráter originalmente mitológico, primariamente material cananeu-

fenício e mesopotâmico”,⁷⁰ e não por acaso, em seus escritos, verificamos a existência de fenômenos extáticos em abundância. Por exemplo, o texto profético gosta de mencionar que a “mão do Senhor estava sobre ele” (Ez 1,3;8,1.3).⁷¹ Na clássica visão dos ossos ressequidos de Ezequiel, podemos notar como a experiência extática é composta por visão, audição e inspiração:

A mão do YHWH veio sobre mim e me conduziu para fora pelo espírito de YHWH e me pousou no meio de um vale que estava cheio de ossos. E aí fez com que me movesse em torno deles de todos os lados. Os ossos eram abundantes na superfície do vale e estavam completamente secos. Ele me disse: “Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?” Ao que respondi: “Senhor YHWH, tu o sabes”. Então me disse: “Profetiza a respeito destes ossos e dize-lhes: ‘Ossos secos, ouvi a palavra de YHWH. Assim fala o Senhor YHWH a estes ossos: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis. Cobrir-vos-ei de tendões, farei com que sejais cobertos de carne e vos revestirei de pele. Porei em vós o meu espírito e vivereis. Então sabereis que eu sou YHWH’”. Profetizei, de acordo com a ordem que recebi. Enquanto eu profetizava, houve um ruído e depois um tremor e os ossos se aproximaram uns dos outros. Vi então que estavam cobertos de tendões, estavam cobertos de carne e revestidos de pele por cima, mas não havia espírito neles. Então me disse: “Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o Senhor YHWH: Espírito, vem dos quatro ventos e sopra sobre estes mortos para que vivam.” Profetizei de acordo como o que ele me ordenou, o espírito penetrou-os e eles viveram, firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército. Então ele me disse: Filho do homem, estes ossos representam toda a casa de Israel, que está a dizer: “Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado”. Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor YHWH: Eis que abrirei os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que eu sou YHWH, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo. Porei o meu espírito dentro de vós e vivereis: eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, YHWH, falei e hei de fazer, oráculo de YHWH. (Ez 37,1-14)

Como podemos perceber, nesta perícopa, a visão profética está acompanhada da capacidade de escuta (vv. 1-11). Em seguida, dá-se a inspiração que leva Ezequiel a interpretar o significado exato da sua visão, em resposta a uma lamentação do povo (v. 11). Rosileny Alves dos Santos afirma que tais momentos extáticos não estavam dissociados do exercício racional: “êxtase e razão não se contradizem, acontecem simultaneamente. Reflexão e emoção acontecem ao mesmo tempo”.⁷²

É possível, nesse texto, identificar uma relação com Gênesis 2,4b-25 que descreve a formação do homem e da mulher através do insuflar “um hálito de vida” (v. 7). Interessante perceber que, na visão de Ezequiel, a palavra “ossos” aparece

⁷⁰ FOHRER, G., História da religião de Israel, p. 395.

⁷¹ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 62-63.

⁷² SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 78.

oito vezes, assim como o termo *ruah*. Scökel-Díaz mostram como os dois elementos estão em contraste. De um lado, está o abatimento humano (os ossos), do outro, o dinamismo de Deus (a *Ruah*). “A palavra de Deus pronunciada pelo profeta dirige e canaliza o dinamismo em dois tempos: o primeiro, acompanhado de tempestade teofânica e o segundo, silencioso”.⁷³

Diante do desânimo e da falta de esperança de seu povo, YHWH o irá reconduzir, libertando do poder opressor da morte/exílio, a fim de o conduzir para uma nova vida/pátria (v. 12), recordando, assim, o que já se manifestava, no “primeiro Êxodo”, quando YHWH revela-se como Aquele que tira e conduz.

A partir de Ez 37,12, percebemos uma mudança. Não nos é mais apresentada a imagem dos “ossos”, mas sim a das “sepulturas”. Diante de um cenário de morte, o profeta tem a vital missão de profetizar. Por isso, o texto apresenta-nos um pronunciamento de salvação, em que Ezequiel insiste no tema da vida. Pois é vida que move o coração apaixonado de Deus e a mesma será transbordada do seu íntimo para o renascimento do seu povo.⁷⁴ Schökel-Díaz diz que:

A interpretação do mesmo profeta é clara; aqui não se fala a respeito de ressurreição, mas sim de libertação e de retorno à pátria. Há algo, porém, não menos evidente: Ezequiel criou um símbolo que se impõe e ultrapassa o propósito imediato do seu autor. Descendo a uma visão biológica da morte, remontando a motivos da criação, operando com o elemento dinâmico do vento (= espírito), o profeta conferiu expressão aos anseios mais radicais do homem, à mensagem mais prazerosa da revelação. A vitória da vida sobre a morte é a mensagem da páscoa: é legítimo que os cristãos leiam esta página de Ezequiel como o símbolo perene da ressurreição.⁷⁵

A associação entre êxtase e razão faz com que a profecia, em Israel, se diferencie das outras formas mânticas dos povos circunvizinhos. A autenticidade e a eficácia do profeta de Israel não têm como fundamento a sua capacitação técnica, mas, sim, a livre e absoluta vontade comunicativa de Deus. Por esta razão, no centro da profecia israelita está a vontade de interlocução divina, e não a arte da interpretação de sonhos, as técnicas visionárias, nem tampouco o poder de se comunicar com o além.

Nesse aspecto, Lima afirma: “ainda que, na profecia, se possa ter acesso à divindade através de sonhos, visões, audições, êxtases, o que caracteriza é que a

⁷³ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S., Profetas II: Ezequiel, Doze Profetas Menores, Daniel, Baruc e Carta de Jeremias, p. 847.

⁷⁴ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L.S., Profetas II, p. 847.

⁷⁵ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S., Profetas II, p. 848.

divindade intervém e comunica algo”.⁷⁶ Em outras palavras, o importante é a revelação que Deus faz através do profeta. Por isso, para a autora, o fenômeno profético se caracteriza pela comunicação da divindade:

Especialmente nos casos em que esta dirige ao profeta uma palavra sem ter sido consultada. Comprova-se, dessa maneira, com maior clareza, não ser a capacidade do mediador a razão do oráculo, mas sim a comunicação livre do ser sobrenatural. O profeta é totalmente subordinado à divindade, que espontaneamente lhe dirige sua alocução. Tal iniciativa divina é frequente na profecia bíblica (cf Os 1,2; Is 6,1-8; Ez 1,1-3), sendo particularmente clara nos casos em que o profeta resiste a aceitar ser o transmissor da palavra divina (cf. Jr 1,4-7;20,7-9).⁷⁷

Ez 14,14.20 e 28,3 falam a respeito de um personagem chamado *Danel*. Segundo Dionísio Oliveira Soares, este personagem é o mesmo mencionado em alguns textos estrangeiros, como em texto de *Ras Shamra*, em Ugarit, do século XIV a.C. Na epopeia de *Aqatu*, aparece também um certo *Dan'el*, honrado por sua justiça e sabedoria. No *Livro dos Jubileus* 4,20 aparece o tio e sogro de Enoque que é trisavô de Noé, *Danel*. O nome Daniel foi tirado de uma história popular judaica existente e tem o significado de “o Senhor é meu juiz” indicando a “justiça personificada”.⁷⁸ O pseudônimo não é um traço essencial do apocalipse; contudo, geralmente se atribui uma obra apocalíptica a um personagem digno, honesto, justo, do passado.⁷⁹

Pela época que o livro de *Daniel* deixa transparecer com seu conteúdo e gênero, ele já não representa mais a corrente profética primitiva, mas o desenvolvimento do apocalipsismo, como se observa também em outras obras do período judaico intertestamentário; “tanto em Enoque quanto em Daniel, o desenvolvimento do tipo histórico de apocalipses está associado com a crise do período Macabeu e envolve uma reapropriação extensa da tradição profética, especialmente em Daniel”.⁸⁰

A palavra “apocalíptico” é derivada do substantivo grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. No entanto, essa definição, por si só, não abarca o sentido que a palavra e seus cognatos tem. “Primeiramente, foi uma expressão técnica que a Igreja Cristã utilizou, a partir do II século d.C., para indicar todo escrito semelhante ao *Apocalipse* canônico, pegando deste o nome para designar o estilo de escrever”.⁸¹ Soares, tomando por base os estudos de Paul D. Hanson, propôs uma distinção tríplice, estabelecendo uma separação entre “apocalipse”, “escatologia

⁷⁶ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 12-13.

⁷⁷ LIMA, M. L., Mensageiros de Deus, p. 13.

⁷⁸ SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel: As relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor, p.122

⁷⁹ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 397.

⁸⁰ SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel, p.127.

⁸¹ SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel, p. 93

apocalíptica” e “apocalipsismo”, que se fundamenta em gênero, cosmovisão e movimento social. Afirma que Hanson usa o termo “apocalipse” para designar o gênero literário, e “escatologia apocalíptica” é entendida como uma perspectiva religiosa, uma cosmovisão.⁸²

Já o *apocalipsismo* está relacionado a “um movimento religioso social” que adota a perspectiva da escatologia apocalíptica: é “um sistema de pensamento produzido por movimentos visionários, construídos sobre uma perspectiva escatológica específica”. Assim, a realidade é vista através do universo simbólico no qual o grupo apocalíptico codifica sua identidade e sua interpretação dessa realidade. Esse universo é desenvolvido como uma forma de protesto contra a sociedade dominante, expressando o senso de “impotência” do grupo frente a essa dominação. Ele serve como resposta a essa situação; esse novo universo simbólico deverá substituir a velha ordem.⁸³

No entanto, para compreender melhor os escritos apocalípticos devemos analisá-los e compreendê-los dentro de seu contexto histórico e seu objetivo. Grande parte destes escritos, inclusive o Livro de Daniel, surgiu na época helenista, época marcada pela conquista de Alexandre, o Grande, com uma política de dominação que tinha como propósito unificar as civilizações Oriental e Ocidental, através da cultura grega, com seu conjunto de ideias e costumes, levando, com isso, os povos de culturas diferentes a se inserirem numa cultura que confrontasse suas crenças e instituições. A apocalíptica judaica é fruto dos conflitos e da resistência ao helenismo que buscava se impor.⁸⁴

A literatura apocalíptica está muito próxima da profética; podemos dizer que os apocalipses são a continuação das profecias, pois os apocalipses aparecem quando a profecia declina.⁸⁵ Tanto que inúmeras passagens dos livros proféticos apresentam um interesse escatológico que é característico da apocalíptica.⁸⁶ Contudo, o fato de tal literatura vir depois da profecia, não significa “que são continuadores, e, menos ainda, que há uma dependência teológica”.⁸⁷

Na literatura profética, o profeta é o homem da palavra; no entanto, a palavra chega até ele por vários meios. A experiência profética articula o sonho, a visão e a interpretação, fazendo com que o profeta receba a visão e ele mesmo a interprete. Na literatura apocalíptica, um personagem recebe a visão ou o sonho e outro a

⁸² SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel, p. 92-95

⁸³ SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel, p. 96

⁸⁴ SOARES, D. O., Hesíodo e Daniel, p. 101.

⁸⁵ ASURMENDI, J., O Profetismo: das origens à época moderna, p. 104.

⁸⁶ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 397.

⁸⁷ ASURMENDI, J., O profetismo, p. 104.

interpreta.⁸⁸ Isto porque há uma diferença entre as visões. Nos profetas, as visões são simples; já nos apocalípticos, temos visões de monstros que não encontramos na vida real. Além de ter o simbolismo das cores e dos números, também há o simbolismo dos elementos, por exemplo, os “chifres” que aparecem no livro de Daniel, fazendo com que as visões sejam misteriosas. Por esta razão, faz-se necessária uma interpretação. “O visionário vê as coisas, mas precisa de uma interpretação que lhe permita compreender esta revelação. Trata-se de uma revelação em dois momentos: visão e interpretação”.⁸⁹

Isso acontece em Dn 2, cujo tema principal do relato é o sonho que o Rei Nabucodonosor teve e sua interpretação por parte de Daniel. Segundo Schökel-Díaz, o termo “segredo” aparece oito vezes neste capítulo, reaparecendo em Dn 4,6: “Baltasar, chefe dos magos, eu sei que em ti reside o espírito dos deuses santos e que nenhum segredo é embaraçoso para ti. Eis, pois, o sonho que tive: dá-me a interpretação.”

O que é dito como segredo divino, que só Deus pode revelar, como está em Dt 29,28, os gregos traduziram com o termo *mysterion*.⁹⁰ “Então foi revelado a Daniel, numa visão noturna, o mistério. E Daniel bendisse o Deus do céu, tomando a palavra nestes termos” (Dn 2,19)

O hino que se segue resume todo o poder que Deus tem de dirigir a história e o conhecimento dos fatos antes que se cumpram. Daniel louva a Deus por conceder a ele o conhecimento, a sabedoria e poder de interpretar o sonho do rei.

Em resposta, diante do rei, Daniel falou: “O mistério que o rei procura desvendar, nem os sábios nem os adivinhos nem os magos nem os astrólogos podem dá-lo a conhecer ao rei. Mas há um Deus no céu que revela os mistérios, e que dá a conhecer ao rei Nabucodonosor o que deve acontecer no fim dos dias. Teu sonho, e as visões da tua mente sobre o teu leito, ei-los aqui. (Dn 2,27-28)

A partir do versículo 28 aparece o horizonte apocalíptico, ou seja, o olhar para a história numa visão panorâmica, para poder ver o fim. “Os apocalípticos têm consciência de estarem vivendo no último ato, esperando a queda do pano de fundo e a irrupção do reinado de Deus.”⁹¹ Aqui, diferentemente do que aconteceu no Êxodo, Deus, ao enfrentar o imperador, não exige a libertação de seu povo como exigiu ao faraó, mas exige que o rei reconheça o Seu poder soberano. “Com efeito,

⁸⁸ ALONSO SCHÖKEL L.; DIAZ, J. L. S., Profetas II, p. 1278.

⁸⁹ ASURMENDI, J., O profetismo, p. 105-106.

⁹⁰ ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S., Profetas II, p. 1279.

⁹¹ ALONOSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L.S., Profetas II, p. 1279.

desta vez a libertação do povo está projetada em futuro que esse Deus conhece e controla, e ela será obra exclusiva de Deus”.⁹²

É oportuno lembrar que a forma apocalíptica não exclui a predição verdadeira do futuro, e até certo ponto Daniel é um livro profético. O apocalipse lança olhar para além da época do escritor até a era messiânica. As visões de Daniel terminam, não com a queda de Antíoco IV, mas com o “reino que jamais será destruído” (Dn 2,44). A alusão à morte do tirano (Dn 7,26; 8,25; 9,26s) e à restauração do culto no Templo é, igualmente, uma predição verdadeira.⁹³

O objetivo da literatura apocalíptica é desvelar a providência de Deus na história, levando à esperança e à confiança. A história de Daniel endossa isso, mostrando que a perseguição não consegue atingir o seu propósito. Podemos ver que as visões das quatro feras (Dn 7,1-18) e a do carneiro e do bode (Dn 8,1-27), elucidam isso.⁹⁴

Aliás, o tema dessas visões já está presente na interpretação do sonho de Nabucodonosor. Desdobra-se a história do Oriente, concentrada à volta dos reis simbolizados pelos animais; os símbolos desaparecem nos capítulos 10-11. Em cada um dos casos a série conclui com um personagem que é o perseguidor *por excelência*, Antíoco IV Epifanes, e se concentra nele. Ambas as partes do livro são dominadas por uma única visão e se fundem numa estreita unidade. Daniel e seus companheiros, deportados para a Babilônia, foram apoiados por Deus e superaram todas as provações. A mesma divina providência, embora mudando os impérios, continua a trabalhar pela vinda do reino de Deus; continua a proteger o povo de Deus e assegura-lhe a sobrevivência. A obra de Deus vai se realizando em meio às tribulações, mas a sua realização final é certa. A visão final do capítulo 12 conclui propositadamente o livro, apontando a era messiânica que está logo após o tempo de provação.⁹⁵

Tudo está previsto de antemão; a história da humanidade desenrola-se em função desta previsão perfeita, completa e determinada pela divindade, desde as origens. Os apocalípticos não convidam à conversão, pois os fiéis serão salvos se conseguirem resistir até o fim.⁹⁶ Daniel não fala a respeito de um império específico, mas de uma sucessão de impérios, mostrando que a sua sequência é determinada por Deus. Na visão, a história segue um cronograma cujos períodos foram fixados por decreto divino. “A história tem um sentido e move-se em direção a uma determinada meta, e todos os seus lances estão sob o controle divino.”⁹⁷

Esta certeza animava aquele grupo de judeus fiéis quando lhes parecia inútil qualquer esperança. Dando ao grupo um extremo esforço à resistência, mostrando

⁹² ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S., Profetas II, p. 1279.

⁹³ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 397.

⁹⁴ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 397.

⁹⁵ HARRINGTON W. J., Chave para a Bíblia, p. 398-399.

⁹⁶ ASURMENDI, J., O profetismo, p. 105-107.

⁹⁷ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 401.

claramente o seu dever: “... mas aqueles que conhecem o seu Deus agirão com firmeza” (Dn 11,32b). O Livro de Daniel tem sempre um olhar para vitória final, para o advento do reino, um olhar para a época messiânica iminente.⁹⁸

Jesus Asurmendi diz que a literatura apocalíptica está muito próxima da profética; pode-se dizer que os apocalipses são a continuação das profecias, conforme já falamos anteriormente. Wilfrid J. Harrington diz que “o apocalipse é filho da profecia”⁹⁹, e segundo Asurmendi, Daniel é o representante típico dos apocalípticos; no entanto, ele fala que o historiador judeu Flávio José considerava Daniel como o maior dos profetas. Isto porque Daniel, além de predizer o futuro, também indica o tempo quando se cumpriria.

Esta maneira de compreender os profetas pouco tem a ver com aquilo que os profetas do Antigo Testamento foram realmente. Mas será necessário levar isto em conta ao estudar a utilização dos textos proféticos no Novo Testamento.¹⁰⁰

Por esta razão, continuaremos a nossa pesquisa seguindo a mesma linha, mostrando que o movimento extático continuou a existir nas comunidades cristãs primitivas, pois, como vimos até o presente momento, embora não nos seja possível atestar uma influência direta, nos foi possível perceber que há uma influência do xamanismo primitivo na religiosidade do Antigo Oriente, assim como também há uma influência nos fenômenos extáticos na tradição bíblica do primeiro Israel, tanto que apresentamos algumas perícopes que identificam esta relação.

A seguir veremos como a fé cristã conheceu e herdou todo esse movimento extático, mas deu a ele uma feição peculiar, comprovado por relatos no Novo Testamento, que mostram experiências extáticas cristãs, não podendo excluir a probabilidade de paralelos judaicos.

Vamos dar início expondo uma das particularidades nos textos neotestamentários: a presença do Espírito Santo na vida de Jesus. Será mostrado que desde a encarnação até a ressurreição há uma influência do Espírito Santo na vida do Verbo. Tudo se realiza na vida de Jesus pela força do Espírito Santo.

⁹⁸ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 401-402.

⁹⁹ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 402.

¹⁰⁰ ASURMENDI, J., O profetismo, p. 108.

3 O movimento extático nas comunidades cristãs primitivas

Na primeira parte do capítulo anterior, analisamos como a fé judaica, principalmente em diálogo com as religiões do antigo mediterrâneo, foi capaz de construir um rosto próprio para o seu fenômeno extático. Tal rosto foi o resultado de apropriação de elementos já existentes e construção de experiências inéditas.

A fé cristã conheceu o mesmo processo de continuidade e descontinuidade, tanto em relação ao movimento extático judaico, como ao dos demais povos que compunham o mediterrâneo de então; à medida que avançou no seu diálogo com as pessoas que estavam vinculadas a tais experiências religiosas, deixou-se influenciar por tal fenômeno, mas, ao mesmo tempo, deu a ele uma feição própria.

Por essa razão, encontramos no Novo Testamento relatos que mostram experiências extáticas cristãs. Segundo Santos, “o grande êxtase coletivo dos cristãos é a convicção de que o Cristo ressuscitara”.¹⁰¹ Embora a expressão “êxtase coletivo” possa dar margem a interpretações dúbias, o que a autora intenciona afirmar é que não é possível crer no evento da Ressurreição de Jesus sem a necessária admissão da escandalosa experiência de sua morte de cruz. Contudo, os cristãos primitivos alteram seus “estados de consciência” ao crerem e anunciarem que a morte não foi capaz de pôr fim à obra realizada por Jesus de Nazaré, muito pelo contrário, a sua morte de cruz é entendida como o levar à plenitude o que Ele havia principiado em sua existência terrena.

De fato, é a Ressurreição o evento fundante da fé cristã, e por essa razão, o texto paulino irá argumentar: “se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15,13-14). Esse é o núcleo central do *kerigma* cristão primitivo. Todos os aspectos da mensagem e da fé cristã só têm sentido em relação a essa realidade central. Sem ela, toda a construção de fé cristã desmorona. Por essa razão, é na Ressurreição que os “cristãos justificam suas experiências de conversão, transe, êxtase e qualquer outra forma de vivência da religião”.¹⁰²

O evangelista Mateus frequentemente recorre ao Antigo Testamento, e suas citações são feitas à maneira judaica. Ele usa citações como: “Tudo isso aconteceu

¹⁰¹ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 82.

¹⁰² SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 82.

para que se cumprisse o que havia dito pelo profeta:” (Mt 1,22), “a fim de que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías” (Mt 12,17). Este tipo de fórmula é repetido onze vezes no decorrer do evangelho; com isso, o objetivo principal de Mateus é mostrar que o desígnio de Deus se cumpre na pessoa e nos atos de Jesus, que foi anunciado pelos profetas.¹⁰³

Mateus usa o estilo e processos de composição semíticos, herdados de uma tradição preexistente e reinterpretados em nova redação, que são marcados pelo vocabulário e as expressões como: “Reino dos céus”, “meu Pai que está nos céus”, “cumprir a Lei”, “a Lei e os Profetas” entre outras que são tipicamente palestinas. “Os agrupamentos numéricos (2 – 3 – 7), muito frequentes, podem ter uma função mnemônica, mas têm, antes de tudo, um valor simbólico, muito apreciado pelos judeus”.¹⁰⁴

“Jesus, aproximando-se deles, falou: ‘Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra’” (Mt 28,18). Jesus se revela assim como o “Filho de Homem” previsto em Daniel: “A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviam. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,14).

No relato do batismo de Jesus (Mt 3,16-17), temos uma visão apocalíptica onde a primeira parte do v. 16 foi tomada de Ezequiel (1,1b): “eis, que os céus se abriram e tive visões de Deus”. A passagem “o Espírito de Deus descendo como uma pomba” lembra o Espírito pairando sobre as águas em Gn 1,2. No v. 17 há “ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: ‘Este é o meu Filho amado’” tomado do Sl 2,7. O “filho amado” recorda o sacrifício de Isaac em Gn 22,2.12.16; “em que me comprazo” vem de Is 42,1, do primeiro cântico do Servo.¹⁰⁵

Explicitamente existem textos nos Atos dos Apóstolos que relatam a experiência extática cristã: o acontecimento de Pentecostes (At 2); a defesa e a morte de Estevão (At 7); e a visão de Pedro na prisão (At 10), dentre outras.

Ao falar da experiência de Saulo no caminho de Damasco, o autor de Atos diz:

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” e a

¹⁰³ SERVICE BIBLIQUE EVANGILE ET VIE., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 22.

¹⁰⁴ SERVICE BIBLIQUE EVANGILE ET VIE., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 21.

¹⁰⁵ SERVICE BIBLIQUE EVANGILE ET VIE., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 43.

resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer”. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu. (At 9,3-9)

Saulo, neste momento, teve uma visão, ouviu uma voz forte e perdeu temporariamente a sua capacidade visiva. Foi “tomado por forte senso religioso” que o levou de perseguidor a perseguido, no dizer de Santos; alterado está, a partir de agora, seu estado de consciência. Esta é a grande beleza do êxtase, a mudança, a transformação. Para que isso fique manifesto, Atos afirma que “Saulo”, a partir deste momento passa a ser chamado de “Paulo”. Em outras palavras, a comoção do êxtase leva a mudanças radicais de atitude, a uma outra vida.¹⁰⁶ Interessante notar que, ao empreender a viagem para Damasco, Saulo entende-se como “destruidor de comunidades”, mas a experiência extática lhe dá uma nova perspectiva, uma nova missão: construir comunidades.

Embora não consigamos atestar uma clara experiência extática atribuída a Jesus, os evangelhos nos permitem identificar algumas referências à tradição extática que vimos anteriormente. Ao falarmos do êxtase dos povos antigos fizemos referência aos relatos da “passagem difícil” ou “porta estreita”. É rápida a identificação desse tema nos evangelhos de Mt 7,13-14 e Lc 13,22-24. Em ambos Jesus usa este simbolismo para falar a respeito de quem será salvo.

Relatos similares são encontrados em vários escritos do Novo Testamento. Queremos ressaltar o fato de se conservar a imagem da “passagem difícil” e da “porta estreita” para mostrar a dificuldade do conhecimento metafísico, no cristianismo, a fé.¹⁰⁷

A imagem da “passagem” ou da “porta estreita” dá a ideia de um itinerário desafiador e novo. “A iniciação, como a morte, o êxtase místico, o conhecimento absoluto, a fé (no judaísmo-cristianismo), equivale a uma passagem de um modo de ser a outro e opera uma verdadeira mutação ontológica”¹⁰⁸ e é esta mudança que Jesus está pedindo através do simbolismo da “porta estreita”.

O ponto central desta advertência escatológica parece ser uma resposta cristã a uma pergunta judaica a respeito do número dos que serão salvos. Embora Jesus

¹⁰⁶ SANTOS, R. A., Entre a razão e o êxtase, p. 82-84.

¹⁰⁷ ELIADE, M., O Sagrado e o Profano. A essência das religiões, p. 149.

¹⁰⁸ ELIADE, M., O Sagrado e o Profano, p. 147-148.

não dê uma resposta direta a respeito da quantidade dos que serão salvos, Ele é claro nos pressupostos — a salvação não é fácil —, mudando assim o conceito que os judeus tinham da salvação como um direito adquirido do povo eleito.¹⁰⁹

Mateus termina a parte do Sermão da Montanha com a regra de ouro, e em seguida há vários conselhos para conseguir seguir o proposto por Jesus. A perícopé que queremos enfatizar é Mt 7,13-14 — “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram”. Jesus mostra a necessidade da decisão pessoal para entrar no reino. O imperativo “Entrai” também é usado em Mt 5,20 em relação à justiça, “com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”.¹¹⁰

A instrução tem que ver com entrar no império de Deus (ver também 7,21; 18,3; 19,23-24; 23,13). Mas, visto que os discípulos já encontraram o reinado no ministério de Jesus (4,17-22; 5,3.10), o que está em vista é a participação na consumação, ainda futura, dos propósitos de Deus. A porta estreita é uma imagem comum de entrada para a outra vida. O adjetivo estreita sugere dificuldade e provisão para números pequenos.¹¹¹

O entrar pela “porta estreita” indica as dificuldades, tanto internas como externas, que o discípulo de Jesus irá enfrentar para seguir os seus ensinamentos. Jesus não tem o intuito de responder quantos serão salvos, mas sim de mostrar que a “porta larga” leva à perdição. No entanto, Ele incentiva seus discípulos a não desanimarem diante da “Porta Estreita”, da dificuldade, do ideal por Ele proposto.¹¹² Para chegar de um lugar ao outro depende da porta e do caminho que se escolheu.

Lucas introduz a questão da “porta estreita” com uma resposta a uma pergunta feita por anônimos que corresponde às discussões clássicas dos rabinos: “Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?” (Lc 13,23), colocando em evidência a questão de salvação futura, a entrada no Reino escatológico de Deus. Jesus responde com a imagem da “porta estreita”: “esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não conseguirão” (Lc 13,24), mostrando que é agora, no presente, que se decide a salvação; no entanto,

¹⁰⁹ LANCELLOTTI, A.; BOCCALI, G., Comentário ao Evangelho de São Lucas, p.151.

¹¹⁰ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens, p. 248.

¹¹¹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 248.

¹¹² LANCELLOTTI, A.; BOCCALI, G., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 81.

Jesus não está falando das pessoas em geral, mas sim aos seus interlocutores. Jesus não resolve o problema do número de quantos serão salvos, Ele adverte que “muitos procurarão entrar e não conseguirão” (v. 24), e a exortação é para todos.¹¹³

Com sua resposta, Jesus mostra que não há israelitas privilegiados para entrar no Reino do Céu, pois entrarão aqueles que praticarem a justiça.

A “porta estreita” é a entrada na comunidade que Jesus propugna. Não entrará nela nenhum dos que “praticam a injustiça” (13,27), por muito que tenham convivido com ele e escutado o seu ensino. Terminaram as prerrogativas nacionais, até as do povo de Deus (“Não sei de onde sois”, não sei quem sois: 13,25.27). Só entrarão os que tiverem seguido o seu ensinamento, pertençam a Israel “quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus”: 13,28) ou não (“Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus”: 13,29).¹¹⁴

Segundo Charles L’Eplattenier, é provável que essa referência aponte para as multidões das nações pagãs. “Referindo esse *logion*, Lucas poderia pensar também nos judeus convertidos no dia de Pentecostes, ‘vindo de todas as nações que há debaixo do céu’ (At 2,5)”.¹¹⁵

Segundo Eliade, toda forma de “cosmos”, ou seja, o Universo, o Templo, a casa, o corpo humano, possui uma “abertura” superior que torna possível a “passagem” de uma maneira de ser a outra, de uma situação existencial a outra. A pessoa religiosa decifra o simbolismo da “passagem” como a delimitação entre o “estar fora” e o “estar dentro”; é a possibilidade de passar de uma maneira de ser para outra.¹¹⁶

Isso nos recorda quando o evangelista Marcos fala a respeito da cura de um paralítico que é levado a Jesus. Como uma multidão se encontrava à porta da casa onde se estava Jesus, não havia como entrar por ela. Sendo assim, os amigos do paralítico “abriram o teto à altura do lugar onde ele se encontrava e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico” (Mc 2,4). Podemos ver que é feita uma “abertura superior” que torna possível a “passagem” do paralítico. Jesus, ao ver a fé que levou a este ato, diz: “Filho, teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5). Jesus percebendo o que se passava nos corações de alguns escribas diz:

Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’ Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra,

¹¹³ L’EPLATTENIER C., *Leitura do Evangelho de Lucas*, p. 131-132.

¹¹⁴ CAMPS-RIUS, J., *O Evangelho de Lucas. O êxodo do homem livre*, p. 237.

¹¹⁵ L’EPLATTENIER, C., *Leitura do Evangelho de Lucas*, p. 132.

¹¹⁶ ELIADE, M., *O Sagrado e o Profano*, p. 147.

eu te ordeno – disse ele ao paralítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos, de sorte que ficaram admirado e glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisa igual”. (Mc 2,8-12)

Podemos ver o que é dito por Eliade anteriormente a respeito da “abertura” que possibilita a “passagem” de uma maneira de ser a outra, a delimitação entre o “estar fora” e o “estar dentro”. O paralítico estava fora do convívio da sociedade, estava excluído, e ao passar pela “passagem estreita” ele passou a viver uma vida nova, foi incluído, passou de uma maneira de ser para outra. Houve um esforço para passar pela “porta estreita”, a “passagem estreita” para se tornar uma nova pessoa, para dar início ao processo de salvação.

Continuaremos nossa pesquisa apresentando a relação entre o Espírito Santo e Jesus, uma vez que, em Lucas, João e Atos, tudo se realiza pela força do Espírito Santo, pois Ele é o elo de amor entre o Pai e o Filho no seio da Trindade e é sob sua ação que a vida pública de Jesus acontece até a Sua morte e Ressurreição. No entanto, a ação do Espírito Santo continua na vida da Igreja; uma vez que Jesus soprou sobre os Apóstolos o Espírito Santo e outorgou a eles o poder de perdoar os pecados, este poder pressupõe e inclui a ação salvífica do Espírito Santo.

A experiência cristã primitiva está difusa no Novo Testamento, mas por razões formais, decidimos analisá-la a partir de dois textos: At 2,1-13 e 1Cor 12-14. No primeiro texto, a obra lucana narra o evento de Pentecostes, fazendo referência ao derramamento do Espírito Santo e mostrando como os apóstolos ficaram cheios da força divina e começaram a falar em “outras línguas”, isto é, começaram a expressar-se em modalidade extática.

Em 1Cor 12-14, o *corpus* paulino apresenta-nos o fenômeno do “dom de línguas” na Igreja de Corinto. O grupo paulino tinha sido informado a respeito da divisão que estava acontecendo na comunidade, principalmente, pela falta de caridade entre os irmãos. Isto origina o enfraquecimento da ética, a acentuação da pobreza social e, conseqüentemente, a deturpação da experiência religiosa cristã. Os carismas devem amadurecer a fé e trazer a unidade, e não a divisão na comunidade. O texto exorta-nos sobre a possibilidade de uma comunicação extática estéril e aponta a necessidade de discernir a respeito do lugar e da função do êxtase na vida de fé cristã.

Decidimos, por fim, retornar à Igreja de Corinto, para finalizarmos o presente capítulo. Por essa razão, pesquisamos a carta que Clemente Romano escreve àquela

comunidade que outrora o Novo Testamento já havia exortado. Nossa intenção é oferecer ao leitor a possibilidade de identificar um problema pastoral que decorre, dentre outras razões, da não compreensão do lugar que o êxtase deve ocupar na experiência cristã. Trata-se de uma comunidade que se encontra diante de um problema grave: a revolta de boa parte dos membros da comunidade contra os presbíteros. Clemente, como bispo de Roma, escreve à Igreja de Corinto, na tentativa de estabelecer princípios gerais que permitam à comunidade manter-se na fidelidade à fé cristã.

3.1 O Espírito Santo na vida de Jesus

Congar afirma:

Que o Verbo e o Espírito *vêm*, isso não significa de nenhum modo que eles se desloquem, isso significa que eles fazem existir uma criatura numa relação nova com eles. Isso significa que a Processão que os coloca na eternidade da Uni-Trindade termina livre e eficazmente num efeito criado. A individualidade humana suscitada no seio de Maria pelo Espírito é, no mesmo momento, assumida pelo Verbo-Filho e começa a existir pela Pessoa desse Filho. É uma missão visível, pois o Verbo-Filho, expressão do ser de Deus Pai (Hb 1,3), é verdadeiramente uma aparição humana de Deus, e não uma simples teofania, mas a realidade pessoal e substancial do Verbo feito carne: “Eu saí do Pai e vim ao mundo” (Jo 16,28).¹¹⁷

Um das particularidades do Novo Testamento é anunciar a relação entre o Espírito Santo e Verbo, mostrando a influência desse primeiro desde a encarnação até a Ressurreição de Jesus. No Novo Testamento, em especial, Lucas, João e Atos, tudo se realiza pela força do Espírito Santo. Podemos dizer que uma das grandes intenções do Novo Testamento é ser um grande relato acerca da ação do Espírito Santo sobre a vida de Jesus e da Igreja.

Se no Antigo Testamento o Espírito Santo falava pelos profetas, na “plenitude dos tempos” Ele tece uma relação toda particular com o homem Jesus. Este ser humano, imagem e semelhança de Deus, o *Logos* feito carne, “revela-se como ícone, como imagem fiel de Deus Pai. A imagem invisível de Deus ganha um rosto visível, para nos fazer saber que a sua realidade é rosto, é presença, é pessoa”.¹¹⁸ Jesus revela a essência de Deus e a essência do ser humano.

A história humana de Jesus revela o mistério das relações entre o Filho e o Espírito. O Novo Testamento, ao descrever a necessidade do “sim” de Maria para

¹¹⁷ CONGAR, Y., *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 20.

¹¹⁸ GALVÃO, H. N., *A presença do Deus Trindade à História*. In: *Semana de Estudos teológicos da Universidade Católica Portuguesa. O Espírito que dá a Vida*. p. 17.

a fecundação do Verbo na carne, a associa à obra do Espírito Santo. Embora permanecendo como criatura, Maria “é elevada a uma fecundidade divina, uma fecundidade que vem do Espírito”.¹¹⁹ Constatamos o mistério da encarnação com a união hipostática sendo o agente operante desse mistério, o Espírito Santo. “Na encarnação do Filho, o Espírito se encontra hipostaticamente unido a Ele, como o é desde toda a eternidade; sobre Ele permanece e repousa, n’Ele realizando o desígnio de Deus”.¹²⁰

O Espírito Santo é o elo de amor entre o Pai e o Filho no seio da Trindade e na encarnação é o elo entre o Filho e a humanidade. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). No Evangelho de Lucas vemos que as pessoas e as situações que se relacionam à encarnação e ao nascimento de Jesus estão envolvidas com a ação do Espírito Santo.¹²¹

O precursor será “repleto do Espírito desde o seio de sua mãe” (Lc 1,15); Zacarias, “repleto do Espírito Santo”, profetiza que aquela criança será chamada profeta do Altíssimo (Lc 1,67); José é informado de que “o que nela se gerou é obra do Espírito Santo” (Mt 1,20); Isabel, ao saudar Maria e o que nela havia sido concebido, “ficou cheia do Espírito Santo” (Lc 1,42); a Simeão é revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ter visto o Cristo Senhor (Lc 2,26).¹²²

O Espírito Santo tem uma contribuição decisiva para o evento da encarnação, pois é a partir desta união que as promessas do Antigo Testamento são cumpridas e algo novo se estabelece na história da humanidade com o advento do Salvador.¹²³

Jesus recebe o batismo no Jordão antes de dar início à sua vida pública. Isto nos fica claro pelo testemunho de Pedro na sua pregação na casa de Cornélio:

Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João, *como Deus o ungiu com o Espírito Santo* e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele. (At 10,37-38)

Com esta declaração de Pedro vemos que, no batismo de Jesus, a Igreja primitiva percebe que foi a partir deste momento que se inicia a obra pública de Jesus, que será culminada na sua morte e ressurreição. Esta perícopes fala claramente

¹¹⁹ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à História, p. 14.

¹²⁰ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus. Por uma Cristologia Pneumática, p. 268.

¹²¹ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 268-269.

¹²² SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 269.

¹²³ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 271.

que o Espírito Santo ungiu Jesus de Nazaré e que foi com o batismo e a unção que iniciou a obra pública do redentor.¹²⁴

Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1,9-11).

Jesus é apresentado diante de todos como aquele que Isaías havia predito, “o espírito do Senhor YHWH está sobre mim, porque YHWH me ungiu” (Is 61,1). Esta perícopa fala da unção profética. O Espírito unge o profeta dos últimos tempos, “toda a presença profética do Espírito como que se condensa em Jesus de Nazaré”,¹²⁵ pois Jesus não foi compreendido como *rabi*, mas como profeta entre o povo; “já outros diziam: ‘É Elias’, E outros ainda: ‘É um profeta como os outros profetas’” (Mc 6,15); entre os fariseus, “Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele. Para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu” (Mc 8,11); entre também os seus discípulos, “o que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo” (Lc 24,11).¹²⁶

Com efeito, o Espírito que sobre Jesus desce, solenemente, é o mesmo que já descera sobre Maria no momento em que Jesus fora concebido. É que Jesus não recebe o Espírito apenas no seu batismo; a sua existência humana é, já em si mesma, fruto desse mesmo Espírito. E já desde toda a eternidade não é senão pelo Espírito que o Filho de Deus está unido ao Pai. Pela sua disponibilidade divina de Filho, assume Ele a condição humana de servo, para a todos trazer a salvação de Deus seu Pai.¹²⁷

Mas foi a partir do batismo que se inicia uma nova etapa na vida de Jesus e no seu ministério. Com este acontecimento, Jesus é constituído e declarado “Messias”; “é testificado como aquele sobre quem repousa o Espírito e como aquele que operará em virtude da potência do Espírito”.¹²⁸ Com isso, após a unção pneumática no seu batismo, “Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto” (Mt 4,1), e ao deixar o deserto, vai para a Galileia para anunciar o Reino de Deus. No caminho Ele chama seus discípulos para uma comunhão de vida e os coloca num processo de seguimento.

¹²⁴ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 272.

¹²⁵ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à História, p. 17.

¹²⁶ NEVES, J. C. M., Presença do Espírito no Mistério Pascal, p. 59.

¹²⁷ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à História, p. 18.

¹²⁸ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 274.

Os Evangelhos apresentam Jesus, a partir deste momento, intervindo com milagres, curando os enfermos, expulsando os demônios e proclamando o Reino de Deus. Nestes sinais podemos ver a manifestação da potência pneumatológica do batismo no Jordão.¹²⁹

Em várias passagens dos evangelhos, encontramos Jesus se confrontando com as forças demoníacas do poder das trevas (cf. Mc 1,24-25.27.34; Mt 8,29; Lc 4,31-37). Ao enfrentá-las e subjugar-las, Ele o faz na potência do Espírito, pelo “dedo de Deus”, o que então, revela a natureza carismática de sua missão e, por conseguinte, sua autoridade carismática. Diante do ministério pastoral de Jesus, alguns se admiravam e perguntavam: “Que é isso? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem” (Mc 1,27). Ao realizar a obra de libertação que o Pai lhe confiou, Jesus se apresenta como o “Homem carismático que, revestido da força do Espírito, une o homem ao Deus criador e vence por Ele as forças caóticas e destruidoras presentes no coração do homem e no seio da história”. O Espírito Santo é também para Jesus a força para a evangelização.¹³⁰

Toda a vida pública de Jesus acontece sob a ação do Espírito Santo. Jesus é a presença do *Kairós* divino. Na qualidade de “ungido pelo Espírito, Ele é, no grau mais alto, o ‘sacramento’ da presença de Deus em meio ao seu povo”.¹³¹ Esse poder pneumático leva Jesus a uma práxis pastoral que o coloca em uma posição crítica à *Torah*. Para Jesus, a Lei deveria estar a serviço do ser humano, e não ao contrário. Ele não receava em abolir algumas prescrições, como também criticava duramente os ricos, os fariseus e a todos que oprimiam os pobres e os necessitados.¹³²

O Antigo Testamento mostra como Deus sofria as dores de seu povo. Deus continua a sofrer com o seu povo. No entanto, conduzido pelo Espírito Santo, sua condição humana leva a sua luta em favor dos oprimidos ao máximo, e Ele aceita livremente o seu “batismo de sangue”, abraçando a cruz em obediência ao Pai.¹³³

A cruz é o clímax dessa empatia, dessa compaixão de Deus pelo homem e com o homem. A empatia divina é, porém, salvadora. Pelo Espírito, a morte ignominiosa do Filho de Deus torna-se fonte de bênção, tornada que foi supremo acto de amor de Jesus Cristo ao Pai e aos homens. Pelo poder do Espírito, a morte acabará por ser vencida na ressurreição.¹³⁴

¹²⁹ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 282.

¹³⁰ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 280-281.

¹³¹ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 273.

¹³² CALDEIRA, A. C. G. P., A ação do Espírito em Jesus Cristo: Um aprofundamento da relação entre Cristologia e Pneumatologia na Cristologia pós-conciliar, p. 23-24.

¹³³ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 284.

¹³⁴ GALVÃO, H.N., A presença do Deus Trindade à história, p. 18.

E no terceiro dia, o Espírito Santo ressuscita Jesus e com seu corpo glorioso, torna-se “Espírito vivificante” para a vida do mundo (1Cor 15,45).¹³⁵

A ressurreição de Jesus marca o início da nova criação, onde o Espírito de Deus, de modo análogo àquela de Gn 1,2, paira sobre o caos da morte, a fim de restituir a vida. “A *ruah* de Iahweh, que já na criação ‘protegia’ o mundo e o ‘incubava’ para que surgisse a vida, esse poder ‘maternal’ pessoal e vivificante preside a essa nova criação, que é a ressurreição de Cristo”.¹³⁶

É na ressurreição que Jesus, Filho de Deus, em sua humanidade senta-se ao lado direito de Deus Pai, em toda a sua glória. Contudo, este não é o fim, uma vez que, ao sentar-se ao lado do Pai, simultaneamente é enviado o Espírito, pois Jesus diz: “rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça para sempre” (Jo 14,16). O Pai, juntamente com o Filho, envia o Espírito “como se envia Alguém, com uma missão particular”.¹³⁷

O primeiro paráclito, segundo S. João, é o próprio Jesus glorificado (1Jo 2,1). Junto do Pai, Ele é o primeiro advogado e consolador dos homens. Mas um outro paráclito é enviado, o Espírito que o Pai e o Filho enviam como presença pessoal de defesa e consolação para o mundo, na Igreja através da Igreja. O que o Espírito tem recebido do Filho (Jo 16,14s). Por isso, é uma mesma defesa e consolação, a que é realizada pelo Filho e pelo Espírito, e é a defesa e consolação pela qual ao Pai manifesta o seu amor e cuidado pela humanidade, a qual Ele criou e cria, e à qual Ele oferece sempre a salvação.¹³⁸

Todo este mistério é resumido por Paulo no final de sua segunda carta aos Coríntios: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!”. (2Cor 13,13) É o Espírito, que no mistério de Deus, é a comunhão entre as pessoas divinas. É o mesmo Espírito que realiza a comunhão da Igreja,¹³⁹ que faz com que esta seja “em Cristo como que o sacramento ou sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.¹⁴⁰

Estabelece-se assim uma íntima ligação entre o *envio do Filho e o do Espírito Santo*. Não existe envio do Espírito Santo (depois do pecado original) sem a cruz e a ressurreição: “Se eu não for, não virá a vós o Consolador” (Jo 16,7). Estabelece-se também *uma íntima ligação entre a missão do Espírito Santo e a missão do Filho* na Redenção. Esta missão do Filho, num certo sentido, tem o seu “cumprimento” na Redenção. A missão do Espírito Santo “vai haurir” algo da Redenção: “Ele receberá do que é meu para vo-lo anunciar” (Jo 16,15). *A Redenção é totalmente operada pelo Filho, como o Ungido, que veio e agiu com o poder do Espírito Santo,*

¹³⁵ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 284.

¹³⁶ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 287.

¹³⁷ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à história, p. 18.

¹³⁸ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à história, p. 18.

¹³⁹ GALVÃO, H. N., A presença do Deus Trindade à história, p. 18.

¹⁴⁰ LG 1.

oferecendo-se por fim em sacrifício supremo no madeiro da cruz. E esta Redenção, ao mesmo tempo, é *constantemente operada* nos corações e nas consciências humanas – na história do mundo – pelo Espírito Santo, que é o “outro Consolador”.¹⁴¹

No Novo Testamento o Espírito Santo aparece em dois momentos essenciais: antes da Páscoa, ou seja, o Espírito que é doado a Jesus de Nazaré, do qual acabamos de falar a respeito, e depois da Páscoa, quando o Espírito é doado por Jesus. A seguir, daremos continuidade ao nosso estudo pesquisando a respeito da ação do Espírito Santo na Igreja, que teve seu início com a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, constituindo a manifestação definitiva do que aconteceu no Cenáculo no domingo da Páscoa.

Cristo Ressuscitado veio e foi “portador” do Espírito Santo para os Apóstolos. Deu-lho dizendo: “Recebei o Espírito Santo”. Isso que aconteceu, então, *no interior do Cenáculo* “estando as portas fechadas”, mais tarde, no dia do Pentecostes, viria a manifestar-se publicamente diante dos homens. Abrem-se as portas do Cenáculo e os Apóstolos dirigem-se aos habitantes e peregrinos, que tinham vindo a Jerusalém por ocasião da festa, para dar testemunho de Cristo com o poder do Espírito Santo.¹⁴²

3.2 A dimensão pneumática da Igreja

Sabemos que antes da glorificação de Jesus Cristo, o Espírito Santo já atuava no mundo. No entanto, no dia de Pentecostes, Jesus, com o Pai, envia o Espírito Santo, “que exerce sua ação salutar na intimidade de cada um e promove o crescimento específico da Igreja”.¹⁴³ Jesus, no seu discurso de despedida, mostra que “a nova vida da Igreja é ligada à vinda do Espírito”.¹⁴⁴ No Evangelho de João as promessas do Espírito são direcionadas à Igreja: “e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito” (Jo 14,16). “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, dará testemunho de mim” (Jo 15,26), entre outras.

Através destas passagens e de outras, pode-se ver o elo que une o Espírito à Igreja. Podemos dizer que a primeira passagem seria João 19,30, “quando Jesus tomou o vinagre, disse ‘está consumado!’ E, inclinando a cabeça, entregou o espírito”. Neste momento, Jesus entrega o Espírito, e foi na sua morte na cruz que Ele enviou o Espírito à Igreja. O Espírito “é a chave da nova vida na fé da

¹⁴¹ DeV 24.

¹⁴² DeV 25.

¹⁴³ AG 4.

¹⁴⁴ MANNIS, F., O Espírito, princípio e vida da Igreja, p. 92.

comunidade após a partida de Jesus para o Pai. A vida, a santidade e o sofrimento de Cristo prolongam-se na sua Igreja graças à acção do Espírito”.¹⁴⁵

Há missões invisíveis do Verbo nos efeitos da graça pelas quais Deus se dá a conhecer e se expressa. Do mesmo modo, há missões invisíveis do Espírito, nos efeitos da graça nas quais Deus se doa para se deixar amar e nos deixar amar todas as coisas do Seu amor: “O amor *de Deus* foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). E a Igreja, como organismo de conhecimento e de amor, está toda ela ligada a essas missões. Ela é a fecundidade, fora de Deus, das Processões trinitárias. Nós *vemos* a Igreja nas manifestações de seu ministério ordenado, de seu culto, de suas assembleias, iniciativas e obras. Nós *cremos* que a vida profunda desse grande corpo, ao mesmo tempo disperso e uno, é o resultado e o fruto, na criatura, da própria vida *de Deus*. Pai, Filho e Espírito Santo.¹⁴⁶

No capítulo 20, versículos 21-23 do Evangelho de João, na tarde da Páscoa, Jesus se junta aos apóstolos assustados, desanimados e angustiados e lhes deseja a paz; em seguida, os envia, “como o Pai me enviou, também eu vos envio” (v. 21) e sopra sobre eles o Espírito, “recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos” (vv. 22-23). Jesus soprou o Espírito assim como Deus insuflou nas narinas de Adão, dando um “hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Esta analogia nos mostra que o “Espírito de Cristo dado aos apóstolos é um espírito criador, o princípio da nova criação. É, também, o princípio da purificação operada pelo sangue de Cristo”.¹⁴⁷

Ao receberem o Espírito Santo, foi dado o poder de perdoar os pecados, ou seja, a reconciliação do ser humano com Deus é o princípio da encarnação e do mistério pascal.¹⁴⁸ Jesus outorga aos “Apóstolos o poder de perdoar os pecados, para que eles o transmitam aos seus sucessores na Igreja. Todavia, este poder, concedido aos homens, pressupõe e inclui a ação salvífica do Espírito Santo”.¹⁴⁹

Dissemos que, no ponto culminante do mistério pascal, o *Espírito Santo* é definitivamente revelado e tornado presente de uma maneira nova. [...] A sua ação foi plenamente confirmada pela missão do Filho do homem como Messias, que veio pelo poder do Espírito Santo. No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo torna-se presente no mistério pascal *em toda a sua subjetividade* divina: como aquele que deve continuar agora a obra salvífica radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada por Jesus a homens: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o transcendente sujeito protagonista da realização desta obra, no espírito do homem e na história do

¹⁴⁵ MANNNS, F., O Espírito, princípio e vida da Igreja, p. 92.

¹⁴⁶ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 20.

¹⁴⁷ MANNNS, F., O Espírito, princípio e vida da Igreja, p. 92.

¹⁴⁸ MANNNS, F., O Espírito, princípio e vida da Igreja, p. 92.

¹⁴⁹ DeV 42.

mundo: ele, o Paráclito invisível e, simultaneamente, onipresente! O Espírito que “sopra onde quer”.¹⁵⁰

Sendo assim, é a Igreja que deve dar continuidade à obra salvífica radicada no sacrifício da cruz animada pelo Espírito Santo. “A Igreja é chamada a viver na fidelidade ao Espírito do Ressuscitado, que a constitui como comunidade e a impele a responder aos desafios de seu tempo e lugar”.¹⁵¹ Paulo afirma que esta comunidade é formada pela ação do Espírito Santo: “pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13).

Comblin, estabelecendo a articulação entre o Espírito e a Igreja, diz:

A missão da Igreja realiza na história as duas missões: do Filho e do Espírito Santo. A Igreja fornece ao Filho e ao Espírito Santo as mediações históricas que lhes permitem alcançar a sua real presença no mundo da criação. Por outro lado, a missão da Igreja seria incompreensível se não houvesse, por trás, as missões do Filho e do Espírito Santo que lhe fornecem ao mesmo tempo o conteúdo e a razão de ser.¹⁵²

Podemos concluir que há uma íntima ligação da Igreja com a ação de Deus, que se dá na missão, visto que a Igreja é o meio de ação das duas missões instituída pelo Pai, que é a de realizar, na história, as missões do Filho e do Espírito Santo. Tanto é, que é a missão do Espírito Santo que constitui a Igreja existe porque o Espírito Santo lhe foi enviado, e sua missão é conferida pelo Espírito Santo e no Espírito Santo. No entanto, deve ficar claro que a Igreja é parte da missão do Espírito, e não é toda a missão. Por esta razão, a Igreja somente existe na medida em que segue os rumos do Espírito Santo.¹⁵³

Segundo José Arnaldo Juliano dos Santos, Comblin afirma que a ação do ser humano brota a partir do Espírito Santo que penetra no seu interior. Com isso, a ação do Espírito não se distingue da ação do ser humano, uma vez que o que deriva do Espírito surge como ato do ser humano.¹⁵⁴

Ora, se a Igreja também nasce do Espírito, nasce dos seres humanos e aparentemente tudo acontece como se fosse uma ação dos homens. Aqui o Espírito age criando porque faz nascer coisas novas a partir das coisas antigas. Ele é a origem da novidade daquilo que começa a existir. Esta novidade nascida do Espírito são as pequenas comunidades, os grupos de base, pois a Igreja nasce do Espírito ali onde

¹⁵⁰ DeV 42.

¹⁵¹ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, p. 31.

¹⁵² COMBLIN, J., A Igreja e sua Missão no Mundo. In: SANTOS, J. A. J. O Espírito Santo: sua ação no mundo e na Igreja na perspectiva de José Comblin, p. 62.

¹⁵³ SANTOS, J. A. J., O Espírito Santo: sua ação no mundo e na Igreja na perspectiva de José Comblin, p. 62-63.

¹⁵⁴ SANTOS, J. A. J., O Espírito Santo, p. 76.

pacientemente se reúnem os discípulos para formarem uma comunidade cristã. Desta forma, Comblin conclui que a Igreja que nasce do Espírito nasce do povo e nasce constantemente nas múltiplas comunidades. Mas a novidade destacada por Comblin é justamente que a Igreja nasce de baixo para cima – é das pequenas comunidades que a Igreja nasce – e não o contrário. Bem por isso que a Igreja é espiritual, porque difere das sociedades humanas nascidas pela vontade de um poder. A Igreja, no entender de Comblin, não nasce a partir de um poder, mas sim a partir da comunhão que une as pessoas e as comunidades. Tal comunhão, confirma Comblin, é criação do trabalho humano e perseverante, mas é sobretudo fruto da ação do Espírito Santo. Por isso, a conclusão de Comblin é de que se pode afirmar sem escrúpulos que a Igreja nasce simultaneamente de Cristo e do povo pelo Espírito.¹⁵⁵

Sendo assim, continuaremos a nossa pesquisa nesta linha de pensamento. Veremos a seguir como, realmente, a Igreja nasce de baixo para cima. Como o Espírito Santo uniu os apóstolos, medrosos, dando lhes força e poder e transformando-os em apóstolos corajosos e animados para levar a todos a Boa Nova, formando assim uma pequena comunidade onde se vivia a comunhão e a unidade e ninguém passava necessidade.

3.3 Atos dos Apóstolos: O “Evangelho” do Espírito Santo

No livro dos Atos dos Apóstolos, o “evangelho do Espírito Santo”, nos seus primeiros versículos, é apresentada uma frase com um dado importante: “depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo” (At 1,2). Após a ressurreição, mas antes de sua ascensão ao céu, o Espírito Santo que havia plenificado e conduzido Jesus no seu ministério messiânico atua nele para comunicar aos apóstolos as suas últimas instruções a respeito do Reino de Deus que está para chegar.¹⁵⁶

São três instruções dadas por Jesus: que “não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai, ‘a qual, disse ele, ouvistes de minha boca: pois João batizou com água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo dentro de poucos dias’” (At 1,4-5), ou seja, foi dito para eles não se afastarem da Cidade Santa de onde seria o ponto de partida da mensagem da salvação (Is 2,1-3), lugar onde Jesus levou à plenitude a missão que o Pai lhe confiara (Lc 9,25), e de onde iria difundir a missão apostólica (At 1,8).¹⁵⁷

¹⁵⁵ SANTOS, J. A. J., O Espírito Santo, p. 76-77.

¹⁵⁶ ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 7.

¹⁵⁷ ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 8.

A segunda instrução foi esperar a promessa do Pai. Em Lucas 24,49 Jesus diz: “Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu” e em Atos 2,33 Pedro explica essa promessa: “Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto o que vedes e ouvis.” A promessa do Pai é o Espírito Santo. A última instrução é “sereis batizados com o Espírito Santo”. Com a vinda do Espírito Santo, a missão de Jesus chega a sua plenitude, e aqui está o ponto máximo da instrução de Jesus: “os discípulos serão batizados no Espírito Santo. Por trás do verbo passivo se esconde a ação de Deus e do Senhor Jesus, que é quem batiza no Espírito Santo (Jo 1,32-33).”¹⁵⁸

Jesus mostra a finalidade direta da efusão do Espírito Santo, ou seja, do batismo no Espírito Santo que irão receber: “recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e serei minhas testemunhas...” (At 1,8). Com o batismo, os discípulos receberão o Espírito Santo, que é a força de Deus, e será uma investidura de poder que transformará os missionários em testemunhas de Jesus ressuscitado no mundo inteiro. Eles partiram de Jerusalém, passaram pela Judeia e Samaria e alcançaram os “confins da terra”, cumprindo a profecia de Isaías: “também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49,6).¹⁵⁹

A promessa do Espírito Santo que vai descer sobre os apóstolos evoca naturalmente a profecia de Isaías, na qual se anuncia que o Espírito de Javé pousará em toda a sua plenitude sobre o Messias davídico: Is 11,1-2. Pois bem, esse mesmo Espírito descera agora sobre os pregadores messiânicos. Descera sobre eles, sim, porém enviado pelo Jesus Messias, o qual possui o Espírito de Deus numa nova plenitude: At 2,33. Em virtude dessa invasão de Força Divina, os discípulos poderão, à semelhança de Jesus, pleno do Espírito Santo e no poder desse mesmo Espírito, proclamar a boa nova do Reino de Deus: cfr. Lc 4,1.14.18.43; At 10,38.¹⁶⁰

Por essa razão, na abertura do Livro dos Atos, Jesus promete o Espírito Santo aos apóstolos: (At 1,8). Todos os “atos dos apóstolos” (pregação, oração, testemunho de vida, caridade, viagens, martírio, dentre outros) serão realizados pela força do Espírito Santo (cf. At 4,8; 5,32; 13,9).¹⁶¹

Os discípulos permaneceram em Jerusalém, conforme a orientação recebida por Jesus. Lucas escreve o nome dos que estavam presentes e acrescenta: “Todos

¹⁵⁸ ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 8.

¹⁵⁹ ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 9.

¹⁶⁰ ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 9.

¹⁶¹ COMBLIN, J., Atos dos Apóstolos, p. 88.

estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos” (At 1,14).¹⁶²

A obra lucana narra que “primeiro vem o Espírito que suscita os apóstolos, e por meio destes o Espírito suscita as comunidades onde o mesmo Espírito subsiste. Assim, a comunidade nasce de pessoas que fizeram a experiência do Espírito como eco do acontecimento pentecostal”.¹⁶³

O acontecimento pentecostal foi algo que vai além de qualquer experiência terrena. Por esta razão, foi necessário usar símbolos perceptíveis para descrever o acontecimento. Assim como na história da revelação veterotestamentária, vento e fogo simbolizavam o divino, e desse mesmo modo se revela o divino no dia de Pentecostes. Em hebraico, grego e latim, a palavra “espírito” significa tanto o fenômeno do vento a soprar como o mundo misterioso do divino, em acontecimentos simbólicos nos quais Deus se revela. Podemos ver isto acontecer no relato: “de repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, [...] apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, [...]” (At 2,2-3). O vento e o fogo são conceitos usados para caracterizar a indescritibilidade do Espírito Santo.¹⁶⁴

O Espírito é um dom de Deus, vem do “céu”, não é um produto da sugestão humana. É uma força irresistível que foge ao controle e às manipulações humanas. Ao intelectual e teólogo judeu Nicodemos, que quer saber “como” age Deus, Jesus diz: “O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8). A irrupção do Espírito que pervade cada pessoa com a sua ação única e singular é visibilizada por Lucas com a imagem das *línguas de fogo que se dividiam e pousavam sobre cada um deles* (2,3). A ação interior e transformadora do Espírito torna-se externamente uma nova capacidade de comunicação: *começaram a falar outras línguas* (2,4).¹⁶⁵

O derramamento da Potência Divina é o cumprimento da promessa de Jesus, que cinquenta dias após a sua ressurreição, na festa de Pentecostes, enviou o Espírito. Este evento marca o processo de difusão do Cristianismo. No texto de Atos, esse evento marcado com símbolos clássicos da ação de Deus está acompanhado pela primeira expressão do movimento extático cristão: a glossolalia.

Do fogo, símbolo do tônus vital e do esplendor de Deus, descem, repartindo-se, línguas de luz como demonstração figurada de que cada um, a seu modo, recebe algo de um mesmo Espírito, como Paulo no-lo explana e fundamenta, referindo-se aos

¹⁶² ALDAY, S. C., O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos, p. 10.

¹⁶³ PAES, C. A. P., Carisma e Ministérios numa Igreja que é um Edifício do Espírito, p. 125.

¹⁶⁴ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos. Comentário e Mensagem, p. 51.

¹⁶⁵ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 62.

dons carismáticos (1Cor 12,45). Esse Espírito prometido por Jesus orienta e impregna as palavras e os atos do discípulo. Por isso, reveste-se de um sentido todo especial o fato de, justamente no dia de Pentecostes, ser testemunhado um falar *em outras línguas*.¹⁶⁶

O fenômeno do “falar em línguas” é citado em dois livros do Novo Testamento: Atos e 1Coríntios. Por esta razão, tomaremos por base Atos 2,1-13 e 1Coríntios 12-14, sendo este último texto considerado como o primeiro relato a respeito do “falar em línguas” no cânon bíblico e a mostrar como Paulo compreende a experiência deste carisma.¹⁶⁷

No entanto, há outras perícopes que mencionam o carisma da glossolalia. No discurso de Pedro na casa de Cornélio, o centurião pagão de Cesareia e toda a sua família começam a “falar em línguas”, “isto é, em discursos extáticos; não se pode pensar aqui no emprego do idioma de diferentes povos”.¹⁶⁸

Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, ficaram estupefatos ao ver que também sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo, pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus. (At 10,45-46)

Aparece também no episódio dos seguidores do Batista de Éfeso. Nesta narração, a “irrupção do Espírito traduz-se aqui não somente pelo emprego de ‘línguas’ incompreensíveis, mas também por discursos inspirados e perfeitamente inteligíveis devidos ao dom de ‘profecia’”.¹⁶⁹

E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles: puseram-se então a falar em línguas e a profetizar. (At 19,6)

No entanto, é Paulo quem fornece mais detalhes a respeito do carisma das línguas na sua explanação a respeito dos carismas em 1Cr 12-14.

Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores...Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? (1Cor 12,27-30)

Contudo, Paulo chama atenção para a caridade, o Amor:

Procurai a caridade. Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia. Pois aquele que fala em línguas, não fala aos homens, mas a Deus.

¹⁶⁶ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 51.

¹⁶⁷ FIGUEIREDO, R. G. S., Estes sinais acompanharão os que creem: o falar em línguas em Marcos 16, 15-18, p. 21.

¹⁶⁸ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 491.

¹⁶⁹ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 492.

Ninguém o entende, pois ele, em espírito, enuncia coisas misteriosas. Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. Desejo que todos faleis em línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a menos que este as interprete, para que a assembleia seja edificada. (1Cor 14,1-5)

Paulo, assemelha o “falar em línguas” a um delírio:

Se, por exemplo, a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não dirão que estais loucos? (1Cor 14,23)

Voltemos ao texto do relato de Pentecostes em Atos 2,1-13, onde podemos diferenciá-lo em duas formas. Nos versículos 1-4:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem.

E nos versículos 12-13: “Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: ‘Que vem a ser isto?’ Outros, porém, zombavam: ‘Estão cheios de vinho doce!’” Temos aqui uma narrativa primitiva e tradicional.¹⁷⁰

Nos versículos 5-11:

Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. Com o ruído que se produziu, a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma. Estupefatos e surpresos, diziam: “Não são, acaso, galileus todos esses que falam? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem; tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!”

Encontra-se uma narrativa mais evoluída e redacional. A primeira narrativa tem uma natureza carismática e apocalíptica e a segunda relata uma natureza profética e missionária. Os escritos de Lucas são históricos e partem de fatos e tradições que já haviam acontecido várias vezes, em lugares, tempos e circunstâncias diferentes.¹⁷¹

Lucas narra que todos “estavam reunidos no mesmo lugar” (At 2,1), e é bem provável que tenha sido no mesmo lugar onde Jesus celebrou a Eucaristia com eles. Interessante observar que os discípulos perceberam primeiro o “ruído” e depois a visão das “línguas como de fogo”. Tudo era “como o agitar-se de um vendaval

¹⁷⁰ RICHARD, P., O Movimento de Jesus depois da ressurreição, p. 37.

¹⁷¹ RICHARD, P., O Movimento de Jesus depois da ressurreição, p. 37.

impetuoso” (At 2,2)”.¹⁷² O “ruído” como aquele que se fez ouvir no Sinais: “Do céu ele fez com que ouvisses a sua voz, para te instruir; ele te fez ver o seu grande fogo sobre a terra e ouviste suas palavras do meio do fogo” (Dt 4,36). Como a voz que se faz ouvir no batismo de Jesus (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22). Como a que Pedro ouviu em Jope (At 11,9) e como a que ouviu o vidente do Apocalipse (Ap 10,4.8; 11,12; 14,2.13; 18,4).¹⁷³

Após o fenômeno sonoro, aparece um fenômeno visual: “línguas como de fogo” (At 2,3) que se dividiam e “pousaram sobre cada um deles”. Dupont nos revela que o texto grego diz simplesmente “e pousou sobre cada um deles”; o verbo não tem sujeito, pois “o emprego do singular pode ser atribuído ao fato de pensar o autor menos em “línguas” do que no Espírito Santo por elas manifestado”,¹⁷⁴ dado que o v. 4 diz: “e todos ficaram repletos do Espírito Santo”.¹⁷⁵

Fogo é sinal da presença de Deus, como aparece também na sarça ardente em Êx 3,1-6. O fogo na sarça convocou Moisés para a missão de libertar seu povo da escravidão no Egito, e as línguas de fogo em Pentecostes envia os discípulos em missão para anunciar a Boa Nova. “O fogo que vem dos céus brilha, arde, esquenta, mas não consome. O fogo purifica e ilumina, consagra, elege e envia.”¹⁷⁶

O Espírito Santo “é consolador, instrutor, revelador, orientador, defensor e a força de transformação para o entendimento e a unidade dos povos, culturas e corações”.¹⁷⁷ Por esta razão, ao passar a epifania, “todos ficaram repletos do Espírito Santo” (At 2,4) e foram transformados. “O Espírito Santo é comunicação, entendimento e sintonia: *todos os ouviam em suas próprias línguas* (2,6.8.11)”.¹⁷⁸ Esta experiência sobrenatural vivida pelos apóstolos é narrada através de símbolos misteriosos, como fogo, vento forte e ruídos intensos, além do falar em outras línguas.

“De todos os códigos utilizados pelo homem para expressar suas impressões, para representar coisas, seres, ideias, sem dúvida alguma o mais importante é a língua”.¹⁷⁹ A palavra “língua” tem dois sentidos, tanto em grego com em português.

¹⁷² MAZZAROLO, I., Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo, p. 46.

¹⁷³ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 486.

¹⁷⁴ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 488.

¹⁷⁵ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 489.

¹⁷⁶ MAZZAROLO, I., Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo, p. 46.

¹⁷⁷ MAZZAROLO, I., Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo, p. 46.

¹⁷⁸ MAZZAROLO, I., Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo, p. 46-47.

¹⁷⁹ SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C., A glossolalia em Pentecostes: a comunicação para difusão do cristianismo, p. 167.

Um dos sentidos é o órgão da boca que nos permite falar, o outro sentido indica uma linguagem. Lucas, em Atos 2,1-13, expõe os dois sentidos, as línguas-órgãos produzem línguas-linguagens, que neste caso observamos o carisma da glossolalia. Este fenômeno carismático em Jerusalém nos mostra como o cristianismo das comunidades era marcado pelas dimensões extáticas.¹⁸⁰

“E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem” (At 2,4). Este versículo mostra os apóstolos impulsionados pelo Espírito Santo, “dependem do dom das línguas e consistem em sons que não têm sentido em nenhuma língua humana”¹⁸¹. Aqui não fala de missão ou de testemunho, mas sim do entusiasmo da fé.¹⁸²

A narrativa dos versículos 7-8 mostra os apóstolos falando em línguas estranhas para eles, mas que são as dos povos ouvintes que eram judeus de diversas regiões do Império Romano, que estavam reunidos para uma das principais festas da cultura judaica, Pentecostes. Foi um tempo favorável, pois o Espírito alcançou um grande número de pessoas, tanto as que viviam em Jerusalém como as de outras partes do mundo que ali estavam reunidas. Elas puderam não só viverem uma experiência sobrenatural, como se tornaram testemunhas desta experiência.¹⁸³

Estes versículos mostram a missão entre as nações e não mais o entusiasmo da fé. Para Comblin, esta narrativa se aproxima mais da intenção de Lucas, pois ele atribuiu ao Espírito Santo os efeitos proféticos, já que os apóstolos falam como profetas. Lucas, como Paulo, “dá preferência ao Espírito de profecia sobre o Espírito da glossolalia”.¹⁸⁴

No entanto, Kürzinger diz que:

Esse Espírito prometido por Jesus orienta e impregna as palavras e os atos do discípulo. Por isso, reveste-se de um sentido todo especial o fato de, justamente no dia de Pentecostes, ser testemunhado um falar *em outras línguas*. Tomando por base a palavra grega “glossa”, poder-se-ia pensar num exprimir-se “em outras línguas” por ter o Espírito – que se revelava nas línguas de fogo – capacitado os discípulos a falar idiomas estranhos, para eles até então desconhecidos. Nosso relato não exclui esta possibilidade. Parece-nos, todavia, que se lhe faria maior justiça admitindo um “linguajar” (glossolalia) operado pelo Espírito. Tratando-se o mais das vezes, nestes casos, de um fraseado incompreensível e extático que só mediante a interpretação profética deve ser elucidado, então devem ter acontecido simultaneamente dois fenômenos da revelação do mesmo Espírito no dia de Pentecostes: um milagre de

¹⁸⁰ COMBLIN, J., Atos dos Apóstolos, p. 89-90.

¹⁸¹ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 491.

¹⁸² COMBLIN, J., Atos dos Apóstolos, p. 88.

¹⁸³ SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C., A glossolalia em Pentecostes, p. 166.

¹⁸⁴ COMBLIN, J., Atos dos Apóstolos, p. 88.

audição, mediante o qual os ouvintes já preparados psiquicamente puderam entender, e seus idiomas pátrios, a mensagem da salvação, e um falar extático dos discípulos que assim lhes transmitiam essa mensagem.¹⁸⁵

Os ouvintes diziam que podiam ouvir os discípulos anunciar as “maravilhas de Deus” em suas próprias línguas. Essas maravilhas de Deus formam o conteúdo da linguagem de Pentecostes. “Houve, sem dúvida, a explosão de incontida alegria, a confissão de felicidade, em vista da revelação salvífica de Deus, pela maneira como foi proporcionada ao mundo em Jesus Cristo”.¹⁸⁶ Uma alegria tal que levou os discípulos a darem a impressão de estarem “cheios de vinho doce”, tanto que Pedro no início de seu discurso diz: “estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia” (At 2,15). “Admitir-se-á que a analogia com a embriaguez é mais notável se os apóstolos falam em ‘línguas’ incoerentes do que se pronunciam discursos onde cada qual pode reconhecer sua língua materna”.¹⁸⁷

Rodrigo Fernando de Sousa Figueiredo, em sua dissertação, defende que o fato de os apóstolos falarem em línguas e a multidão que os ouve entender cada um em sua língua nativa, ou seja, o falar em línguas estrangeiras, seria a xenoglossia, pois, *xenos* = estrangeira = *glossa* = língua, pronúncia de sons inteligíveis, falar um idioma estrangeiro sem tê-lo aprendido. O falar em línguas “pode ter sofrido influências das tradições sobre o assunto contido no testemunho documental lucano, sendo reelaborado dentro de um paradigma missionário-apologético (xenoglossia)”.¹⁸⁸

No relato da “xenoglossia” podemos dizer que há uma retomada de Babel, “deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi aí que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi aí que ele os dispersou sobre toda a face da terra” (Gn 11,9); contudo, não ocorre a confusão das línguas, mas, ao contrário, todos se entendem. “Aparece claramente o horizonte universal e ecumênico do novo povo mobilizado pela força unificante do Espírito”.¹⁸⁹

Podemos dizer que houve uma Babel invertida, pois é um movimento de Deus em direção ao ser humano. Há uma ação que vem de cima para baixo, onde acontece

¹⁸⁵ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 51-52.

¹⁸⁶ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 54.

¹⁸⁷ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 493.

¹⁸⁸ FIGUEIREDO, R. F. S., Estes sinais acompanharão os que creem: o falar em línguas em Marcos 16, 15-18, p. 14.

¹⁸⁹ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 63.

a união, e não a separação. “Aqueles, pois, que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas” (At 2,41). Isto mostra que “a *linguagem* do Espírito Santo permite que todas as línguas, por mais diversas que sejam, se entendam ao redor de um único projeto: o amor”,¹⁹⁰ pois não há nenhuma força, nem repressão, nem planejamento político ou econômico que possa assegurar a unidade dos povos ou dos grupos humanos, mas somente o “poder interior do Espírito, que promove com a liberdade o amor, novas relações, e cria espaços alternativos de comunicação”.¹⁹¹

Neste prisma pode-se intuir a interpretação que Lucas dá à experiência do Espírito que se exterioriza no *falar outras línguas* e no entendimento na *própria língua nativa*. Ele relê este fenômeno por meio de dois modelos interpretativos: o falar inspirado e comovido dos carismáticos, chamado *glossolalia*, do qual há exemplos nas comunidades cristãs de origem paulina (cf. 1Cor 12,10; 14) e nas experiências carismáticas de Atos (cf. 10,46-47; 11,15-17; 19,6) e o modelo da comunicação nas línguas dos diferentes povos. Esta última interpretação, sugerida pela antiga tradição judaica a respeito do dom da lei no Sinai, é institucionalizada por Lucas, porque lhe permite ressaltar a dimensão universal da ação do Espírito. Mas, “falar em outras línguas”, seja como for interpretado, será um sinal de que, como todos os sinais religiosos, apela para a tomada de posição do homem: acolhida ou recusa.¹⁹²

O ser humano tem a liberdade de se abrir e sinceramente acolher a Palavra e o Espírito Santo, ou não. Lucas apresenta a conclusão daquele que não está disposto a acolher o novo e o diferente, tendo sempre uma resposta pronta: “estão cheios de vinho doce!” (At 2,13). O discurso de Pedro (At 2,14-41) “desmascara os falsos álibis de quem tem medo do novo e amadurece a pergunta de quem está aberto para a decisão de fé”.¹⁹³

Pedro recusa totalmente a suspeita de embriaguez, tanto que ele lembra a hora do dia, mostrando com isso que os discípulos de Cristo são fiéis à tradição como os demais judeus, que costumavam jejuar até o sacrifício matutino, ou seja, nove horas da manhã. O que Pedro quer afirmar é que houve um outro inebriamento, o de ficar cheio do Espírito Santo; por isso, ele cita o profeta Joel, que anunciou o derramamento do Espírito como especial dom salvífico de uma forma arrebatadora. Pedro quer mostrar que o que estava acontecendo era o cumprimento da palavra do profeta Joel.¹⁹⁴

¹⁹⁰ MAZZAROLO, I., Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo, p. 47.

¹⁹¹ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 64-65.

¹⁹² FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 64.

¹⁹³ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 64.

¹⁹⁴ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 55-56.

“Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões. Até sobre os escravos e sobre as escravas, naqueles dias, derramarei o meu espírito. Porei sinais nos céus e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaça”. O sol se transformará em trevas, a lua em sangue, antes que chegue o dia de YHWH, grande e terrível! Então, todo aquele que invocar o nome de YHWH, será salvo. Porque no monte Sião e em Jerusalém haverá ilesos – como YHWH – falou, entre os sobreviventes que YHWH chama. (Jl 3,1-5)

O profeta Joel fala em “sonho” e “visões” como manifestações do derramamento do Espírito Santo, e no discurso de Pedro no dia de Pentecostes, “eles se enquadram bem no conceito ‘profetizar’, o qual se destaca particularmente no falar em línguas da comunidade”.¹⁹⁵ É pelo derramamento do Espírito Santo que novamente a criação se vê arrebatada, formando, assim, novas criaturas, um “novo povo de Deus”, em que todos os seres humanos estão expostos ao sopro criador do Espírito Santo, sem distinção. O novo povo de Deus compõe-se de servos e servas de Deus que estão dispostos a crer e aceitar a vontade de Deus, assim como Maria, que se confessa “serva do Senhor” e diz Sim à vontade de Deus (Lc 1,38).¹⁹⁶

Ao contrário do Antigo Testamento, onde este oráculo tinha a visão do fim do mundo, agora o que acontece é a formação de comunidades da nova fé que viviam o objetivo de anunciar a mensagem principal de Jesus, que era “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15) e “em Pentecostes, a ventania, os ruídos, as línguas de fogo pousando sobre os apóstolos e o falar em línguas estranhas e suas interpretações revelavam, para os participantes, que este Reino de Jesus, chegava”.¹⁹⁷ A partir desta experiência do Espírito Santo, começaram as pregações, a missão de testemunhar Jesus Cristo e anunciar o Reino de Deus.

As comunidades fundantes eram conduzidas e impulsionadas pelo Espírito Santo. Havia uma união tão grande entre eles que tudo o que possuíam era compartilhado. Eles repartiam e dividiam o pão de cada dia (At 2,44; 4,32). Os primeiros cristãos viviam o amor a ponto de serem um só coração e uma só alma (At 4,32). Os primeiros cristãos eram conduzidos pelo Espírito Santo e todo o seu agir procedia Dele.

“Tendo eles assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra

¹⁹⁵ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 58.

¹⁹⁶ KÜRZINGER, J., Atos dos Apóstolos, p. 58.

¹⁹⁷ SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C., A glossolalia em Pentecostes, p. 174.

de Deus” (At 4,31) — o Espírito Santo foi e ainda é o protagonista da missão.¹⁹⁸ O livro dos Atos dos Apóstolos mostra claramente este protagonismo (At 4,27-31; 8,14-17; 10,44-46; 13,2-3). Podemos ver que “em todas estas circunstâncias o Espírito surge como o protagonista principal da Igreja”.¹⁹⁹

Paulo diz que “o Senhor é o Espírito” (2Cor 3,17), revelando a ação perene do *Kýrios* através do Espírito Santo, que transforma o mundo em Reino de Deus. “Porquanto o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17). Este processo de transformação inicia-se na Igreja e ocorre por intermédio da Igreja. “Assim, Paulo descreve a igreja como construção, casa e templo do Espírito (1Cor 3,16s.; cf. 2Cor 6,16; Ef 2,21s.; 1Pd2,5). É o Espírito que une a igreja e a mantém coesa (1Cor 12,4-6.11; Rm 12,6-8; Ef 4,3s)”.²⁰⁰

Prometido pelos profetas, o Espírito Santo é o grande dom que é feito à Igreja como fruto da Ressurreição (*Is 44,3; Ez 33,27; Jl 2,28 e Act 2,17*). É pelo Espírito que se cumprem todas as promessas relativas à nova existência escatológica dos crentes. É Ele que confere idoneidade, fundamenta o poder e garante legitimidade à Igreja, conforme vem largamente documentado em numerosas passagens dos *Actos dos Apóstolos*.²⁰¹

A seguir veremos como esse movimento extático descrito no livro dos Atos dos Apóstolos continua na Igreja de Corinto. O mesmo Espírito Santo que agiu na vida de Jesus, na vida dos apóstolos e no início da Igreja, continua agindo, e aquele que perseguia os primeiros cristãos, pela ação do Espírito Santo se transforma em perseguido e dá início a uma nova comunidade, a de Corinto, onde o Espírito Santo teve abertura para agir abundantemente. No entanto, algumas pessoas não compreenderam os carismas e, ao invés de unirem a comunidade, acabaram por dividi-la.

3.4 Dons e carismas na comunidade de Corinto

Os escritos cristãos das comunidades primitivas nos mostram como os carismas borbulhavam no meio da comunidade. A Igreja, Templo do Espírito, é uma comunidade extática, onde ocorrem o êxtase e os carismas. Paulo foi o mais receptivo a esta perspectiva e a compreende como a manifestação do Espírito Santo.

¹⁹⁸ KASPER, W., *A Igreja Católica: Essência, realidade, missão*, p. 185.

¹⁹⁹ PAES, C. A. P., *Carisma e Ministérios numa Igreja que é edifício do Espírito*, p. 125.

²⁰⁰ KASPER, W., *A Igreja Católica*, p. 185.

²⁰¹ PAES, C. A. P., *Carisma e Ministérios numa Igreja que é edifício do Espírito*, p. 126.

Sendo ele herdeiro do Antigo Testamento, acredita que Deus intervém no mundo e que sua força governa a natureza, comanda a vida dos seres humanos e muda o curso dos acontecimentos para realizar a salvação dos eleitos. No entanto, Paulo vê essa potência e sabedoria como a manifestação do Espírito Santo, que é distinta do Pai e do Filho.²⁰²

A comunidade cristã de Corinto nasce da ação missionária de Paulo. Ao sair de Atenas, deixando alguns fiéis, ele seguiu para Corinto (At 18,1). Ao chegar em Corinto, Paulo se une a um judeu chamado Áquila e a sua mulher Priscila, começando com eles a sua missão, e a “cada sábado, ele discorria na sinagoga, esforçando-se por persuadir judeus e gregos” (At 18,4).

Quando Silas e Timóteo chegaram a Corinto, Paulo dedica-se inteiramente ao anúncio da Boa Nova, “atestando aos judeus que Jesus é o Cristo” (At 18,5). No entanto, esta mensagem não foi acolhida pelos judeus e Paulo “sacudi suas vestes” e passou a se dirigir aos gentios (At 18,6). Contudo, ele obteve uma vitória — “Crispo, o chefe da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa”, assim como Tito Justo, que morava ao lado da sinagoga, e muitos dos coríntios também abraçaram a fé (At 18,7-8).

Com isso Paulo, permaneceu em Corinto por dezoito meses, dando início à comunidade cristã de Coríntios. Corinto era uma cidade portuária, e por esta razão era o ponto de encontro de muitos povos e culturas. Reunia povos de todas as regiões do mundo, formando um quadro religioso de muitas vozes, símbolos, ritos e muitas expressões religiosas, o que dava a Corinto um rosto religioso bastante diversificado.²⁰³ Por esta razão, a comunidade de Corinto tinha um caráter misto, pois foi formada por judeus e gentios nascidos em Corinto ou em outras partes do mundo. Era uma comunidade mesclada de convertidos e a grande maioria deles estava familiarizada com as manifestações proféticas e de êxtase.

As culturas são formadas a partir de uma diversidade de conhecimentos, costumes, hábitos e saberes, que em um processo de troca determinam uma identidade cultural. As religiões, como mensageiras da salvação, dispõem de um

²⁰² CERFAUX, L., O cristão na teologia de S. Paulo, p. 225.

²⁰³ SANTOS, I. S., Glossolalia e as relações de poder na Igreja de Corinto (1Cor 12,1-2; 14,5), p. 73-76.

entusiasmo especial que anuncia uma verdade, uma mensagem ou um personagem.²⁰⁴

Contudo, no seu processo de expansão, entra em contato com matrizes culturais diversas, tecendo com estas uma dialética múltipla que pode ir da oposição sectária à assimilação consciente. De qualquer forma, a assimilação espontânea de matrizes culturais distintas faz parte do desenvolvimento histórico das religiões, fato que, além de compor a complexidade de suas representações e práticas, tende a retrojetar para o tempo das origens matrizes posteriormente assimiladas, em um esforço de fundi-las em uma única matriz primogênita.²⁰⁵

Por esta razão, foi possível a existência de diversas formas de expressões de espiritualidade. No entanto, Paulo adverte a respeito dos dons espirituais:

A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância. Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isto, eu vos declaro que ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: “Anátema seja Jesus!”, e ninguém pode dizer: “Jesus é Senhor” a não ser no Espírito Santo. (1Cor 12,1-3)

Quando Paulo diz: “irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos” (1Cor 12,2), mostra um momento de êxtase, quando o ser humano é possuído pela divindade. Ele chamava a atenção para as características de religiosidades da cultura greco-romana, em que pessoas “em êxtase descontrolado falavam da parte dos deuses mudos”.²⁰⁶ A Igreja de Corinto conhecia, por experiência, os fenômenos de êxtase e de profecia, exatamente pelo fato de estar inserida num contexto histórico-religioso com expressões religiosas diversas.

A manifestação dos carismas, conferidos ao Espírito Santo pela comunidade, tinha uma certa similaridade com as experiências religiosas dos gentios. Não havia dúvidas sobre a veracidade da fala em línguas e é certo que a profecia e o profeta eram fundamentais na Igreja de Corinto. Tanto que Paulo fala sobre o assunto na sua primeira carta aos Coríntios,²⁰⁷ conferindo um destaque especial à forma de como o Espírito Santo atua na igreja cristã, explicando aos coríntios a concessão dos dons espirituais, que era bastante presente na vida desta comunidade, e

²⁰⁴ PASSOS, J. D., A Matriz Católico-Popular do Pentecostalismo. In: Movimento do Espírito: Matrizes, afinidade e territórios pentecostais, p. 47.

²⁰⁵ PASSOS, J. D., A Matriz Católico-Popular do Pentecostalismo, p. 47.

²⁰⁶ SANTOS, I. S., Glossolalia e as relações de poder na Igreja de Corinto (1Cor 12,1-2; 14,5), p. 92.

²⁰⁷ SANTOS, I. S., Glossolalia e as relações de poder na Igreja de Corinto (1Cor 12,1-2; 14,5), p. 114.

deixando claro que a concessão dos carismas é obra exclusivamente do Espírito Santo.²⁰⁸

A glossolalia era bastante comum no mundo grego, onde predominava a *gnôsis*, o esoterismo e o conhecimento do pensamento dos deuses. Os glossolálicos acreditavam na sua superioridade e chegavam até mesmo a exigir uma reverência dos que não possuíam o espírito. Paulo usa o termo *pneumatiká* que, também, é própria do mundo helenista para mostrar fenômenos prodigiosos e extáticos. O Espírito era compreendido como força divina e doador de forças extraordinárias e espetaculares que levavam o ser humano a vencer os seus limites e atingir “*performances* sobre-humanas”.²⁰⁹ A glossolalia não estava sendo entendida como um carisma do Espírito Santo, mas como um meio de distinção, ou seja, como discurso de poder que legitimaria a liderança de uns sobre outros.

As assembleias comunitárias eram o lugar onde se entoavam as vozes extáticas e as palavras proféticas dos carismáticos de Corinto. No entanto:²¹⁰

O olhar de Paulo vai além dos limites de praxe eclesial para chegar ao centro do problema, que poderíamos formular assim: no parecer do Apóstolo existe relação estreitíssima entre as experiências carismáticas e a vida da comunidade cristã, em correlação essencial com o Senhor Jesus e o Espírito do Ressuscitado. Na igreja de Corinto uma minoria de carismáticos em condições de ostentar manifestações exaltantes do Espírito e, por isso, animados por evidente complexo de superioridade em relação aos outros, coexistia com maioria de crentes que, não tendo dons extraordinários, sofriam de complexo de inferioridade. Seja como for, parece que uns e outros concordassem em avaliar de maneira maximalista as experiências carismáticas espetaculares e arrebatadoras, capazes de tirar os beneficiários da realidade cotidiana mais prosaica e conhecidas também no mundo greco-gentio, como testemunham os fenômenos de exaltação das bacantes e de muitos participantes do culto de Dionísio. Em última análise, considerava-se o Espírito como força arrebatadora da pessoa e transfiguradora dos seres humanos, precisamente como se pensava no ambiente gentio.²¹¹

Há uma diferença entre o “falar em línguas” de Corinto e o de Atos. Em Corinto, havia a necessidade de alguém para interpretar, já em Atos todos compreenderam sem a mediação interpretativa.²¹² Por esta razão, Paulo começa 1Cor 12 respondendo a uma possível carta que lhe foi enviada, mencionada em 1Cor 7,1 com algumas dúvidas e perguntas.²¹³ Paulo estava em Éfeso quando deve

²⁰⁸ NASCIMENTO JUNIOR, M. M., Algumas formas de ação do Espírito Santo na vida da Igreja, segundo 1Cor 12, e 14, p. 113.

²⁰⁹ BARBAGLIO, G., As Cartas de Paulo (I), p. 317.

²¹⁰ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 79.

²¹¹ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 79.

²¹² SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C., A glossolalia em Pentecostes, p. 172.

²¹³ MAZZAROLO, I., Primeira Carta aos Coríntios, p. 172.

ter recebido notícias de que alguns fiéis haviam recaído no pecado. Ele escreve uma carta respondendo à comunidade e advertindo-os a se afastarem dos imorais: “Eu vos escrevi em minha carta que não tivésseis relações com devassos” (1Cor 5,9). Nesta carta, conhecida como “a carta perdida”, Paulo discute basicamente duas questões — fornicção e idolatria. De acordo com as outras correspondências, podemos ver que os coríntios mostraram uma atitude vaidosa e tiveram um espírito arrogante em relação às orientações e proibições de Paulo.²¹⁴

Pela primeira carta aos Coríntios podemos perceber que alguns representantes dos líderes da comunidade vão até Paulo em Éfeso (1Cor 16,17) para consultá-lo a respeito de alguns problemas e desordens que surgiram na comunidade. Havia uma inquietação na relação entre os glossolálicos e a comunidade a ponto de levar essas pessoas a fazerem questionamentos a respeito de tais indivíduos. Pessoas da casa de Cloé também informaram Paulo a respeito do que estava acontecendo em Coríntios, como disputas e divisões (1Cor 1,11)²¹⁵.

Paulo se preocupa com esta questão e começa a sua carta dizendo:

Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar. Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram de que existem rixas entre vós. (1Cor 1,10-11)

Com isso, Paulo inicia o capítulo 12 falando a respeito dos *pneumatikoi*, ou seja, que procede do Espírito, transcendente, aquilo o que está em oposição à matéria. As revelações do Espírito tinham traços diversos e, às vezes, de difíceis discernimento e compreensão. Por vezes, eram expressões de fenômenos paranormais, psíquicos, extáticos e sem nenhuma conexão com a força superior.²¹⁶

Paulo, em 1Cor 12,1, introduz um novo tema sobre os dons espirituais, “a propósito dos dons do Espírito, irmãos não quero que estejais na ignorância”. Não temos como saber quais foram exatamente as questões que chegaram até ele a respeito deste assunto, mas, devido às reflexões que Paulo faz em toda a unidade de 1Cor 12-14, há indicações de que as questões a respeito desses dons foram levantadas pela comunidade de Corinto, e a resposta de Paulo as essas questões permite vermos uma reconstrução justa do problema que ocorria na comunidade.

²¹⁴ NJIRU, P. K., Charisms and the Holy Spirit’s activity in the Body of Christ, p. 28.

²¹⁵ NJIRU, P. K., Charisms and the Holy Spirit’s activity in the Body of Christ, p. 28-29.

²¹⁶ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 172.

Se nos baseássemos somente em 1Cor 12, poderíamos concluir que os coríntios só estavam perguntando a respeito dos dons do Espírito de modo geral. Todavia, o texto de 1Cor 13-14 indica que a resposta de Paulo é tanto para instruir como para corrigir a comunidade em relação aos dons espirituais, dando ênfase especial ao carisma das línguas e da profecia.²¹⁷

É certo que havia a manifestação da glossolalia na Igreja de Corinto, que entoava na assembleia vozes incompreensíveis, como também discursos inspirados, fruto de iluminação divina. Contudo, os carismas eram para o indivíduo que se fechava e se isolava dos outros. Era uma realidade carismática fechada, separada da realidade comunitária, acabando com o espanto e a maravilha do carisma, pois não eram construtivos e não ajudavam no amadurecimento da fé da comunidade,²¹⁸ ao contrário do ocorrido no dia de Pentecostes.

Paulo escreve à Igreja de Corinto para solucionar os problemas relativos aos *pneumatikoi*. Na carta, este termo destaca dois sentidos contraditórios: os que se automeavam espirituais, (1Cor 14,37) que pressupunham que a verdadeira espiritualidade estava ligada aos discursos eloquentes (1Cor 2,1), e os que apropriavam-se da posição de possesores dos carismas e lutavam para manter-se numa condição superior entre os membros da comunidade. Estes atribuíam uma posição de elevada espiritualidade àqueles que possuíam o carisma da glossolalia.²¹⁹ Paulo se concentra na comparação entre o dom de profecia e o dom das línguas, mas sempre exaltando o amor. Ele faz questão de mostrar que “toda a ação do Espírito é de nos levar a confessar Jesus como Senhor (1Cor 12,3) e de nos configurar a Ele (Gl 4,6; Rm 8,15).²²⁰

Os glossolálicos desmereciam as pessoas que não estavam no mesmo nível de espiritualidade que eles e acabaram por levar dúvidas, insatisfações, exclusões e, principalmente, divisões. Os que eram desprezados se sentiam inferiores por não serem portadores do carisma. Sendo assim, Paulo precisou tomar uma atitude em relação aos carismas, em especial à glossolalia, e em relação às pessoas envolvidas neste conflito.

²¹⁷ NJIRU, P. K., Charisms and the Holy Spirit's activity in the Body of Christ, p. 43.

²¹⁸ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 318.

²¹⁹ SANTOS, I. S., Glossolalia e as relações de poder na Igreja de Corinto (1Cor 12, 1-2; 14,5), p. 117-118.

²²⁰ MIRANDA, M. F., A Experiência do Espírito Santo. Abordagem Teológica, p. 171.

Paulo usa a expressão *Diaireseis*, que pode significar divisão, diversidade ou distribuição. Quando ele coloca que há “diversidade de dons” em 1Cor 12,4, está dizendo que os carismas são distribuídos de modos diversos, ou seja, não há como todos possuírem os mesmos dons, mas é necessário que todos possuam o mesmo Espírito. “Se o Espírito for o mesmo e o mesmo Deus, logo haverá a possibilidade de se encontrar uma solução para os conflitos”.²²¹

Karisma vem de *Karis*, que quer dizer “graça”; contudo, ao ser traduzido para “dom” perdeu-se um pouco o sentido da palavra “graça” em grego, pois os “dons” são revelações da “graça”, e aquilo que for “graça” tem que ser útil à comunidade. Por esta razão, quando Paulo fala da “diversidade de dons”, ele está falando que cada pessoa da comunidade recebeu a sua “graça”, ninguém ficou sem e por isso ninguém foi excluído, pois quando há diversidade é preciso ter um olhar diferente e encontrar uma oportunidade para a unidade. “A diversidade significa identidade, particularidade e beleza. Quando não tiver o mesmo Espírito, significará divisão”.²²²

Para Paulo, o Espírito é singular e único. Falar do Espírito é falar da presença e do poder de Deus. Como Deus é um, então existe apenas um só Espírito de Deus. O Espírito Santo tem um lugar proeminente no *corpus* paulino, e isto pode ser explicado com base na própria experiência de Paulo, assim como também na experiência das comunidades cristãs primitivas com o Espírito Santo em seu meio e sua percepção da imanência de Deus.²²³ Sendo assim, Paulo coloca no início do capítulo 12 o primeiro critério para avaliar as experiências carismáticas, ou seja, elas são verdadeiramente inspiradas pelo Espírito Santo quando levam a reconhecer e confessar que Jesus é o Senhor e se desqualificam quando conduzem à rejeição de Jesus (1Cor 12,3).²²⁴

Paulo faz questão de destacar a origem divina dos carismas, pois todos são dons gratuitos e manifestações diferentes, mas a fonte é a mesma (1Cor 12,4-6). Ele quer manter os carismas estreitamente ligados ao seu doador, de cujo querer dependem a modalidade e a finalidade de sua concessão. O Espírito Santo é quem reparte os carismas entre os fiéis, de modo que ninguém possua a todos e possa

²²¹ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 174.

²²² MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 174-175.

²²³ NJIRU, P. K., Charisms and the Holy Spirit’s activity in the Body of Christ, p. 101.

²²⁴ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 80.

sentir-se orgulhoso por isso e que ninguém seja privado deles. Todos participam, sem exceções, para a utilidade da comunidade (1Cor 12,7-11)²²⁵

Paulo associa o corpo com a Igreja (1Cor 12,12-31), querendo mostrar a necessidade da integração, a consciência de pertença e a responsabilidade com o outro.²²⁶ Ele recorre à imagem “corpo de Cristo” ao falar da Igreja, não com um pensamento helenista, mas com o pensamento hebraico “da personalidade corporativa, de um superego comunitário, que une os sujeitos individuais de uma comunidade diacrônica e sincronicamente, sem apagar a sua individualidade”.²²⁷ Esta associação segue a mesma lógica dos carismas, que são vários, mas com um só Espírito. A multiplicidade dos carismas está ligada à vontade de Deus, mostrando a necessidade da pluralidade na unidade do corpo (1Cor, 12,20). Paulo mostra a importância da pluralidade, e não tem como falar de corpo sem a pluralidade dos membros, e membros diferentes, diversificados, e não uma unicidade ou uniformidade.²²⁸

A pluralidade e a diversidade dos carismas e a sua finalidade eclesial convergente têm desenvolvimento adequado no paralelo com o organismo humano, constituído de muitos e diferentes membros, empenhados no seu crescimento e no seu bem. A comunidade cristã local é como um corpo; por isso, no seu interior vale a regra da pluralidade e da multiplicidade, ou da diferenciação, mas também da interdependência e da solidariedade.²²⁹

Sendo assim, não havia “fracos”, ou “menos dignos” ou ainda “menos decentes”, como pensavam aqueles que se sentiam em posição de maior dignidade religiosa.

Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários, e aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência. (1Cor, 12,22-23)

No final do capítulo 12, Paulo acrescenta dois carismas que ele não havia mencionado anteriormente nos versículos 8-10. Ele fala do carisma da assistência e o carisma de governar a comunidade. Sendo assim, ele mostra que a realidade carismática abrange toda a vida comunitária, enfatizando que, desde o serviço mais humilde de assistência aos enfermos, até a função de governar a comunidade estão

²²⁵ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 81.

²²⁶ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 175.

²²⁷ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 175.

²²⁸ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 321.

²²⁹ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 81.

ligados a um carisma.²³⁰ O capítulo termina advertindo que todos devem procurar os carismas mais altos (1Cor 12,31), pois estes são os mais eficazes para o crescimento da comunidade. Em seguida, Paulo mostra o verdadeiro caminho a ser seguido: o “amor”, que “supera de longe a importância das experiências carismáticas”.²³¹

Os carismas são presentes de Deus para a santificação pessoal e para o serviço. Isaías enumera os dons de YHWH — “espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor a Iahweh.” (Is 11,2), e esses são os dons para a nossa santificação. Os carismas que Paulo cita em sua primeira carta aos Coríntios nos capítulos 12-14 são os carismas de serviço e por isso ele enfatiza o “amor”. “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.” (1Cor 13,13)

Segundo Isidoro Mazzarolo, *Ágape* não é caridade, apesar de ser traduzido assim, mas *Ágape* é amor. Amor que leva a pessoa à caridade, à misericórdia, à solidariedade e, se for preciso, a doar a vida para resgatar alguém. Pois o “amor” se identifica com alteridade, amizade, o bem-querer. O caminho da santidade é o “amor”. Por este motivo, Paulo define a vida cristã com o “amor” e insiste que sem o “amor” nada floresce.²³²

Tanto que Paulo inicia o capítulo 13 sublinhando a insignificância de toda a grandeza humana quando falta o amor (vv. 1-3):

O confronto é estabelecido em concreto com as supremas possibilidades do homem: todo gênero de glossolalia, o carisma profético, a sabedoria ou penetração dos mistérios de Deus e do mundo, a posse da gnose ou conhecimento divino inspirado, a fé taumatúrgica capaz de fazer o impossível e os gestos heroicos de dar todos os bens próprios aos pobres e de entregar o próprio corpo às chamas. “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, e não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”. Em suma, o *ágape*, com a sua presença ou com a sua ausência, determina o ser ou o não ser cristão.²³³

²³⁰ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 320.

²³¹ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 82.

²³² MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 184-185.

²³³ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 83.

Em vista disso, no início do capítulo 14, Paulo exorta a respeito do amor, ao mesmo tempo que pede para que todos desejem os dons do Espírito. “Procurai a caridade. Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia” (1Cor 14,1). Paulo mostra sua preferência pelo carisma da profecia e afirma que a glossolalia é incompreensível aos ouvintes, o glossolálico está isolado em uma conversa individual com Deus. O profeta, por sua vez, está se comunicando com os homens, dirigindo palavras de exortação e de encorajamento.²³⁴ Paulo sublinha a estreita relação carismas-comunidade, reavendo o motivo da concessão diferenciada dos dons do Espírito, distribuídos para a edificação da igreja. Ele compara a glossolalia, que consiste em vozes inarticuladas e cheia de emoção, mas incompreensíveis aos demais, com a profecia, que é construtiva para a assembleia através de palavras compreensíveis.²³⁵

“Pois aquele que fala em línguas, não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, enuncia coisas misteriosas. Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. Desejo que todos faleis em línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza, é maior do que aquele que fala em línguas, a menos que este as interprete, para que a assembleia seja edificada. (1Cor 14,2-5)

Paulo exorta a comunidade, pois o carisma precisa edificar a Igreja: “Assim também vós: já que aspirais aos dons do Espírito, procurai tê-los em abundância, para a edificação da assembleia” (1Cor 14,12).

Que fazer, pois, irmãos? Quando estais reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, proferir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou interpretá-las; mas que tudo se faça para a edificação! (1Cor 14,26)

Nos versículos mencionados anteriormente, Paulo fala a respeito dos carismas dentro das assembleias eclesiais, mostrando que a glossolalia e a profecia são dois tipos de carismas do Espírito Santo.²³⁶ Não há restrições para se falar em línguas, mas este não é um dom que edifica a comunidade, pois o que edifica é o que transforma a pessoa e a faz crescer;²³⁷ no entanto, a profecia traz benefício para a Igreja reunida e Paulo critica exatamente esta relação individualista dos carismáticos de Corinto.²³⁸

²³⁴ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 343.

²³⁵ BARBAGLIO, G., 1-2 Coríntios, p. 85.

²³⁶ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 341.

²³⁷ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 187.

²³⁸ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 341.

Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vós. Mas, numa assembleia, prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência, para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em línguas. (1Cor, 14,18-19)

Com esta exortação, Paulo mostra que ele também fala em línguas e até mais do que todos eles. Mas deixa claro que não por mérito próprio, mas sim por graça de Deus. Podemos concluir que Paulo não diminui a glossolalia, mas dá preferência ao discurso inteligível, claro, compreensível.²³⁹ Sendo assim, Paulo dá preferência à profecia, que leva a interpelar a inteligência, o coração, os sentimentos, a ética, a verdade e a justiça. Por conseguinte, o cristão tem a oportunidade de reconhecer Deus na comunidade e na sua vida.²⁴⁰

Conseqüentemente, o resultado da manifestação do Espírito Santo estará sempre na edificação da comunidade. Se não houver uma transformação, uma maneira nova de viver em comunidade, se não for vivida a unidade, se não houver responsabilidade com o outro, se não houver a integração, o cuidado com o irmão, não tem como dizer que o Espírito Santo agiu na comunidade.²⁴¹

Paulo não é contra nenhum carisma, nenhuma expressão de fé, de ação ou de manifestação pública. Para ele, a princípio, não se deve menosprezar nada, pois tudo é bom. Paulo é carismático e bastante compreensível com a diversidade. Mas ele deixa claro que a ordem na assembleia tem que prevalecer, evitando o exibicionismo. Mesmo aquele que profetiza deve evitar dominar a assembleia, profetizando sem acusação ou ataque aos outros, pois o que vale na assembleia é a edificação de todos.²⁴²

Paulo tem conhecimento das duas ações do Espírito Santo: *ad extra* e *ad intra*. Ou seja, a ação carismática que está a proveito de todos e que termina para fora da pessoa que a recebe e a ação que termina na própria pessoa que a recebe, renovando a sua existência. Como também, que o Espírito Santo é o princípio e o interior da vida nova, de modo que constitui a salvação. Paulo tem a consciência de que o Espírito não assiste somente no anúncio da salvação, mas Ele é a salvação. O Espírito Santo torna a Igreja rica de variados carismas e a faz existir.²⁴³

²³⁹ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo (I), p. 346.

²⁴⁰ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 190.

²⁴¹ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 190-191.

²⁴² MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 192-193.

²⁴³ CANTALAMESSA, R., O Mistério de Pentecostes: Todos ficaram cheios do Espírito Santo, p. 102.

Os carismas do Espírito Santo são o que anima a Igreja, eles preexistem à institucionalização. Pelo fato de Jesus ter enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, é que a Igreja existe. Por meio das pessoas que tiveram uma experiência com o Espírito Santo e seus carismas, nascem as comunidades. Ao lermos o livro dos Atos do Apóstolos percebemos que não há esquemas hierárquicos que passaram a ser leis na Igreja. “Como estrutura fundamental, constitutiva do ser da Igreja, temos os múltiplos carismas do Espírito”.²⁴⁴

Paulo reconhece os carismas como fator decisivo para a construção e crescimento da Igreja, mas os carismas são dependentes do amor, “isto é, subordinação das manifestações do Espírito ao seu possesso estável interior”.²⁴⁵

Na verdade, tudo começa no dom, isto é, no carisma. Carisma é um apelo de Deus, dirigido a uma pessoa particular, para determinado serviço comunitário. Ao apelo junta-se o dom que a capacita para tal. O Espírito é a origem e o fundamento de todos os carismas. Ele cria a unidade e a ordem carismática e dá a cada um o seu carisma, orientando-os para um serviço mútuo, em obediência ao Senhor.²⁴⁶

São Paulo nos diz que há uma diversidade de carismas e por isso mesmo é difícil organizá-los de uma forma sistemática. Mas “se os carismas existem para a edificação da Igreja, devem corresponder às necessidades reais da Igreja universal e das Igrejas particulares”,²⁴⁷ pois os carismas levam a tarefa de evangelizar, de despertar o fiel para missão. Este foi o envio de Jesus Cristo: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Por esta razão, a Igreja é missionária, “é o Espírito que é nela fonte de missão.”²⁴⁸ Paulo se opõe a tudo que vá ao contrário do movimento missionário da Igreja, e esta é a razão pela qual ele censura a comunidade de Corinto.

Paulo escreve a sua Primeira Carta aos Coríntios em meados do ano 54, porque ele havia sido informado a respeito de uma forte ruptura na comunidade gerada por falta de ética, pobreza social e religiosa, como também por divergências com a autoridade de Paulo.²⁴⁹ No ano 95 chega a Roma notícias dos incidentes que levaram à divisão da comunidade de Corinto, onde alguns rebeldes se revoltaram

²⁴⁴ PAES, C. A. P., Carismas e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 125.

²⁴⁵ CANTALAMESSA, R., O mistério de Pentecostes: Todos ficaram cheios do Espírito Santo, p. 102.

²⁴⁶ PAES, C. A. P., Carismas e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 127.

²⁴⁷ BARRUFFO, A., Carisma. In: BORRIELLO, L. et al. Dicionário de Mística, p. 200-201.

²⁴⁸ PAES, C. A. P., Carismas e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 127.

²⁴⁹ MAZZAROLO, I., Primeira carta aos Coríntios, p. 14 e 20.

contra os presbíteros a ponto de destituí-los de seus cargos. A comunidade se divide por causa de interesses pessoais, contrários à prática da convivência cristã.

Neste período, as igrejas ainda eram células particulares, autônomas, mas os acontecimentos na igreja de Corinto chegam até a Igreja de Roma, mostrando que esta tinha uma autoridade diante das demais igrejas. Sendo assim, Clemente Romano intervém e escreve o primeiro documento papal, enquanto o apóstolo João ainda estava vivo, afirmando a autoridade do sucessor de Pedro, bispo de Roma. Na carta temos toda a concepção de Igreja, una em sua totalidade, ao contrário do que estava acontecendo na Igreja de Corinto, a divisão.

Clemente Romano escreve a carta aos Coríntios “para estabelecer princípios gerais, tanto em relação à posição da hierarquia na comunidade, quanto à própria convivência comunitária cristã”.²⁵⁰ Apresenta aos cristãos de Corinto as virtudes do cristianismo, como a obediência, a conversão, a hospitalidade e a humildade. Ele apresenta a fonte da organização eclesial, “há um só Deus, um só Cristo, um só Espírito. A Hierarquia, prefigurada na Antiga Lei, realiza-se numa cadeia ininterrupta do Pai para Cristo, de Cristo para os apóstolos, dos apóstolos para ‘outros personagens eminentes’, escolhidos com o assentimento da Igreja”.²⁵¹

Já no início de sua carta, Clemente Romano mostra a especificidade universal da Igreja, formada por comunidades locais, sua condição peregrina e fundamentada na vontade de Deus:

A Igreja de Deus que tem sua residência transitória em Roma à Igreja de Deus com residência transitória em Corinto aos eleitos, santificados na vontade de Deus, por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Que a graça e a paz vos sejam concedidas em plenitude da parte do Deus todo-poderoso por intermédio de Jesus Cristo.²⁵²

Na primeira parte da carta, Clemente fala a respeito das virtudes que são necessárias aos cristãos. Ele também chama atenção para os exemplos de Cristo, dos profetas e patriarcas para a ordem e paz. Recorre as promessas da vida futura e ressalta a respeito das bênçãos prometidas por Deus para hoje e não somente para o amanhã. Clemente pede que se mantenha a ordem estabelecida por Deus e que se conserve o Corpo Místico de Cristo inteiro.²⁵³

Que se conserve pois inteiro o corpo que formamos em Cristo Jesus, e cada qual se submeta a seu próximo, conforme o carisma que lhe foi dado. O forte cuide do fraco,

²⁵⁰ ARNS, P. E., Introdução. In: CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios, p. 8.

²⁵¹ ARNS, P. E., Introdução, p. 9.

²⁵² CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios. Introdução.

²⁵³ ARNS, P. E., Introdução, p. 9.

o fraco por sua vez respeite o forte; o rico preste serviços ao pobre, e o pobre por sua vez renda graças a Deus, que lhe deu o tanto para suprir a sua falta; o sábio manifeste sua sabedoria não em palavras, mas em boas obras; o humilde não dê testemunho de si mesmo, mas permita que outro o dê em favor dele; o casto em sua carne não se ensoberbeça, pois sabe que é outro quem lhe dá a continência. Afinal, irmãos, analisemos de que matéria fomos feitos. Como e quem fomos ao entrarmos no mundo, de que túmulo e escuridão nosso plasmador e criador nos tirou para nos introduzir em seu mundo, ele que preparou para nós todos os seus dons antes que nascêssemos. Já que temos tudo isso dele, devemos dar-lhe graças por tudo. A ele a glória pelos séculos. Amém.²⁵⁴

Na segunda parte da carta aos Coríntios, Clemente Romano fala sobre a importância do respeito e da subordinação à hierarquia constituída da Igreja, mostrando a fonte da organização eclesial:

Os Apóstolos receberam a boa-nova em nosso favor da parte do Senhor Jesus Cristo. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus e os Apóstolos, de Cristo; esta dupla missão realizou-se pois em perfeita ordem por vontade de Deus. Munidos assim de instruções e plenamente assegurados pela ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, confiados na palavra de Deus, saíram a evangelizar na plenitude do Espírito Santo a próxima vinda do Reino de Deus. Assim proclamando a palavra no interior e nas cidades, estabeleciam suas primícias, como Bispos e Diáconos, dos futuros fiéis, depois de prová-los pelo Espírito. E não era inovação: há séculos já a Escritura falava de Bispos e Diáconos. Pois é assim que se lê em algum lugar: “Quero estabelecer os Bispos deles na justiça e os seus Diáconos na fé”.²⁵⁵

Clemente mostra que os cristãos formam um corpo em Cristo, e por esta razão havia a necessidade da união e da unidade. Na conclusão da carta, ele insiste na restauração da paz, da ordem, da união e do respeito entre os irmãos. Apresenta vários exemplos de santidade como modelos a serem seguidos:

É pois acertado que nos orientemos por tais e tão grandes exemplos, curvemos nossa cerviz e ocupemos o lugar da obediência, para acalmarmos a vã sedição e alcançarmos com lisura a meta proposta dentro da verdade. Haveis de proporcionar-nos alegria e prazer, se vos submeterdes ao que vos escrevermos pelo Espírito Santo e cortardes pela raiz a vossa ira nascida do ciúme, conforme o pedido que nesta carta vos fazemos sobre a paz e a concórdia. Enviamos homens de confiança e prudentes que, desde a juventude até a idade mais avançada, tiveram conduta irrepreensível entre nós. Servirão de testemunhas entre vós e nós. Assim agimos, para que saibais que toda a nossa preocupação ia, e vai, no sentido de que se restabeleça de imediato a paz entre vós.²⁵⁶

Contudo, apesar de apresentar os exemplos de santidade como modelos, fica claro, na carta, que o modelo por excelência é Jesus Cristo:

Pois Cristo pertence aos humildes e não aos que se elevam acima da grei. O cetro da majestade de Deus, o Senhor Jesus Cristo, não veio com aparato de arrogância e

²⁵⁴ CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios, 38.

²⁵⁵ CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios, 42.

²⁵⁶ CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios, 63.

orgulho, embora pudesse tê-lo feito, mas com humildade, como Espírito Santo sobre Ele anunciou.²⁵⁷

A preocupação e o objetivo de Clemente Romano eram o confronto da revolta iniciada na Igreja de Corinto, e na sua carta fica claro que ele agia guiado pelo Espírito Santo, como defensor da paz, da harmonia, da união e unidade da Igreja cristã.

Até este momento, tivemos uma visão panorâmica histórica a respeito do êxtase. Vimos como há uma relação entre o movimento extático de alguns povos do Antigo Oriente e o movimento extático em Israel. Pelo fato de o Antigo Oriente ocupar uma área bastante privilegiada, ele desperta grande interesse nas nações da Antiguidade, havendo uma migração que resulta em uma pluriforme fusão cultural e religiosa. Sendo assim, vimos que podemos fazer um paralelo entre o movimento extático de Israel e os de alguns povos circunvizinhos.

Apresentamos textos do Antigo Testamento e textos das regiões vizinhas que podem ser colocadas em relação. Percebemos que em Israel era comum vincular a atuação profética ao fenômeno do êxtase, no entanto vimos que o êxtase leva a uma ação social de forte impacto comunitário. Apresentamos a diferença entre profecia e apocalipse, apesar de estarem muito próximos. Os escritos apocalípticos estão dentro de momentos de conflito e resistência.

Nosso estudo mostra como o movimento extático continuou a existir nas comunidades cristãs primitivas, uma vez que a fé cristã conhece e herda o movimento extático, mas dá a ele uma feição peculiar, que mostramos por meio de relatos no Novo Testamento que falam a respeito das experiências extáticas cristãs.

Encontramos a necessidade de estudar a respeito da presença do Espírito Santo na vida de Jesus, para fazermos uma associação com toda a ação do Espírito Santo na Igreja. Sendo assim, mostramos que desde a encarnação até a ressurreição é possível ver a influência do Espírito Santo na vida do Verbo. Por conseguinte, continuamos falando a respeito da ação do Espírito Santo na Igreja, que teve início quando o Espírito Santo foi doado por Jesus sobre os apóstolos no dia de Pentecostes.

Mostramos como essa experiência com o Espírito Santo transformou os apóstolos e os uniu a ponto de formarem uma pequena comunidade. Nesta comunidade podemos ver a dimensão extática com a manifestação dos carismas.

²⁵⁷ CLEMENTE ROMANO, Aos Coríntios, 16.

No entanto, os carismas eram para a edificação da Igreja, e não para edificação própria, pois se vivia a comunhão, a unidade e a fraternidade, e não havia pessoas passando por necessidade.

Continuamos os nossos estudos apresentando a Igreja de Corinto, fundada por Paulo, onde o movimento extático continua e os carismas foram derramados pelo Espírito Santo em abundância. No entanto, algumas pessoas não compreenderam o verdadeiro motivo do derramamento dos carismas e acabaram por levar à divisão da comunidade.

Paulo então escreve a Corinto, chamando a atenção a respeito dos carismas, em especial, a glossolalia e a profecia. Ele explica os carismas e fala que sem o amor nada faz sentido, e que onde há a ação do Espírito Santo, há unidade e harmonia, e não divisão e discórdia.

Essa carta de Paulo foi escrita no ano 54, contudo, no ano 95 fez-se necessário uma nova carta, escrita por Clemente Romano, advertindo novamente a comunidade a respeito da divisão que estava acontecendo por causa de interesses pessoais contrários às práticas cristãs. Isto acontecia, mais uma vez, por causa do movimento extático que se exercia com abundância na comunidade.

Por essa razão, nos foi necessário acrescentar mais um capítulo em nossa dissertação, pois achamos necessário fazer todo esse arco histórico para podermos compreender a dimensão extática da Igreja até este momento na história. Com isso, a nossa intenção é continuarmos estudando para entender o que aconteceu com o movimento extático, que era tão presente na Igreja e chegou ao ponto de sumir e de não mais haver a manifestação dos carismas.

4 A RCCBrasil do declínio à recuperação da dimensão extática

O Espírito Santo sempre esteve presente na história da humanidade. Deus, quando chama Abraão, diz “por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 12,3), deixando claro que não está chamando somente Abraão, ou somente sua tribo, nem mesmo um povo específico, mas Deus está chamando todos os povos. Deus convoca o seu povo, há uma convocação universal.²⁵⁸

Paulo diz aos Gálatas: “Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: ‘e aos descendentes’, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo.” (Gl 3,16). Sendo Jesus Cristo descendente de Abraão e uma vez que pelo batismo e pela fé todos estamos em Cristo, somos descendentes de Abraão. Todos os cristãos são membros de Cristo, logo somos descendentes de Abraão e do povo de Deus.²⁵⁹

Na plenitude dos tempos, o Espírito Santo se fez presente no nascimento, na missão e nas ações de Jesus de Nazaré. O Espírito Santo é o amor do Pai e do Filho, e este amor é prometido por Jesus aos seus discípulos. Com o cristianismo surge um novo período na história da humanidade e com ele desponta a eclesiologia do povo de Deus.

Walter Kasper diz que: “o povo de Deus é chamado e reunido por Deus dentre todos os povos e dentre todas as classes. Ele não se reúne para decidir o que deve ser feito, mas para ouvir e celebrar o que Deus decidiu e fez,”²⁶⁰ e esta é a essência da Igreja. “A eclesiologia do povo de Deus é fundamental para enquadrar a igreja no todo da história da humanidade”.²⁶¹

No entanto, a Igreja começou a enfrentar perseguições e heresias, passando por momentos de bastante hostilidade ao longo dos séculos. Com as dificuldades enfrentadas, houve a necessidade da sistematização, o que provocou um enfraquecimento da experiência com Deus, caindo no esquecimento os carismas.

Os ensinamentos principais da Patrística são os dogmas e os escritos apologéticos. O importante neste momento é defender a fé pela razão, deixando o *kerigma* cristão

²⁵⁸ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 167-168.

²⁵⁹ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 175.

²⁶⁰ KASPER, W., A Igreja Católica, p.173.

²⁶¹ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 171.

em segundo plano, havendo, assim, o declínio da Igreja extática. No período Escolástico surgem as sumas, aumentando a questão da sistematização e uma doutrina totalmente racional. Houve uma divisão entre Igreja e o mundo moderno, com seus novos valores. O *kerigma* cristão perde seu lugar para a filosofia moral e a experiência de fé vincula-se à linguagem racional apresentada, principalmente, por meio da explicação dogmática.

Por esta razão, neste capítulo vamos expor o percurso da história da Igreja apresentando as instruções e exortações feitas às primeiras comunidades, quando acontece o declínio dos fenômenos carismáticos. Contudo, o Espírito Santo sempre esteve presente na história da humanidade e da Igreja e por inspiração Dele a Igreja convoca o Concílio Ecumênico Vaticano II, acontecendo uma Renovação no Espírito e o retorno às fontes. Assim como os apóstolos e Paulo eram guiados pelo Espírito Santo, evangelizando com alegria e com abundância de dons carismáticos, a Igreja retorna com as manifestações dos carismas.

Nossa pesquisa continuará expondo como Deus chama seu povo e reaviva a Igreja extática. Por isso, apresentaremos duas pessoas importantíssimas para o retorno dos carismas, o Papa João XXIII e a Beata Elena Guerra. Apesar da lenta resposta católica ao pedido do Papa Leão XIII pela oração contínua ao Espírito Santo, rapidamente apresentaremos como outras denominações cristãs procuraram e receberam a manifestação do Espírito Santo e seus carismas, pois o Espírito sopra onde quer.

Contudo, a renovação trazida pelo Concílio Vaticano II tem uma forte carga pneumatológica, havendo uma renovação pentecostal na qual as manifestações dos carismas voltam a figurar dentro da prática pastoral da Igreja Católica.

Sendo assim, apresentaremos o início da Renovação Carismática Católica, sua história e como essa experiência leva a uma fonte de alegria e liberdade provinda do Espírito Santo. Rompe na Igreja o uso do corpo, superando a timidez e os tabus, comunicando a alegria da fé. A consequência deste romper é o retorno dos carismas para o seio da Igreja.

Como não se pode restringir a *Ruah* a uma determinada região no mundo e pelo fato de Ele ser o protagonista da Igreja, esta experiência carismática se expande para outros lugares, trazendo a Renovação Carismática Católica ao Brasil. Entraremos na história de como a Renovação chega ao Brasil e sua rápida expansão por todo o território nacional.

Contudo, colocaremos a questão de como a RCC é um movimento tradicionalista e conservador, ao contrário do que muitos pensam, embora atraia muitos fiéis, inclusive os que estavam afastados da Igreja. Mesmo com o aumento de membros ao movimento e mesmo sendo visto como “um braço muito operante”, a RCC não recebe aprovação da ala progressista da Igreja.

Apresentaremos o documento 53 da CNBB, “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, que estabelece regras, diretrizes e restrições ao movimento, como também o documento de Malinas, “Orientações Teológicas e Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”.

4.1 A supressão da dimensão extática na Idade Média e Moderna

Como vimos até aqui, os apóstolos e, sobretudo, Paulo saem em missão, levando a mensagem de salvação induzidos pela força de Deus, com dons extraordinários do Espírito. “No interior da comunidade, o Espírito é a Presença terrena do Senhor glorificado”.²⁶² Por isso, quando Paulo chegava nas igrejas, era provocada uma profusão dos carismas, realizavam-se milagres e sua pregação convertia a muitos.²⁶³

O cristianismo tem suas raízes no judaísmo, tendo uma conformidade indiscutível. Deus está presente e age em nossas vidas por uma Potência que chamamos de Espírito Santo. Como aconteceu com os setenta anciões que assistiam Moisés (Nm 11,25) e com Saul (1Sm 10,6), Ezequiel (Ez 36,26-27), e Isaías (Is 48,16). O profeta Joel comunica a promessa de Deus (Jl 3,1), texto que Pedro se refere no dia de Pentecostes:

O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta: “Sucederá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecer prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra. O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo”. (At 2,16-21)

Assim, nasce o cristianismo e é na Igreja que se dá a experiência dos discípulos quanto à efusão do Espírito Santo, que se manifestou em momentos diferentes e de vários modos. Por esta razão, a Igreja primitiva se percebe sob a

²⁶² PAES, C. A. P., Carismas e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 126.

²⁶³ CERFAUX, L., O cristão na teologia de S. Paulo, p. 225-226.

ação do Espírito Santo e, conseqüentemente, se percebe cheia de carismas. Os carismas constituíam-se como uma importante maneira de louvar a Deus; sendo assim, o Espírito Santo era compreendido como inspirador da alegria carismática nas comunidades.

Contudo, o carisma que mais interessava era o da profecia, e a *Didaqué* abre espaço para o ministério dos profetas, propiciando critérios para examinar a autenticidade da profecia. São Justino pedia que continuassem o carisma da profecia e os demais carismas. Paulo havia ditado regras para comunidade de Corinto para o bom uso dos carismas, como vimos anteriormente. Também vimos que Clemente Romano lembra aos Corintos sobre a abundante efusão do Espírito que acontecera com eles e diz para cada pessoa ser dócil ao seu próximo, conforme o dom que Deus lhe concedeu.²⁶⁴

Apesar das Cartas aos Coríntios escritas por Paulo e por Clemente Romano exortando os cristãos, no segundo terço do século II, na Ásia Menor, na Frígia, inicia-se o primeiro movimento registrado na história, o montanismo, uma comunidade profética e glossolálica, exigente e muito rigorosa, que terminou em um cisma, mesmo não havendo uma verdadeira heresia da qual ela pudesse ser culpada.²⁶⁵

Montano afirmava ser a voz de Deus, profetizava em nome do Espírito Santo e dizia ser a própria encarnação do Espírito Santo, a ponto de batizar em “nome do Pai, do Filho e de Montano”. As características de sua doutrina eram a glossolalia, uma linguagem espiritual com uma inclinação ao êxtase e ao entusiasmo. Pelo fato de ele achar que era a voz de Cristo e do Espírito Santo, exigia uma fé incondicional e total obediência às suas ordens, negando a autoridade eclesiástica, como acontecera em Corinto. Contudo, do ponto doutrinal não é possível detectar erros em perspectiva dogmática.²⁶⁶

Segundo Laurentin:

A crítica que sempre foi apresentada ao montanismo (além de seus excessos, seu rigorismo, iluminismo e feminismo) é de ter estabelecido uma hierarquia carismática em concorrência com a oficial. [...] O desvio que se poderia encontrar nos

²⁶⁴ CONGAR, Y., *Revelação e Experiência do Espírito*, p. 91-92.

²⁶⁵ LAURENTIN, R., *Il movimento carismatico nella chiesa cattolica*, 1 p. 155.

²⁶⁶ ALAND, B., *Montano, Montanismo*. In: BERARDINO, A., (Org.) *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*, p. 959-961.

montanistas seria o de transferência da responsabilidade pastoral aos profetas, que dirigiam tudo.²⁶⁷

Portanto, para Laurentin o real problema do montanismo não é de ordem doutrinal, mas, sim, de caráter pastoral, pois adere a uma estruturação, comum a outros movimentos comunitários do seu tempo. Por isso, ele segue afirmando que essa:

É uma tendência que se encontra também em outras comunidades cristãs dos primeiros séculos, em particular aquela da *Didache*, onde lemos: “Honrai os profetas, que são os vossos grandes sacerdotes”. Apesar disso, a comunidade da *Didache* não é considerada nem dissidente nem herética. Apesar de exigir um grave risco de exigir da profecia muito mais do que aquilo que ela poderia oferecer. [...] Por essa razão, os abusos “carismáticos” do montanismo diminuíram o prestígio dos carismas, provocando desconfiança em relação a eles. E este fato teve seu peso sobre toda a história sucessiva.²⁶⁸

Nos sínodos microasiáticos, o movimento foi excomungado e reduzido à dimensão de seita. Os carismas ficaram, durante séculos, sendo vistos com incredulidade por causa dos exageros dos profetas montanistas, pois recebiam as revelações entre gritos, êxtases violentos, e sobressaltos convulsivos, entre outros.²⁶⁹ Neste período, começam os escritos a respeito da importância da salvação que se manifestou em Jesus Cristo, fortalecendo assim a esperança na sua volta. Os fiéis eram aconselhados a se manterem obedientes aos pastores das comunidades e eram advertidos a respeito das heresias e cismas.²⁷⁰ Por isso os carismas foram negligenciados.

O final do século I até o século VI compreende um período que se fazia necessária a compreensão da Trindade.²⁷¹ No início da patrística prevalece atitude da fé em busca da razão.²⁷² São tentativas de sistematizar a teologia, e não de fazer teologia. O *kerigma* cristão não está em primeiro lugar, mas sim uma filosofia moral, uma atitude ética que deve ser vivida pela fé. “Por isso, o ensinamento principal da patrística é do dogma”,²⁷³ caindo no esquecimento os carismas do Espírito Santo.

²⁶⁷ LAURENTIN, R., Il movimento carismatico nella chiesa cattolica, p. 156-157.

²⁶⁸ LAURENTIN, R., Il movimento carismatico nella chiesa cattolica, p. 157.

²⁶⁹ FLORIANO, J. A., A Dimensão Carismática da Igreja. O Ensino de São Paulo e as suas releituras contemporâneas, p. 117-118.

²⁷⁰ ALTANER, B; STUIBER, A., Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja, p. 53-58.

²⁷¹ OLIVAR, A., Patrística. In: TAMAYO, J.J. (Org). Novo Dicionário de Teologia, p. 421-428.

²⁷² ZILLES, U., Fé e razão no pensamento medieval, p. 9.

²⁷³ OLIVAR, A., Patrística, p. 421-428.

No período Escolástico começa a expansão da ciência sagrada. No século XII surgem as *Sententiae Patrum*, as primícias das *sumas*, que são uma sistematização de questões referentes aos escritos dos Santos Padres, doutores eclesiásticos e coleções canônicas. Estes escritos explicam os mistérios da Trindade, da criação e da redenção.²⁷⁴

O saber dos escolásticos é baseado na leitura da Bíblia, dos padres da Igreja e dos clássicos antigos. Por esta razão o pensamento escolástico é filosófico, literário e teológico, assumindo um discurso lógico-racional. Com uma doutrina racional, a ortodoxia da crença, o concílio e o poder político e religioso ficavam de sentinelas para proteger e regular a fé,²⁷⁵ e os carismas do Espírito Santo eram esquecidos.

A escolástica atinge o seu auge com São Tomás de Aquino, no século XII, chegando ao ideal da cristandade, isto é, a Igreja reunia o povo sob a autoridade temporal do imperador e espiritual do papa — era uma Igreja profundamente atrelada ao Estado. Porém, essa conciliação começa a despedaçar-se com o surgimento de conflitos entre as autoridades, e nos séculos XIV e XV entra em decadência.²⁷⁶

A mística especulativa alemã afirma que o homem não é nada quando está afastado de Deus. João Eckhart diz que a experiência é um pressuposto de possibilidade para o conhecimento de Deus, desde que se renuncie a toda realidade do mundo. “O homem deve estar vazio de toda a criatura; deve desprender-se de si mesmo, numa pobreza de espírito, como um homem que nada quer, que nada sabe e nada tem, que ouse o aniquilamento”.²⁷⁷ Essa experiência mística leva ao desaparecimento do eu para que possa haver o nascimento de Deus na alma.

Com o iluminismo, no século XVIII, começaram os questionamentos e a desconfiança a respeito de qualquer explicação do transcendente, o inverificável. Este é um período em que não se é a favor do Espírito desconhecido, mas do que pode ser conhecido.²⁷⁸ Nesta época, a filosofia já está desligada totalmente da tradição da Igreja e a ciência desenvolve o método experimental, dando valor

²⁷⁴ FUSTER, S., Escolástica. In: PIKAZA, X; SILANES, N. Dicionário teológico o Deus cristão, p. 280-285.

²⁷⁵ ZILLES, U., Fé e razão no pensamento medieval, p. 52-53.

²⁷⁶ ZILLES, U., Fé e razão no pensamento medieval, p. 118.

²⁷⁷ ZILLES, U., Fé e razão no pensamento medieval, p. 124.

²⁷⁸ CONGAR, Y., Espírito do Homem Espírito de Deus, p. 11.

somente ao que se pode experimentar e às provas apresentadas. Há, neste momento, uma divisão entre Igreja e o mundo, entre a teologia e a ciência.

Todos estes acontecimentos provocam um enfraquecimento da experiência com Espírito Santo e suas manifestações carismáticas. Mas, apesar de tudo, o Espírito Santo sempre esteve presente, inspirando pessoas dóceis a Ele para que o fogo de seus carismas não se apague. Podemos afirmar isso com base nos acontecimentos da Idade Média. A despeito de toda sistematização, o Espírito sempre inspirou os concílios e as determinações canônicas. Ele esteve sempre presente na Igreja, mas a própria Igreja chega a esquecê-Lo, a ponto de só se referir ao Pai, a Jesus e à Igreja.

4.2 Gênese e desenvolvimento da RCCBrasil

O Espírito Santo foi prometido aos apóstolos visando ao novo povo de Deus, e logo depois foi dado às primeiras comunidades cristãs. Yves Congar chama atenção para duas expressões: *epi to auto*, reunidos juntos, num mesmo lugar, e *homothumadon*, unânimes, unanimemente, e diz: “desse modo, o Espírito, princípio de unidade, supõe uma primeira unidade — que ele já suscita secretamente —, unidade de consentimento de estar junto e de iniciativa feita nesse sentido”.²⁷⁹

Pelo fato de estarem reunidos unanimemente, o Espírito foi dado à Igreja e a todo momento se fez e faz presente na Igreja, provocando inquietações e inspirando renovações. O Espírito Santo é dado à comunidade, assim como também às pessoas. Tanto que, no Evangelho segundo São João, nos capítulos 14 e 16, pode-se ver que Jesus Cristo continuamente usa o termo “vos”, que expressa tanto as pessoas como a comunidade, em razão de a Igreja ser uma “comunhão, uma fraternidade de pessoas. Nela se unem, portanto, um princípio pessoal e um princípio de unidade. É o Espírito Santo que lhes dá harmonia”.²⁸⁰

Por isso, no século XIX, o Espírito Santo soprou sobre “duas figuras proféticas do pentecostalismo católico: O Papa Leão XIII, que escreveu a primeira Encíclica ao Espírito Santo na história da Igreja, e a Beata Elena Guerra, a Apóstola do Espírito Santo dos tempos modernos”.²⁸¹

²⁷⁹ CONGAR, Y., *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 30.

²⁸⁰ CONGAR, Y., *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 31.

²⁸¹ BRAGA, E., *Escritos de Fogo: A correspondência profética entre a Beata Elena Guerra e o Papa Leão XIII sobre o Espírito Santo*, p. 13.

Em 1886, Elena Guerra sente um apelo interior para trabalhar na divulgação da devoção ao Espírito Santo, que estava esquecido no seio da Igreja. Por isto, começa sua caminhada escrevendo ao Papa Leão XIII várias cartas, estimulando-o a convocar os cristãos para um retorno ao Cenáculo, para conhecer melhor o Deus que habita nos fiéis e seus carismas.

Por causa da insistência de Elena Guerra, “unida à sua vida profunda de oração e invocação ao Espírito Santo, juntamente com suas audaciosas iniciativas”,²⁸² o Papa Leão XIII viu em suas cartas um dom de Deus para a Igreja. Com isso, ele escreve três documentos que são como uma introdução à vida segundo o Espírito; pode-se considerá-los também como o início do retorno ao Espírito Santo nos tempos modernos. São eles: A breve “*Provida Matris Charitate*” de 1895; a Encíclica “*Divinum Illud Munus*”, em 1897, e a carta aos bispos “*Ad fovendum in christiano populo*”, em 1902.

Na Encíclica *Divinum Illud Munus* há uma reação do Papa Leão XIII às cartas de Elena Guerra, na qual ela pede uma novena de Pentecostes suplicando a vinda do Espírito Santo, para que a Igreja se una em oração, tornando-se um grande cenáculo a experimentar um novo Pentecostes. Desde então, a solenidade de Pentecostes tem sido celebrada com mais reverência em toda a Igreja.

O Papa Leão XIII inicia o novo ano do século XX, no dia 1 de janeiro de 1901, cantando em nome de toda a Igreja o *Veni Creator Spiritus*, desejando que se realize um novo Pentecostes na Igreja. Com isso foram iniciados trabalhos que deram frutos no século XX, como o Concílio Vaticano II, o movimento bíblico, o movimento litúrgico (que promove o projeto de uma reforma geral da Liturgia), e a Encíclica *Rerum Novarum* (documento fundamental sobre a doutrina social da Igreja), fazendo com que os leigos começassem a ter consciência da sua vocação e da missão na Igreja.

Em 28 de outubro de 1958, a Igreja elege o Papa João XXIII, e noventa dias após sua eleição ele anuncia a decisão de realizar um Concílio Ecumênico na Igreja universal. Na constituição apostólica *Humane Salutis*, de 25 de dezembro de 1961, o Papa convoca o Concílio Vaticano II, escrevendo:

Por isso, obedecendo a uma espécie de instinto do alto ou a uma voz interior, julgamos ter chegado o momento de proporcionar à Igreja Católica e a toda família humana a oportunidade de um novo Concílio Ecumênico, continuando a série dos

²⁸² BRAGA, E., Escritos de Fogo, p. 14.

vinte primeiros, que tanto contribuíram no decurso dos séculos para o florescimento da graça divina entre os fiéis e para o progresso do cristianismo”.²⁸³

João XXIII termina esta constituição convocando todos os bispos a se reunirem em concílio, assim como os apóstolos se reuniram em Jerusalém após a ascensão de Jesus. Finaliza a constituição clamando ao Espírito Santo: “Renova o nosso tempo com tuas maravilhas, como num novo Pentecostes”.²⁸⁴

Este “novo Pentecostes” aconteceu de fato. Houve grandes mudanças na Igreja e os carismas do Espírito Santo voltam a ser mencionados. O cardeal Suennens diz que há duas passagens “essenciais” nos textos Conciliares que tratam dos carismas.²⁸⁵

De fato, quando analisamos a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, encontramos a seguinte citação:

Mas não é só pelos sacramentos e pelos ministérios que o Espírito Santo santifica, dirige e fortalece o povo de Deus. “Distribuindo os seus dons a cada um, conforme quer” (1Cor 12,11), o Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos” (1Cor 12,7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos, devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve, porém, cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19-21).²⁸⁶

Segue a mesma doutrina no *Apostolicam Actuositatem*:

O mesmo Espírito Santo, que santifica o povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, concede também aos fiéis dons peculiares (cf. 1Cor 12,7) para o exercício do apostolado, “distribuindo-os a seu bel-prazer” (cf. 1Cor 12,11). Assim, “cada um, na medida da graça recebida, é chamado a colocar esses dons a serviço dos outros”, tornando-se todos “bons dispensadores da graça multiforme de Deus” (1Pd 4,10), para a “edificação de todo o corpo, no amor” (cf. Ef 4,16). Destes carismas, por mais simples que sejam, provêm o direito e o dever de cada fiel de exercê-los, no mundo e na Igreja, em benefício dos seres humanos e da própria Igreja. Este exercício deve ser feito na liberdade do Espírito Santo, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3,8), mas, ao mesmo tempo, em comunhão com os irmãos em Cristo e, especialmente, com seus pastores, a quem pertence julgar da autenticidade dos carismas e de seu conveniente exercício, não para abafar o Espírito, mas para tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19-21).²⁸⁷

²⁸³ HS 6.

²⁸⁴ HS 23.

²⁸⁵ SUENENS, L. J., O Espírito Santo Nossa Esperança, p.51-52.

²⁸⁶ LG 12.

²⁸⁷ AA 3.

O Cardeal Suennens, em sua obra, ao comentar estes dois textos, assim se posiciona:

Chamando a atenção sobre os carismas, o Concílio convidava o povo de Deus a tomar mais consciência da presença permanente e ativa do Espírito Santo na Igreja. Fez isso também em outros textos — há 252 referências ao Espírito Santo nos documentos conciliares — mas mais particularmente no curso das reformas litúrgicas que foram empreendidas na esteira e no impulso do Concílio. É importante constatar até que ponto a liturgia põe em primeiro plano a função santificadora do Espírito nas fórmulas renovadas das celebrações litúrgicas e sacramentais.²⁸⁸

O Espírito Santo é o princípio de unidade dos discípulos de Jesus Cristo, tanto que ao mesmo tempo que toda esta renovação estava acontecendo na Igreja Católica, também estava acontecendo no meio protestante. No mesmo dia em que o Papa Leão XIII inicia o ano cantando o *Veni Creator Spiritus*, 1 de janeiro de 1901, na cidade de Topeka, no estado de Kansas, nos Estados Unidos, o Reverendo Charles Fox Parham e um grupo de pessoas puderam desfrutar de uma experiência que eles identificaram como a de Pentecostes, pois o Espírito se manifestou pelo carisma das Línguas. Este evento é tido como o começo histórico do pentecostalismo protestante.²⁸⁹

Outro acontecimento semelhante da presença do Espírito Santo ocorreu em Los Angeles, Califórnia, no ano de 1906. William Joseph Seymour, estudante do Rev. Parham, e uma diversidade de pessoas — homens, mulheres, crianças, negros, brancos, latinos, asiáticos, ricos, pobres, letrados e iletrados — desfrutaram da mesma experiência, também identificada como a de Pentecostes. Um jornalista escreveu um artigo a respeito deste grupo intitulado “Estranha babel de línguas”.²⁹⁰

Após estes dois grandes eventos houve uma explosão do pentecostalismo e podemos dizer que Charles Parham e William Seymour são os dois fundadores do movimento pentecostal. Mas, foi sob a liderança de Seymour e por meio do Avivamento da Rua Azusa que o pentecostalismo se tornou um acontecimento que se espalhou rapidamente pelos Estados Unidos e pelo mundo, influenciando anos depois o pentecostalismo católico.²⁹¹

²⁸⁸ SUENENS, L. J., *O Espírito Santo Nossa Esperança*, p. 53.

²⁸⁹ MANSFIELD, P. G., *Como um Novo Pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica*, p. 9-10.

²⁹⁰ MATOS, A. S., *O Movimento Pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário*, p. 9-11.

²⁹¹ MATOS, A. S., *O Movimento Pentecostal*, p. 9-11.

Em meados da década de 1960 formou-se uma rede de amizade entre os alunos das Universidades de Duquesne, em Pittsburg, Pennsylvania, e de Notre Dame, em South Bend, Indiana, nos Estados Unidos, e também um crescimento espiritual. Nos anos de 1963/1964 foi introduzido o Movimento dos Cursilhos em South Bend por intermédio do estudante Steve Clark. O Cursilho nos anos seguintes gerou um forte impacto espiritual em muitas pessoas, na cidade e no *campus*. Os homens que formavam este movimento em Notre Dame derivavam de várias formações acadêmicas que se interligavam; eram intelectuais, a maioria professava um catolicismo ortodoxo, e preocupavam-se com a renovação espiritual litúrgica e individual.²⁹²

Os cursilhos em Notre Dame eram acompanhados de curas, discernimento dos espíritos e glossolalia. Havia nas reuniões a experiência do batismo no Espírito Santo. Com isso, podemos perceber que a Renovação Carismática Católica é consequência do Cursilho; inclusive, líderes da Renovação eram membros ativos do Cursilho antes de se envolverem com o pentecostalismo católico.²⁹³

No ano de 1966, dois professores da Universidade de Duquesne, juntamente com Steve Clark e Ralph Martin, entraram em contato com um grupo de oração neopentecostalista protestante (episcopalianos e presbiteranos) e começaram a participar de suas reuniões; lá eles vivenciaram uma experiência que identificaram como a de Pentecostes, pois receberam os carismas, inclusive o da glossolalia.²⁹⁴

No dia 17 de fevereiro de 1967, uma sexta-feira, vinte e cinco estudantes da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, Pennsylvania, o capelão do *campus*, que era padre da Ordem do Espírito Santo, dois professores e a esposa de um deles seguiram para uma casa de retiro chamada “The Ark and the Dove”, situada na região de North Hills, em Pittsburgh. Foi pedido aos estudantes que fizessem as seguintes leituras preparatórias para o retiro: Atos dos Apóstolos 1-4 e o livro “A Cruz e o Punhal”, do Rev. David Eilkerson. Os estudantes foram comunicados que Ralph Martins e Steve Clark estariam em permanente intercessão por eles, assim como os membros do grupo de oração “Chapel Hill”, grupo o qual os leigos católicos haviam feito a experiência do batismo no Espírito Santo.²⁹⁵

²⁹² MANSFIELD, P. G., Como um Novo Pentecostes, p. 11-12.

²⁹³ MANSFIELD, P. G., Como um Novo Pentecostes, p. 12-13.

²⁹⁴ CHAGAS, C. C., A Redescoberta do Espírito e suas Implicações para uma Transformação Eclesial. Um estudo sobre a Renovação Carismática Católica, p. 32.

²⁹⁵ MANSFIELD, P. G., Como um Novo Pentecostes, p. 27.

Na sexta-feira à noite deram início às pregações e aos grupos de partilha. No sábado, a palestra a respeito do segundo capítulo dos Atos do Apóstolos foi ministrada por uma mulher da Igreja Episcopal. Na noite de sábado, 18 de fevereiro, os estudantes se reuniram na sala de cima, onde ficava a capela. Unidos em oração eles desfrutaram de uma experiência inigualável. Eles descreveram a experiência como a que os apóstolos tiveram no dia de Pentecostes, inclusive alguns estudantes receberam o carisma das Línguas.²⁹⁶

Ao retornarem do retiro, os estudantes haviam sido transformados e puderam experimentar o amor de Deus; com isso, veio o desejo de se aprofundarem nos mistérios de Deus, mergulhando na Palavra. Passaram a estudar a respeito do Espírito Santo e os carismas nos documentos do Concílio Vaticano II.

O fato de no início a Renovação Carismática Católica entrar em contato com o pentecostalismo protestante e até mesmo assumir alguns elementos deles em suas reuniões nos mostra que o ecumenismo e a Renovação são dois movimentos suscitados pelo Espírito Santo. “Os dois movimentos foram feitos para se encontrar. Não só porque é o mesmo Espírito que no-los dá como dois caminhos para aquilo que ele quer fazer através de nós”,²⁹⁷ o Espírito Santo deseja a unidade dos cristãos.

O Papa João XXIII abre as portas da Igreja para o pentecostalismo católico ao convocar o Concílio Vaticano II pedindo um Novo Pentecostes. Durante o Pentecostes de 1975 o Papa Paulo VI aprova e abençoa a Renovação Carismática Católica. Ele incessantemente convocava a Igreja para estar atenta à ação “oculta do Espírito Santo” e constantemente falava a respeito dos carismas, “tanto para afirmar sua importância quanto para insistir em sua não separação do aspecto institucional da Igreja”.²⁹⁸

Com a RCC, rompe, na Igreja, o uso do corpo, como bater palmas e erguer os braços, e também os cantos fortemente compassados, a dança, e a imposição das mãos. Essas experiências levam a uma fonte de alegria e liberdade que os pentecostelistas atribuem ao Espírito Santo. Esta característica experiencial, que leva ao desempenho do corpo e à simplicidade da comunicação, supera a timidez e

²⁹⁶ MANSFIELD, P. G., Como um Novo Pentecostes, p. 41-47.

²⁹⁷ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 265.

²⁹⁸ CHAGAS, C. C., Pentecostes É Hoje! Um estudo sobre a Renovação Carismática Católica, p. 123.

os tabus, comunicando a alegria da fé no Senhor Jesus e ajudando na evangelização daqueles que a “Igreja regular não consegue atingir”.²⁹⁹

A Renovação do Espírito entra definitivamente na Igreja Católica e se expande rapidamente por todo o mundo, e com ela há o renascimento dos fenômenos carismáticos, inclusive o da glossolalia.³⁰⁰ São João Crisóstomo, no final do século IV, assim como o Cardeal Ruffini, em 1963, confessam que o carisma da glossolalia foi útil nas origens, mas que acabou.³⁰¹

No entanto, Yves Congar discorda, afirmando que a glossolalia “nunca cessou totalmente, mas os testemunhos são raros, e às vezes não muito claros”.³⁰² Há vários estudos sobre casos neotestamentários a respeito deste carisma. Entretanto, ele diz que: “Não se tem certeza *a priori* de que haja identidade entre aquilo que os Atos dos Apóstolos dizem do primeiro Pentecostes, aquilo que se passava com Corinto, aquilo do qual São Paulo havia feito a experiência pessoal, e aquilo que encontramos hoje na Renovação”.³⁰³

Quanto aos carismas, o Cardeal Suenens considera-os como um frescor no Concílio Vaticano II, e tendo uma posição contrária à do Cardeal Ruffini, que temia os carismas, diz que estes são necessários para a Igreja. Fazendo uma síntese da doutrina de São Paulo, ele coloca uma questão: “Que se teria tornado nossa Igreja sem o carisma dos doutores, dos teólogos, dos profetas? E aproveitei desta ocasião para pedir que se acreditasse não somente nos carismas dos homens, mas também naqueles das mulheres na Igreja”.³⁰⁴

No início da RCC havia um ardor missionário semelhante ao das primeiras comunidades cristãs, e foi esta razão que impulsionou uma reaproximação ao Evangelho, a necessidade de orações pessoais e coletivas, e o desejo de transformação. Inclusive muitos fiéis dedicaram-se à diaconia; eles procuravam e almejavam o ânimo dos apóstolos para anunciar o Evangelho a seus contemporâneos, havia o desejo de reunir o povo de Deus para ouvir a vontade de Deus e louvá-Lo pelos seus feitos.

²⁹⁹ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 207-208.

³⁰⁰ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 207.

³⁰¹ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 229.

³⁰² CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 229.

³⁰³ CONGAR, Y., Ele é o Senhor e dá a vida, p. 230.

³⁰⁴ SUENENS, L. J., O Espírito Santo nossa esperança, p. 50-51.

A história do nascimento da RCC é fascinante, pois por meio de um pequeno grupo de professores e estudantes da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, na Pensilvânia, nasce um movimento sem estatuto, sem regra, sem permissão, estruturado na oração. Esses professores e estudantes eram pessoas engajadas ativamente na renovação pós-conciliar, como o movimento litúrgico e ecumênico, e eram militantes na luta pelos direitos cívicos e pela paz.

Esse grupo procurava algo a mais, eles desejavam um reavivamento espiritual, um novo ânimo para anunciar o Evangelho, assim como os primeiros cristãos. A experiência do final de semana de fevereiro de 1967, conforme descrito anteriormente, foi percebido como um novo Pentecostes, uma experiência pessoal e coletiva da ação do Espírito Santo que penetrou toda a vivência da fé desse grupo e propagou-se por toda a América do Norte.

A RCC começa a realizar congressos nacionais e internacionais. No congresso de 1968 havia 100 participantes; em 1969, 300 participantes; em 1970, 1.300; em 1971, 5.000; em 1972, 12.000; em 1973, no Congresso Internacional presidido pelo Cardeal Suenens, em South-Bend, Indiana, havia 25.000. Em 1974, o segundo Congresso Internacional reuniu 30.000 participantes de 35 países, com a presença de 700 padres e 15 bispos.³⁰⁵

Após a propagação interna do movimento, a RCC se expande pela Europa, Ásia e América Latina. Entre os anos de 1970 e 1980, a expansão na Europa alcançou a Inglaterra (1970-1971), França (1971-1972), Bélgica (1972), Alemanha (1972), Itália (1973), Espanha (1973-1974), Portugal (1974) e Polônia (1976-1977). Na Oceania, Austrália (1970) e Nova Zelândia (1971). Na Ásia, Coreia (1971) e Índia (1972). Depois da mudança do regime político no Leste Europeu, a RCC entra nos países que integrava a União Soviética.³⁰⁶

A RCC esteve presente desde os anos 1960 na América Anglo-Saxônica; no entanto, por volta de 1984 houve uma perda no Canadá, voltando a crescer nas comunidades de minorias étnicas de origens hispânica, filipina e coreana, divergindo com o crescimento na América Latina, oeste e sul da África, Filipinas e outros países pobres. Na América Latina, a RCC está presente nos seguintes países:

³⁰⁵ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 37.

³⁰⁶ SILVA, C. V. F., Uma Expressão Eclesial: estudo da RCCBrasil à luz das atuais transformações espaciais, p. 18.

Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai, havendo a possibilidade de ter atingido outros países, pois os padres Francis MacNutt e Salvador Carrillo Alday fizeram um grande trabalho na difusão da RCC na América Latina.³⁰⁷

Dom Cipriano Chagas diz que a Renovação Carismática Católica:

Foi-se impondo à apreciação da hierarquia da Igreja pelo seu dinamismo transformante da vida eclesial, não por uma organização, um programa, uma instituição, mas pela ação interna do Espírito que a leva a funcionar organicamente como um corpo, corpo de Cristo.³⁰⁸

A Igreja, assim como a RCC, nasce através de testemunhos e obras de pessoas engajadas. No entanto é pela força e ânimo do Espírito Santo e seus carismas que a Igreja, assim como a RCC, se expande, chegando aos “confins da terra”. Com isso, percebemos que “a condição carismática não é uma autoatribuição, mas sim acolhimento de um dom que tem exigências e finalidade própria. A saber:”³⁰⁹

- a) fidelidade ao anúncio da boa nova (*kerigma*). O capítulo 15 de 1Coríntios é um bom exemplo dado por Paulo relativamente a este critério de discernimento da autenticidade dos carismas;
- b) a edificação do bem comum (*Oikodomé*). “Uma vez que aspirais aos dons espirituais, procurai tê-los em abundância para edificação da Igreja” (1Cor 14,12). Desde modo, Paulo articula o carisma com a edificação da Igreja, considerando autênticos os que respeitam este critério de verificação.³¹⁰

4.2.1 A expansão da RCC no Brasil

Tanto em hebraico (*Ruah*) como em grego (*pneuma*) percebe-se que não se pode restringir o Espírito de Deus a uma determinada região do mundo, mas que Ele se expande por todos os lugares. Não tem como restringir o Espírito a um grupo determinado.³¹¹ Sendo o Espírito o protagonista da Igreja, tudo acontece em comunhão com Ele, isto é, “na comunhão com esse Espírito que suporta a Igreja como seu fundamento, sua animação permanente e garantia da fidelidade à sua missão”.³¹²

Diante disso, um padre jesuíta norte-americano chamado Harold Joseph Rahm foi enviado a Campinas, em São Paulo, juntamente com um outro jesuíta

³⁰⁷ SILVA, C. V. F., Uma Expressão Eclesial, p. 18.

³⁰⁸ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 153.

³⁰⁹ PAES, C. A. P., Carismas e ministério numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 129.

³¹⁰ PAES, C. A. P., Carismas e ministério numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 129.

³¹¹ BOFF, L., A Era do Espírito Santo. In: O Espírito Santo. Pessoa, Presença, Atuação, p. 148.

³¹² PAES, C. A. P., Carismas e ministério numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 129.

também norte-americano, Padre Eduardo Doughert, e também com outros sacerdotes norte-americanos, “como George Kosicki, CSB, e Robert DeGrandes, SSJ”.³¹³ Com eles, a RCC chega ao Brasil em 1969, na cidade de Campinas, e logo se expandiu, atingindo milhões de brasileiros por todos os estados. O movimento cresceu “através de um sistema de difusão espontânea, ou seja, as pessoas participavam de um grupo de oração ou outro encontro da RCC e passavam a convidar outras pessoas através de convites informais”.³¹⁴

Em 1964, o padre Haroldo veio para o Brasil e fundou o Treinamento de Lideranças Cristãs. Ele tentou, neste movimento, juntar elementos da espiritualidade jesuíta, da Juventude Estudantil Católica, da Juventude Operária Católica e da Legião de Maria, entre outros movimentos, tendo o desejo de formar lideranças cristãs. Esta é a primeira raiz da RCCBrasil, cujo público-alvo eram os jovens, tendo como objetivo levá-los a uma experiência de iniciação na vivência espiritual. A segunda raiz foram os Cursinhos de Crisandade.³¹⁵

Em 1970/1971 inicia-se a RCCBrasil em Telêmaco Borba, no Paraná, com o padre Daniel Kiakarski. Em 1972, o padre Eduardo começou grupos de oração em Belo Horizonte. Em janeiro de 1973, o padre George Kosicki, CSB, veio ao Brasil para um retiro carismático, onde compareceram D. Matias Schmidt e muitos padres e religiosas que iniciaram grupos de oração em Anápolis, Brasília, Santarém, Jataí etc.³¹⁶

Com a expansão do movimento no Brasil, o padre Eduardo Dougherty, SJ, junto com o padre Haroldo Rahm, SJ, e a Ir. Juliette Schuckenbrock, CSC, prepararam um encontro de fim de semana em Campinas. Este foi o primeiro Congresso Nacional da Renovação Carismática Católica no Brasil, em 1973, com a presença de cerca de 50 líderes para formar uma Comissão de Serviço e “discernir a obra do Espírito Santo no Brasil”.³¹⁷

³¹³ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 45.

³¹⁴ SALES, I. M., A Renovação Carismática Católica: Um Estudo a partir da Diocese de Barretos/SP, p. 38.

³¹⁵ SALES, I. M., A Autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000), p. 73-74.

³¹⁶ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 46.

³¹⁷ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 47.

Em 1974 foi realizado o II Congresso Nacional da RCCBrasil, com a presença de líderes de vários estados, onde se reconstituiu a Comissão Nacional, mas foi no encontro de Itaici, em janeiro de 1975, que se consolidou a organização da Comissão Nacional.³¹⁸ A partir de 1974, a RCC cresce em outras regiões do país: no norte, na diocese de Santarém, com Frei Paulo; em Anápolis, no centro-oeste, com Frei João Batista Vogel; no sul de Minas, na Arquidiocese de Pouso Alegre, com Mons. Mauro Tommasini. Entre outros, podemos citar algumas pessoas que colaboraram como divulgadores: Pe. Schuster, Dr. Jonas e Sra. Imaculada Petinnatti, Peter e Ingrid Orglmeister, D. Cipriano Chagas, Pe. Alírio Pedrini, Frei Antônio, Ir. Tarsila, Maria Lamago, Ir. Stelita.³¹⁹

Com o crescimento da RCCBrasil, crescia também o interesse de alguns setores do clero e dos religiosos pelo movimento. Este fato chamou atenção da CNBB, que encomendou uma pesquisa ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), com a finalidade de analisar os traços característicos do movimento.³²⁰

Com o apoio de alguns, mas a resistência de outros, a RCCBrasil se alastrou e muitos bispos demonstravam suas restrições ao movimento, mas, ao mesmo tempo, outros se agradaram com a Renovação a ponto de aderirem a ela.³²¹ O fato é que, a partir dos anos 1980, a RCCBrasil se consolidou institucionalmente, ocupando um espaço expressivo na mídia e sendo motivo de notícias, ou mesmo como usuária dos meios de comunicação social.³²²

Pe. Eduardo Dougherty, em 1986, criou o programa “Anunciamos Jesus”, que cobria 60% do território nacional através de três redes de TV. Em 1990, a Associação do Senhor Jesus (ASJ), instituída pelo Pe. Eduardo, fundou o Centro de Produção Século XXI. Sob a direção do Pe. Jonas Abib, a comunidade Canção Nova adquiriu uma rádio em 1980, e em 1989 conseguiu uma concessão de TV.³²³

³¹⁸ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 47-48.

³¹⁹ VOLCAN, M. D., U. Renovação Carismática Católica: Uma leitura Teológica e Pastoral, p. 47.

³²⁰ SALES, I. M., A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000), p. 77.

³²¹ SALES, I. M., A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000), p. 77.

³²² VOLCAN, M. D. U., Renovação Carismática Católica, p. 47.

³²³ VOLCAN, M. D. U., Renovação Carismática Católica, p. 48.

De acordo com o mapa interativo de grupos de oração, no *site* oficial da RCCBrasil, existem hoje 13.244 grupos de oração cadastrados em todo o Brasil.³²⁴ O fato que atraiu e ainda hoje atrai as pessoas à espiritualidade da RCC é a oração e a disposição à experiência com Deus. Esta espiritualidade traz um desejo enorme de estar na presença de Deus e é capaz de mostrar “que Deus está efetivamente presente e real, no lugar mesmo de nossa realidade”.³²⁵

De qualquer modo, a hoje conhecida RCC teve seu embrião em Campinas, através dos *grupos de oração no Espírito* pelo Pe. Haroldo Rahm, mas seu enraizamento e expansão dependeu do esforço de articulação dos membros disseminados em todo o Brasil e o esforço do Pe. Eduardo junto a um grupo de leigos e religiosos. E, como já dito, esse embrião deu origem a dois movimentos diferentes na sua proposta e expansão, por um lado, Amor, Oração e Trabalho (APOT), a fazenda do Senhor Jesus e Amor Exigente, e, por outro lado, a Renovação Carismática Católica.³²⁶

4.2.2 RCCBrasil: críticas e controvérsias

Desde o início a RCC se apresenta como um “movimento leigo e independente em relação à estrutura da Igreja”.³²⁷ Apesar da sua independência, o movimento sempre buscou legitimação dentro da Igreja, procurando se identificar com o que a Igreja transmite, em especial com os documentos conciliares, valorizando sempre a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. Com isso, podemos dizer que a RCC é um movimento tradicionalista e conservador, e não ao contrário como muitos pensam.³²⁸

É certo que a RCC traz aspectos novos para a Igreja, mas ela não se defronta com o catolicismo tradicional. Ela, na verdade, tem uma nova forma de se relacionar com a tradição, e não um novo conteúdo. Com a RCC rompe a emoção nas expressões rituais na Igreja, mas isso não altera o seu entendimento de moralidade; ela reelabora a relação mística e miraculosa como “recurso de vida espiritual, apela para a revivescência espiritual e conversão interior, com o que podemos dizer que,

³²⁴ 13244 coordenadores até o dia 04 de setembro de 2017 efetuaram o cadastro do Grupo de Oração, e esses números estão sendo atualizados a todo instante. Essa informação foi tirada do site oficial da RCCBrasil.

³²⁵ CHAGAS, C. C., *Pentecostes é Hoje!*, p. 47-19-20.

³²⁶ DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, p. 36.

³²⁷ PRANDI, R., *Um Sopro do Espírito: A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático*, p. 52.

³²⁸ SALES, I. M., *A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000)*, p. 91-92.

embora tudo indique que a RCC aponte para uma nova subjetividade religiosa dentro da Igreja”.³²⁹

Alguns estudos colocam a RCC como “um resgate da Igreja romanizada exatamente porque enfatiza na vivência de seus fiéis a adesão às experiências sacramentais e à doutrina católica”.³³⁰ Com apenas 50 anos de existência, tem sido objeto de estudo a respeito de suas origens, objetivos e, principalmente, a respeito do seu modo de agir, causando críticas e controvérsias dentro da hierarquia da Igreja, uma vez que sua aceitação tem sido um processo problemático e contraditório.

No entanto, segundo Prandi, a RCC:

Apresenta-se como uma alternativa significativa e perigosa para a Igreja. Significativa por constituir uma resposta à crise do catolicismo. Perigosa, segundo setores da própria Igreja, pelo seu fácil relacionamento com movimentos e teologias exteriores e estranhos à própria Igreja. Se de um lado pode representar a retomada do crescimento do catolicismo numa América Latina que se tornava pentecostal, de outro há o medo de que o movimento se torne independente da Igreja, devido ao seu caráter isolacionista e autônomo.³³¹

Dentro deste contexto, compreendemos o motivo pelo qual a Igreja teve a necessidade de se definir diante a RCC. Mesmo com o aumento de membros no movimento, a RCC não recebeu aprovação de um Vaticano progressista. No entanto, depois de 1978, “com a ascensão de um Papa mais conservador, a RCC encontrou no Vaticano o seu grande aliado para o crescimento na América Latina”³³² e passou então a ser uma grande defensora da Igreja.

Para a Igreja tradicional, sobretudo a Igreja do Vaticano, que não tinha um projeto eficaz de prática religiosa à altura das necessidades populares então atendidas por outras religiões que prosperavam de modo inusitado, a RCC passou a ser vista como um braço muito operante, a arma procurada para defender e reconquistar os territórios perdidos para pentecostais, afro-brasileiros, religiões orientais, crenças da *new age* e outras ameaças menores. Apesar das inovações, que poderiam até desfigurar o velho catolicismo, a RCC mostrou que podia trazer de volta uma população de católicos que passeava entre as várias opções do mercado religioso. Mostrou que podia de novo encher as igrejas, e encher as igrejas com muito fervor e devoção.³³³

³²⁹ SALES, I. M., A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000), p. 91.

³³⁰ SALES, I. M., A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000), p. 101.

³³¹ PRANDI, R., Um Sopro do Espírito, p. 52.

³³² PRANDI, R., Um Sopro do Espírito, p. 53.

³³³ PRANDI, R., Um Sopro do Espírito, p. 53.

Com isso, a vida carismática passa a crescer dentro da Igreja, e com os testemunhos dados pelos leigos de sua atuação nas comunidades, as barreiras foram sendo quebradas, apesar da resistência da ala progressista. A Igreja reconheceu a importância da RCC e, por isso, associou à sua estrutura esta nova maneira de ser Igreja;³³⁴ contudo, temos dois documentos importantes que estabelecem regras, diretrizes e restrições: os Documentos de Malinas, “Orientações Teológicas e Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, e o Documento 53 da CNBB, “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”.

Os Documentos de Malinas são a mais importante reflexão teológica realizada até hoje sobre o fenômeno pentecostal dentro da Igreja Católica. A sua origem e coordenação foi feita pelo Cardeal Leon Josez Suenens, arcebispo de Bruxelas-Mechelen, participante nas sessões do Concílio Vaticano II. No início dos anos 1970, ele convocou alguns teólogos interessados em realizar um trabalho de discernimento e afinidade entre a nova experiência espiritual, vinda dos Estados Unidos, e as tradicionais doutrina e teologia espirituais da própria Igreja.

Neste trabalho participaram, além do Cardeal Suenens, Josef Ratzinger, Avery Dulles, Yves Congar, Walter Kasper, René Laurentin, Michael Hurley, Carlos Aldunate, Salvador Carrillo, Ralph Marin, Albert de Monleon, Kilian McDonnell, Heribert Mühlen, Vorinica O’Brien, e Kevin Ranaghan. Os Documentos de Malinas consistem em seis documentos que constituem uma “Constituição” do movimento carismático católico mundial. Eles descrevem como devemos discutir o assunto sem nos afastar da doutrina católica.

O primeiro documento dos Documentos de Malinas, A) “A Renovação Carismática”, número 2, fala a respeito do contexto eclesial da Renovação:

A Renovação Carismática não deseja promover um retorno simplista, desprovido de todo um sentido histórico, para uma Igreja idealizada do Novo Testamento. Contudo, ao mesmo tempo, reconhece o papel único das comunidades do Novo Testamento e deseja continuar com a tradição Católica que chama todos os homens à conversão e ao Reino. Quaisquer que tenham sido as formas anteriores de renovação, a “Renovação Carismática” da qual falamos quer ser colocada na tradição católica, originada pela palavra dos profetas e dos apóstolos da Igreja primitiva o testemunho dos mártires, a pregação das ordens religiosas da Idade Média, os exercícios espirituais de Santo Inácio, a prática das missões paroquiais, o movimento litúrgico e outros “movimentos” apostólicos e espirituais. Embora difira deles por alguns acentos que lhe são próprios, a Renovação Carismática

³³⁴ PRANDI, R., Um Sopro do Espírito, p. 54-57.

também deseja lançar a todos os homens o mesmo chamado à conversão e libertar o “crente incrédulo”, sem que ele saiba de um ateísmo da alma e do coração.³³⁵

Ainda no primeiro documento dos Documentos de Malinas, o item B) “Fundamento Teológico”, número 7, “Fé e Experiência”, fala da experiência religiosa da Renovação Carismática e dos carismas:

Muitos desconfiam da experiência religiosa, e essa desconfiança influencia o julgamento que é formado em relação à Renovação Carismática. Sua reação pode ser baseada, deve ser reconhecido, numa tradição espiritual que inclui muito advertências contra os riscos de ilusão em termos de agradecimento extraordinário. É preciso, no entanto, notar que a Renovação Carismática não está exatamente no mesmo registro de experiência espiritual que as graças místicas, no sentido tradicional do termo. Os carismas são ministérios orientados para a Igreja e para o mundo, em vez da perfeição dos indivíduos. Esses ministérios incluem aqueles mencionados pelo apóstolo: profecia, ensino, pregação, evangelização etc. O carisma da glossolalia é o menor dos presentes, porque é o que menos contribui para a edificação da comunidade: “Quem fala em línguas constrói-se a si mesmo”, declara São Paulo (1Cor 14,4). Sua eficácia é mais de natureza pessoal do que comunitária. [...] Os carismas são, então, essencialmente graças ministeriais. Na medida em que são objeto de experiência e estão unidos com as graças mística, estão sujeitos às regras tradicionais do discernimento dos espíritos. Desde que eles constituem ministérios, estão sujeitos às normas doutrinárias e comunitárias que regulam o exercício de todos os ministérios da Igreja, isto é: a confissão de Jesus como Senhor, a distinção e a hierarquia dos ministérios, sua importância relativa enquanto a edificação da comunidade, sua interdependência, sua sujeição à legítima autoridade e boa ordem da comunidade como um todo (ver 1Cor 12,4).³³⁶

Os Documentos de Malinas, ainda no primeiro documento, falam que a “terminologia comum em grupos católicos e protestantes” pode causar confusão. Temos como exemplo os termos “conversão”, “batismo no Espírito”, “receber o Espírito”, “Ser cheio do Espírito”, que no contexto católico pode apresentar um significado diferente. “A aceitação de um certo vocabulário de origem não católica significa, portanto, para a Renovação, um risco em matéria doutrinal. Um discernimento crítico é imposto neste caso”.³³⁷ No entanto, o termo “batismo do Espírito” é usado entre os católicos comprometidos com a Renovação, significando o ressurgimento na experiência espiritual consciente do recebimento do Espírito em virtude da iniciação cristã. Eles compreendem, assim como São Paulo, que existe apenas “um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5) e que não há outro.³³⁸

³³⁵ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas. La Renovación Carismática (1974-1987), p. 21.

³³⁶ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 34-35

³³⁷ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 38

³³⁸ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 39.

Quanto ao dom das Línguas, os Documentos de Malinas dizem que a função essencial desse carisma é a oração, e que está associado à oração de louvor. Contudo, é o carisma que dá origem à desconfiança entre pessoas que estão fora da Renovação. A Renovação atesta que o carisma das Línguas é bíblico, pois é mencionado nos escritos paulinos, nos Atos dos Apóstolos e no final do Evangelho de Marcos. No entanto, é difícil avaliar a importância do carisma se o extrairmos do contexto de oração. “O ‘falar em línguas’ permite aos que gozam desse carisma rezar a um nível mais profundo. Este presente deve ser entendido como uma manifestação do Espírito em oração”.³³⁹

Em relação ao dom da Profecia, os Documentos de Malinas nos atestam que, no Antigo Testamento, o Espírito estava ligado diretamente à profecia, tanto que se pensava que quando o último profeta morresse, o Espírito deixaria Israel. O profeta Joel diz que a era messiânica começará quando Senhor derramar o Espírito sobre toda a humanidade e isto acontece no novo Israel, quando o Espírito não é derramado somente sobre alguns profetas escolhidos, mas sobre toda a comunidade. Com isso, o carisma da Profecia pertence à vida ordinária de toda Igreja local e não deve ser visto como uma graça excepcional. “Uma profecia autêntica nos permite conhecer a vontade e a palavra de Deus, projeta a luz de Deus no presente. A profecia exorta, avisa, conforma e corrige; contribui para a edificação da Igreja (1Cor 14,1-5)”.³⁴⁰

Os Documentos chamam a atenção também para o carisma da libertação do mal e cura aos enfermos. Os autores dos textos neotestamentários atestam a respeito do poder de Jesus sobre os demônios como sendo um sinal da presença do Reino de Deus (Mt 12,8). Esse poder é de natureza messiânica, e pelo fato de Jesus ser o Messias, Ele tem o poder sobre os demônios e o exerce pelo Espírito Santo (Mt 12,28). No entanto, quando Jesus enviou os discípulos com a missão de proclamar o Reino de Deus, Ele deu a eles a autoridade sobre os espíritos impuros (Mc 6,10, Mt 10,1). Durante o período apostólico essa concepção foi incluída nos ritos pré-batistais do catecumenato, e ainda hoje alguns elementos subsistem no rito batismal atual.³⁴¹

³³⁹ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 53-54.

³⁴⁰ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 55-56.

³⁴¹ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 56.

A Renovação Carismática foi fixada neste aspecto do testemunho neotestamentário e na história pós-apostólica. Eliminar por completo esse aspecto da consciência cristã significaria uma infidelidade ao testemunho bíblico. Na Renovação Carismática, como a experiência prova, algumas pessoas receberam uma ajuda apreciável de um ministério autorizado que se dedicou a superar a influência demoníaca. É certo, também, que essa influência não deve considerar necessariamente como uma “possessão”. É preciso evitar uma preocupação excessiva com o demônio e com a prática irreflexiva do ministério de libertação. Ambos seriam uma distorção dos dados bíblicos e seriam prejudiciais à ação pastoral.³⁴²

Com relação às curas, os Documentos falam que entre os poderes messiânicos no ministério de Jesus está a cura dos enfermos. As curas fazem parte integrante da sua autoridade e são sinais que convidam à fé em Jesus e no Reino que Ele anuncia. Quando os discípulos são enviados à missão apostólica, Jesus ordena-lhes que façam o que Ele fez, ou seja, expulsar os demônios e curar os enfermos. Após a ressurreição de Jesus e sua ascensão, as curas realizadas pelos discípulos afirmam que Jesus, que ressuscitou e subiu ao céu, está presente na Igreja através do poder do Espírito Santo.³⁴³

A Renovação deseja reintegrar este aspecto do testemunho bíblico e da experiência pós-apostólica na vida atual da Igreja. Esta é a razão pela qual promove toda a reflexão sobre a relação entre cura e a vida sacramental, sobretudo a eucaristia, a penitência e a unção dos enfermos. Uma das tarefas da Renovação é propor modelos para o exercício do ministério de cura em um contexto sacramental explícito ou implícito. É evidente que o carisma da cura não deve impedir o uso de cuidados médicos; este carisma e a ciência médica são, em diferentes planos, instrumentos de Deus que é o único quem cura.³⁴⁴

Os Documentos afirmam que a “imposição das mãos”, na prática da Renovação Carismática, não é um ritual mágico ou sinal sacramental, mas é a expressão visível da solidariedade na oração e na unidade espiritual da comunidade. Para pedir a vinda do Espírito Santo, já recebido no sacramento da iniciação, a imposição das mãos não é usada como uma repetição da imposição sacramental, mas como uma oração para que o Espírito, já presente, “seja mais ativo na vida do indivíduo e na comunidade. Também significa que os presentes estão entregando explicitamente à Cristo o dom de sua pessoa para um melhor serviço na Igreja”.³⁴⁵

O sexto documento de Malinas fala a respeito do fenômeno “O descansar no Espírito”. Este tema, assim como a glossolalia, provoca controvérsias e diversas reações. Por ser um tema polêmico, o Cardeal Suenens, por meio do Escritório

³⁴² SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 56-57.

³⁴³ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 57.

³⁴⁴ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 57.

³⁴⁵ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 58.

Internacional da Renovação Carismática Católica, questionou pessoas que já haviam feito a experiência do descanso no Espírito e pediu para que dessem seu testemunho a respeito dessa experiência, seja positiva ou negativa. Ele recebeu muitas respostas de vários continentes, especialmente da Europa. As respostas recebidas geralmente foram de testemunhos pessoais, mas havia também testemunhos coletivos.

O Cardeal Suenens diz que:

Minha intenção inicial tinha sido consagrar o Documento de Malinas no. 6 para promover positivamente o ministério e o carisma da cura; mas, dado este novo fato, foi necessário limpar previamente o terreno e tentar discernir se estamos ou não na presença de uma nova intervenção do Espírito, de um novo modo de curar, de uma graça sem precedentes para o nosso tempo.³⁴⁶

O Cardeal Suenens diz que esse fenômeno não é desconhecido e nem é inédito, pois “é um fenômeno antigo comum na história de grupos qualificados como ‘enthousiastes’, especialmente em os ‘reavivamentos’ da Nova Inglaterra e do Ocidente, dos séculos XVII e XIX”.³⁴⁷ Fora do mundo cristão também se encontram as manifestações corporais, que são certas experiências religiosas introdutórias, as quais são percebidas como um misterioso contato com o divino, que geram uma sensação de paz e de “transferência” para um outro mundo. Isso pode ser traduzido como “transe”, “êxtase”, e “arrebatamento”.³⁴⁸

O Cardeal Suenens diz: “acho que posso afirmar que o ‘falling phenomenon’ desperta algum desconforto e vários pontos de interrogação, tanto no meio católico, como também em outras Igrejas cristãs”.³⁴⁹ É um fenômeno que se pode verificar; no entanto, a interpretação desse fenômeno requer uma análise crítica cuidadosa. A questão fundamental levantada por Suenens é: “estamos na presença de um fenômeno de ordem natural ou de uma intervenção especial, de uma graça particular do Espírito?” A resposta é bastante delicada e complicada, pois não podemos determinar, mudar ou mesmo determinar os limites do agir do Espírito Santo.³⁵⁰

Portanto, o que se pode dizer é que somente saberemos se realmente esse fenômeno é uma manifestação de Deus se obtivermos testemunhos de bons e variados frutos. No entanto, quando esse fenômeno ocorrer dentro de uma

³⁴⁶ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 365

³⁴⁷ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 377.

³⁴⁸ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 379.

³⁴⁹ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 383.

³⁵⁰ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 392.

assembleia, faz-se necessário o espírito crítico.³⁵¹ Não se pode fechar os olhos para esse fenômeno, mas é preciso tomar uma posição pastoral a esse respeito, sendo necessário que as autoridades responsáveis deem orientações sobre o mesmo,³⁵² pois “um fenômeno se deve ser considerado natural até que se prove o contrário. A obrigação de provar o contrário corresponde àquele que a alega. Isto não é falta de fé ou indicação de um racionalismo inconsciente, mas simplesmente aplicação concreta da teologia clássica sobre a relação natureza-graça”.³⁵³

Para evitar qualquer confusão nos espíritos, seria oportuno dar ou fazer acontecer, em os ambientes em que este fenômeno ocorre, uma explicação sobre as relações natureza-graça, especialmente sobre interferência, dentro do comportamento humano, entre o somático, o psíquico e o espiritual. [...] É oportuno traçar aqui linhas gerais de orientação pastoral, levando em conta o contexto e as variantes em que o fenômeno aparece: grupos de oração, concentrações mais amplas, celebração eucarística, devemos também cuidar dos “especialistas” que atribuem esse dom em diversos países.³⁵⁴

Os Documentos de Malinas falam também a respeito: Ecumenismo e a Renovação Carismática, Renovação no Espírito e o Serviço do Homem, Renovação e o Poder da Escuridão, Natureza e Graça, uma unidade vital. Infelizmente, não teremos como abordar tudo neste estudo. Contudo, vamos ressaltar a conclusão dos Documentos, em que o Cardeal Suenens diz:

Também é visto aqui o quanto a Igreja visível e a Igreja invisível precisam viver integradas. Os bispos, guias espirituais do povo de Deus, são obrigados a ser próximos, especialmente nestes assuntos delicados, para evitar desvios e perda de energia. Eles também são obrigados a convidar seus melhores teólogos para se oferecerem a compartilhar com os cristãos de boa vontade os tesouros da sabedoria, de nossos místicos e a grande tradição espiritual do Ocidente e Oriente cristãos. [...] Nossa doutrina espiritual e moral se desenvolve com frequência em molduras rígidas, e também precisa ser renovada pelo Espírito. Diante de novos fenômenos, que olham para a vida espiritual, devemos oferecer aos fiéis orientações: alguns sinais vermelhos, verdes ou laranja. Essa é a condição para um progresso verdadeiro e seguro.³⁵⁵

A seguir, vamos estudar outro documento a respeito da Renovação Carismática Católica. Como falamos anteriormente, o Documento da CNBB nº 53, “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, foi realizado pelos bispos do Brasil, que se aproximaram e orientaram a Renovação, como nos diz o Cardeal Suenens. O documento, ao referir-se à Igreja Particular, diz:

³⁵¹ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 396.

³⁵² SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 408.

³⁵³ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 410.

³⁵⁴ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 411.

³⁵⁵ SUENENS, L. J., (Org.) Documentos de Malinas, p. 412.

Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário.³⁵⁶

A Igreja estabelece que é seu dever acolher os diversos carismas, mas que deve corrigir o que for necessário. Com o Documento nº 53, a Igreja busca evitar os excessos nas reuniões de orações e nos eventos da RCCBrasil. A CNBB se refere às curas milagrosas, ao repouso no Espírito, à glossolalia, ao exorcismo e às profecias.³⁵⁷

A RCC se insere no contexto do Concílio Vaticano II “como um dos movimentos de revivência espiritual que enfatiza o resgate da teologia sobre o Espírito Santo”,³⁵⁸ e isto está registrado no seu manual de formação, que fala a respeito da identidade da RCC. Fiel à referência conciliar, a experiência religiosa que a RCC se fundamenta teologicamente é o “batismo no Espírito Santo”.

Ser batizado no Espírito Santo significa, segundo Pe. Haroldo, uma mudança na relação com Deus que leva a uma experiência do cumprimento das promessas de que o Espírito Santo faria a quem acreditasse. Esta explicação tem como referência bíblica a passagem de Atos 2,1-13, a qual narra o acontecimento de Pentecostes.³⁵⁹

Esta experiência do batismo no Espírito Santo não substitui os sacramentos da Igreja Católica do Batismo e da Crisma, mas é o reacender da força do Espírito Santo recebido no Batismo e na Crisma. O batismo no Espírito Santo leva a pessoa a experimentar de maneira nova e explícita a presença do Espírito Santo, e como consequência leva a uma mudança de vida, buscando uma maior intimidade com Deus e vivendo os Seus carismas para o bem comum.

A experiência do *batismo no espírito* e a vivência dos dons e carismas constituem na RCC sua experiência fundacional e a marca que caracteriza sua espiritualidade, distinguindo-a de outros movimentos dentro da Igreja Católica. As seguintes narrativas de *batismo no espírito* permitem observar como foi vivenciada essa experiência por algumas lideranças da RCC, e os elementos comuns que a perpassam: [...] Note-se que nos três relatos há uma experiência individual que afeta os sentidos, altera a afetividade, as relações interpessoais e nela a pessoa é consciente do que acontece, sendo uma experiência carregada de emotividade ao ponto de lembrar detalhes da experiência. Também observa-se que é um fato que acontece dentro de um grupo, seja num dia de louvor (Pe. Eduardo), seja num retiro (Regis), seja num grupo de oração (José Antônio). Ao mesmo tempo é uma

³⁵⁶ CNBB, Doc. 53, 19.

³⁵⁷ PRANDI, R., Um sopro do Espírito, p. 58.

³⁵⁸ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 68.

³⁵⁹ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 69.

experiência que motiva a adesão institucional e a uma participação sistemática dentro da Igreja. Chama a atenção que as três narrativas correspondem a décadas diferentes do desenvolvimento da RCC, mostrando como na sua origem a RCC foi, e continua sendo, um espaço que favoreceu uma experiência individual carregada de emoção, que motivou o engajamento da Igreja Católica e adesão ao movimento.³⁶⁰

Para Pe. Haroldo, o batismo no Espírito Santo deveria ser uma experiência cultivada e esperada pelos fiéis, pois é uma experiência que leva à conversão e que realmente marca a vida da pessoa com um antes e um depois. Contudo, esta expressão “batismo no Espírito Santo” cria um desconforto dentro da hierarquia da Igreja Católica, pois leva a uma ambiguidade por transmitir a ideia de uma espécie de sacramento.³⁶¹ Com isso, o Documento da CNBB nº 53, “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, no nº 54 orienta a respeito desta expressão:

A palavra “Batismo” significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão “**Batismo no Espírito**”, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como “efusão do Espírito Santo”, “derramamento do Espírito Santo”. Do mesmo modo, não se utilize o termo “confirmação” para não confundir com o sacramento da Crisma (cf. Comissão Episcopal de Doutrina, Comunicado Mensal, Dez. de 1993, 2.217).³⁶²

Com relação aos dons e carismas, o documento coloca a importância do fato de os fiéis desejarem os dons e carismas derramados por Deus. Mas afirma que “os carismas devem ser recebidos com gratidão e consolação. E não devem ser temerariamente pedidos nem se ter a presunção de possuí-los”,³⁶³ e continua dizendo:

Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários. Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja. A eles, em especial, cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas para ficar com o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19.21). Assim, também no que se refere aos carismas, a RCC se atenha rigorosamente às orientações do Bispo diocesano.³⁶⁴

A RCC enfatiza muito a questão da cura para todos os males, e o milagre é prometido como algo prestes a acontecer. O carisma da cura é muito valorizado, desejado, e “talvez um dos atributos doutrinários do catolicismo carismático”.³⁶⁵ A

³⁶⁰ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p.74-75.

³⁶¹ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 76.

³⁶² CNBB, Doc. 53, 54.

³⁶³ CNBB, Doc. 53, 55.

³⁶⁴ CNBB, Doc. 53, 57.

³⁶⁵ PRANDI, R., Um sopor do Espírito, p. 63.

prática deste carisma é um exercício constante nas reuniões de oração, assim como nos eventos da RCC. O Documento nº 53 orienta a respeito deste carisma:

Dom da cura: O Senhor dá a algumas pessoas um carisma especial de cura, para manifestar a força da graça do Ressuscitado. No entanto, as orações mais intensas não conseguem obter a cura de todas as doenças. São Paulo aprende do Senhor que “basta minha graça, pois é na fraqueza que minha força manifesta todo seu poder” (2Cor 12,9), e que os sofrimentos que temos que superar podem ter como sentido “completar na minha carne o que falta às tribulações de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).³⁶⁶

A respeito do carisma da cura, o documento também aconselha que, ao pedir pela cura nas reuniões de oração, assim como em outros eventos da RCC, não se deve adotar qualquer “atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico, estranho à prática da Igreja Católica (cf. Eclo 38,11-12).³⁶⁷

Quanto aos carismas de cura e milagre, a RCC e a religiosidade popular têm uma relação, pois a cura e o milagre acontecem também na religiosidade popular, com um diferencial: a cura e o milagre estão associados aos santos, já que são eles os intermediários. Por causa desta relação, a RCC atrai fiéis e é muito bem aceita no ambiente popular,³⁶⁸ pois há uma penetração no universo simbólico e religioso da classe popular. Nesse sentido, a proposta religiosa apresentada pela RCC está diretamente conectada com o referencial católico tradicional da sociedade brasileira e, concretamente, da classe popular.³⁶⁹

O dom de línguas é um carisma muito caro para a RCC, “que faz a espiritualidade carismática original, dentro do catolicismo, porém se aproxima mais das igrejas pentecostais”.³⁷⁰ O movimento afirma que para se ter o dom da glossolalia a pessoa precisa esvaziar-se para poder ser cheia do Espírito Santo. Apesar disso, é uma prática bastante comum tanto nas reuniões de oração como nos eventos da RCC, “oferecida para todos os fiéis, conduzida, incentivada e inserida num contexto ritual”.³⁷¹

O dom da glossolalia na RCC aparece mais como uma forma diferente de rezar do que um dom propriamente dito, ou seja, uma forma extraordinária de revelação de Deus ao seu povo.

³⁶⁶ CNBB, Doc. 53, 58.

³⁶⁷ CNBB, Doc. 53, 59.

³⁶⁸ DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica*, p. 81-82.

³⁶⁹ DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica*, p. 40.

³⁷⁰ DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica*, p. 82.

³⁷¹ DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica*, p. 83.

Na RCC, o falar em línguas aparece também como um elemento diferenciador de identidade no interior da Igreja Católica, pois são os carismáticos que fazem uso “quase que exclusivo” do dom de línguas. O elemento de legitimidade da autoridade institucional, assinalado por Rolim, é de difícil constatação, pois não há interesse de interpretar aquilo que se fala.³⁷²

Sendo assim, a CNBB, no Documento nº 53, pede para não incentivar a prática da glossolalia.

Orar e falar em línguas: O destinatário da oração em línguas é o próprio Deus, por ser uma atitude da pessoa absorvida em conversa particular com Deus. E o destinatário do falar em línguas é a comunidade. O apóstolo Paulo ensina: “Numa assembleia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também aos outros, a dizer dez mil palavras em línguas” (1Cor 14,19). Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete.³⁷³

O documento também adverte a respeito do dom da profecia, pedindo que se tenha discernimento quanto a este carisma, “eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa”.³⁷⁴ Lembra que “é um dom para o bem da comunidade e não tem em vista adivinhações futuras”.³⁷⁵ Quanto ao repouso no Espírito, o documento pede para evitar tal prática, pois “essa prática exige maior aprofundamento, estudo e discernimento”.³⁷⁶

Com relação ao poder do mal e exorcismo, o documento esclarece que “nem tudo se pode atribuir ao demônio, esquecendo-se o jogo das causas segundas e outros fatores psicológicos e até patológicos”.³⁷⁷ Recorda que o exorcismo, de acordo com o Direito Canônico, só pode ser feito por presbítero que tenha licença do Ordinário local. “Por isso, seja afastada a prática, onde houver, do exorcismo exercido por conta própria”.³⁷⁸ O documento orienta para a formação das lideranças e membros.

Procure-se, ainda, formar adequadamente as lideranças e os membros da RCC para superar uma preocupação exagerada com o demônio, que cria ou reforça uma mentalidade fetichista, infelizmente presente em muitos ambientes.³⁷⁹

Percebe-se que no texto do Documento nº 53 há fortes diretrizes restritivas às práticas da RCC. No entanto, há uma melhora no relacionamento entre o

³⁷² DÁVILA, B. M.C., *Renovação Carismática Católica*, p. 86.

³⁷³ CNBB, Doc. 53, 62.

³⁷⁴ CNBB, Doc. 53, 64.

³⁷⁵ CNBB, Doc. 53, 63.

³⁷⁶ CNBB, Doc. 53, 65.

³⁷⁷ CNBB, Doc. 53, 66.

³⁷⁸ CNBB, Doc. 53, 67.

³⁷⁹ CNBB, Doc. 53, 68.

movimento e a hierarquia da Igreja Católica Brasileira, isto devido à inserção dos membros da RCC em atividades e eventos paroquiais e diocesanos, o que foi pedido pelos bispos no documento:

Os membros da RCC participem dos Encontros, Cursos, Círculos Bíblicos e outras atividades pastorais e de formação promovidos pelas Igrejas Particulares, bem como dos momentos fortes que marcam a vida eclesial, tais como Campanha da Fraternidade, Mês da Bíblia, Mês Missionário, Preparação de Natal e outros.³⁸⁰

Apesar das dificuldades ocorridas entre a RCCBrasil e a CNBB, a RCC é fruto da eclesiologia do Concílio. Não é o único fruto, mas foi plasmada dentro de uma eclesiologia de comunhão, de Povo de Deus, de Corpo de Cristo.

³⁸⁰ CNBB, Doc. 53, 24.

5. RCCBrasil: riscos e possibilidades pastorais atuais para a recuperação da dimensão extática

Fizemos um percurso histórico a respeito do êxtase como uma forma de expressão da fé cristã, em que pudemos perceber que a dimensão extática nas comunidades cristãs primitivas era comum. Com a institucionalização e hierarquização da Igreja, vimos o declínio do êxtase e o início de uma Igreja fechada e apologética, onde a doutrina racional, a ortodoxia da crença, o concílio e o poder político e religioso ficavam de sentinelas para proteger e regular a fé. Contudo e como sempre falamos, o Espírito Santo sempre esteve presente na Igreja.

Afirmarmos isso com base no que aconteceu na Idade Média, que a despeito de toda sistematização, o Espírito Santo sempre inspirou pessoas dóceis para que o fogo de seus carismas não apagassem. Por essa razão, tivemos cristãos que fizeram uma experiência mística, sendo que o místico cristão permanece unido a Jesus Cristo, orientado pela Escritura e pela celebração sacramental. Tem consciência da aliança dele com Deus e sabe que sua experiência é graça e misericórdia de Deus.

No entanto, a Igreja apologética permanece por séculos. Porém, ao chegar o século XIX, o Espírito Santo soprou e foi dado início a trabalhos que frutificaram no século XX com o Concílio Ecumênico Vaticano II. Esses frutos são o movimento bíblico, o movimento litúrgico e a Encíclica *Rerum Novarum* (documento fundamental sobre a doutrina social da Igreja), começando também uma iniciativa de aproximação entre os cristãos. Os leigos começam a ter consciência da sua vocação e missão na Igreja.

Com o Concílio Vaticano II, passamos a viver o *kairós*, e com ele há a recuperação da dimensão extática da Igreja, dando início à RCC, que se expande pelo mundo, chegando ao Brasil. Porém, a história se repete, e um dos frutos da eclesiologia conciliar é ter se tornado institucionalizada, hierarquizada e sistematizada, e o mover do Espírito passa a ser um movimento eclesial e até mesmo uma pastoral dentro da Igreja Local.

5.1 RCCBrasil: Um dos frutos da eclesiologia conciliar

A teologia católica, no que diz respeito à Igreja, antes do Concílio Vaticano II evidenciava o aspecto hierárquico e piramidal, uma eclesiologia fundada no

conceito de “sociedade perfeita”, como afirma o Papa Leão XIII na encíclica *Immortale Dei* de 1885:

Esta sociedade, embora, exatamente como a sociedade civil, composta de pessoas humanas, é todavia sobrenatural e espiritual por causa do fim que lhe é estabelecido e por causa dos meios com os quais o procura alcançar; e, o que é também distinta e diferente da sociedade civil; e, o que é importantíssimo, ela é sociedade perfeita em seu gênero e direito, pois pela vontade e benefício de seu Fundador ela tem em si mesma todos os recursos necessários à sua existência e ação. Assim como o fim que a Igreja se propõe é de longe o mais nobre, assim seu poder é o mais eminente de todos e não pode ser considerado inferior ao poder civil, nem, de modo algum, lhe ser subordinado.³⁸¹

Associava-se a Igreja ao Estado secular e laico, com seu poder legislativo e judiciário, centralizada no Papa e na cúria romana. A Igreja se autocompreendia como um sistema feudal. Não havia uma valorização do leigo, uma vez que a Igreja se compreendia a partir do poder do clero sobre os leigos. Esta eclesiologia jurídica de sociedade perfeita vai até a década de 1940. Em 1943, o Papa Pio XII ultrapassa a eclesiologia jurídica, trazendo de volta a participação de todo batizado no “corpo místico” de Cristo.

Ora, para definir e descrever esta verdadeira Igreja de Cristo — que é a santa, católica, apostólica Igreja romana — nada há mais nobre, nem mais excelente, nem mais divino do que o conceito expresso na denominação “corpo místico de Jesus Cristo”; conceito que imediatamente resulta de quanto nas Sagradas Escrituras e dos santos Padres frequentemente se ensina.³⁸²

Pio XII refere-se à Igreja como um corpo, e sendo um corpo, não tem como haver divisão, e exatamente por ser um corpo, ela é visível aos olhos. São Paulo, em sua carta aos Colossenses, diz que Cristo “é a Cabeça da Igreja que é o seu Corpo” (Cl 1,18). Paulo também afirma que “como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros” (Rm 12,4-5). Da mesma maneira acontece na Igreja, “os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo”.³⁸³

Não se julgue, porém, que esta bem ordenada e “orgânica” estrutura do corpo da Igreja se limita unicamente aos graus da hierarquia; ou ao contrário, como pretende outra opinião, consta unicamente de carismáticos, isto é, dos fiéis enriquecidos de graus extraordinários, que nunca hão de faltar na Igreja. E fora de dúvida que todos os que neste corpo estão investidos de poder sagrado, são membros primários e

³⁸¹ DH 3167.

³⁸² MC 13.

³⁸³ MC 15.

principais, já que são eles que, por instituição do próprio Redentor, perpetuam os ofícios de Cristo doutor, rei e sacerdote. Contudo, os santos Padres, quando celebram os ministérios, graus, profissões, estados, ordens, deveres deste corpo místico, não consideram só os que têm ordens sacras, senão também todos aqueles que, observando os conselhos evangélicos, se dão à vida ativa, à contemplativa, ou à mista, segundo o próprio instituto; bem como os que vivendo no século, se consagram ativamente a obras de misericórdia espirituais ou corporais; e finalmente, também os que vivem unidos pelo santo matrimônio. Antes é de notar que, sobretudo nas atuais circunstâncias, os pais e as mães de família, os padrinhos e madrinhas, e notadamente todos os seculares que prestam o seu auxílio à hierarquia eclesiástica na dilatação do reino de Cristo, ocupam um posto honorífico, embora muitas vezes humilde, na sociedade cristã, e podem muito bem sob a inspiração e com o favor de Deus subir aos vértices da santidade, que por promessa de Jesus Cristo nunca faltará na Igreja.³⁸⁴

Assim como no início da vida pública de Jesus o Espírito Santo se manifestou em figura de pomba, descendo e pousando sobre Ele (Lc 3,22; Mc 1,10), o mesmo aconteceu no início da Igreja. Quando os apóstolos estavam para começar a missão de evangelizar, Cristo enviou seu Espírito que, “tocando-os com línguas de fogo, mostrou, como com o dedo de Deus, a missão e o múnus sobrenatural da Igreja”.³⁸⁵ Como o Espírito Santo enche, unifica, está presente e preside a Igreja, mais uma vez Ele enviou línguas de fogo sobre a Igreja e o Concílio Vaticano II trouxe uma proposta de renovação da Igreja.

O Papa João XXIII desejava uma Igreja aberta ao mundo moderno, aos cristãos não católicos, um lugar onde Deus se comunica. Esta abertura levou a uma visão nova, porém antiga, da Igreja como comunidade animada pela força do Espírito Santo. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* recupera o conceito “Povo de Deus”, “Nova aliança e novo povo”:

Foi Cristo quem instituiu essa nova aliança, testamento novo, firmado com seu sangue (cf. 1Cor 11,25), reunindo judeus e pagãos na unidade de um só povo, não segundo a raça, mas segundo o Espírito: o povo de Deus. Os fiéis renascem em Cristo pela palavra de Deus vivo (cf. 1Pd 1,23), que não está sujeita à corrupção como o está a geração humana. Renascem não da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cf. Jo 3,5-6).³⁸⁶

Sendo assim, a Nova Aliança não é mais nascer na religião ou numa raça, não é mais na carne, mas é adesão, é conversão, é a união do ser humano com Deus. A Igreja não é mais vista como uma sociedade perfeita, mas é vista como sinal que realiza a união dos seres humanos com Deus.

³⁸⁴ MC 17.

³⁸⁵ MC 32.

³⁸⁶ LG 9.

O conceito “povo de Deus” foi colocado especialmente em primeiro plano e com frequência apresentado como a determinação conciliar da essência da igreja e até caracterizado como uma inovação conciliar e como um passo além da Encíclica *Mystici corporis* e da eclesiologia do corpo de Cristo.³⁸⁷

A *Lumen Gentium* retoma o conceito de Igreja como sinal da unidade de todos os seres humano, pois este é o atributo original da Igreja, é a sua essência, já que é Católica, universal, ou seja, que é para todos. Com a imagem de Povo de Deus, a Igreja deixa de ser vista como uma realidade abstrata ou puramente espiritual, para ser vista como uma Igreja feita de homens e mulheres que desejam viver o Evangelho.

Cada cristão se encontra numa relação imediata com Deus, mas não se encontra sozinho diante de Deus. A sua fé pessoal em Deus é possibilitada, carregada e apoiada pelo nós da fé, da igreja como único povo de Deus que abrange tanto sincrônica como diacronicamente todos os lugares e todos os tempos. A nossa fé pessoal sempre é fé católica, que tem parte no único itinerário comum de fé da igreja de todas as épocas e lugares. Como o único povo de Deus, somos uma comunhão viatória que, na fé em Deus e no louvor a ele, está conjuntamente a caminho da Jerusalém celestial.³⁸⁸

Todos os fiéis, sem exceção, são a Igreja, todos são membros do Povo de Deus, todos são eleitos, discípulos, irmãos, todos são sacerdotes reais. Dentro desta eclesiologia total, a *Lumen Gentium* redescobre o “sacerdócio universal: os batizados”:³⁸⁹

Os batizados são consagrados pela regeneração e pela unção do Espírito Santo. Todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na sua luz admirável. (cf. 1Pd 2,4-10). Sendo assim, todos os discípulos de Cristo se oferecem como hóstia viva, santa e agradável a Deus (cf. At 2,42-47), testemunham Cristo em toda parte e a todos que procuram dão a razão de sua esperança na vida eterna (cf. 1Pd 3,15).³⁹⁰

Aquele que foi batizado, mediante o batismo, uniu-se a Cristo, e unido pelo Espírito Santo foi constituído povo de Deus. Portanto, todo batizado é Igreja, independentemente do carisma recebido ou do ministério exercido; todos participam das riquezas e das responsabilidades que o batismo provoca. Sendo assim, o Concílio redescobre a grandeza carismática do povo de Deus e a variedade dos carismas infundidos nos batizados para o bem comum.³⁹¹ Logo, a Igreja é intrinsecamente carismática.

³⁸⁷ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 166.

³⁸⁸ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 174.

³⁸⁹ FORTE, B., A Igreja Ícone da Trindade, p. 31.

³⁹⁰ LG 10.

³⁹¹ FORTE, B., A Igreja Ícone da Trindade, p. 31.

O Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19), em que ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16 e 26). Leva a Igreja à verdade plena (cf. Jo 16,13) e a unifica na comunhão e no ministério. Com os diversos dons hierárquicos e carismáticos, a instrui, dirige e enriquece com seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor, 4; Gl 5,22). Rejuvenesce a Igreja com a força do Evangelho, renova-a continuamente e a conduz à união consumada com seu esposo. Por isso o Espírito e a esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cf. Ag 22,17).³⁹²

Um “novo Pentecostes” configura o Concílio Vaticano II, tornando necessária uma reflexão pneumatológica sobre a Igreja. Preenche assim a ausência de uma teologia do Espírito Santo no seio da Igreja após séculos de fixismo, ultrapassando o entendimento exclusivista, para uma compreensão de que Igreja é um processo de inclusão, pois para viver a experiência de Igreja é necessário viver a alteridade, viver a comunhão com os irmãos.

O Concílio Vaticano II inicialmente seria um Concílio dogmático que estava interessado em proclamar novos dogmas. No entanto, o Espírito Santo, mais uma vez, sopra sobre a Igreja e este Concílio surpreende pela preferência pastoral, passando a ser um concílio de “*aggiornamento*”, ou seja, uma atualização da Igreja e de sua mensagem. Há uma reviravolta, dando início a uma nova abordagem a partir da Igreja Particular, que projeta uma eclesiologia centrada na Palavra de Deus anunciada e a eucaristia como centro da comunhão eclesial. Isto significa uma mudança de época na história da Igreja.

A Igreja passa a se perceber como o reflexo e a vivência do mistério trinitário, pois a comunhão que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo é que deve caracterizar a comunhão eclesial, pois a comunhão vem do amor de Deus pelo ser humano. “A Igreja é, pois, ‘o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.³⁹³ Com isso, pode-se dizer que a Igreja tem seu princípio na Trindade, ou seja, a Igreja “vem do alto (*oriens ex alto*); está na Trindade e ruma para o acabamento trinitário. Seu fim último é a Trindade. Portanto, a Igreja é plasmada pelo alto e rumo ao alto”.³⁹⁴

Dentro desta eclesiologia conciliar, a Igreja redescobre a dimensão carismática de todo o povo de Deus; em outras palavras, a Igreja resgata os carismas que o Espírito Santo infunde nos batizados para o bem de todo Povo de Deus, pois, o mais importante dos carismas é a postura de servir, uma vez que a sua essência é

³⁹² LG 4.

³⁹³ LG 4.

³⁹⁴ SILVA, M. F, Uma Eclesiologia de Comunhão, p. 120.

o serviço. A Constituição dogmática *Lumen Gentium* reafirma o que Paulo diz ao Coríntios, que Deus distribui “os seus dons conforme lhe apraz” (1Cor 12,11), e com isso o Espírito Santo dispõe seus carismas “aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja”.³⁹⁵

O mesmo Espírito Santo, que santifica o povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, concede também aos fiéis dons peculiares (cf. 1Cor 12,7) para o exercício do apostolado, “distribuindo-os a seu bel-prazer” (cf. 1Cor 12,11). Assim, “cada um, na medida da graça recebida, é chamado a colocar esses dons a serviço dos outros”, tornando-se todos “bons dispensadores da graça multiforme de Deus” (1Pd 4,10), para a “edificação de todo o corpo, no amor” (cf. Ef 4,16). Destes carismas, por mais simples que seja, provêm o direito e o dever de cada fiel de exercê-los, no mundo e na Igreja, em benefício dos seres humanos e da própria Igreja. Este exercício deve ser feito na liberdade do Espírito Santo, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3,8), mas, ao mesmo tempo, em comunhão com os irmãos em Cristo e, especialmente, com seus pastores, a quem pertence julgar da autenticidade dos carismas e de seu conveniente exercício, não para abafar o Espírito, mas para tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19-21).³⁹⁶

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja não é mais vista como uma grande religião ou sociedade perfeita, mas “como uma comunidade carismática, um edifício espiritual, uma fraternidade do Espírito, um ‘mistério de comunhão’”.³⁹⁷ É neste momento eclesial que nasce a RCC na Igreja, quando há o retorno da eclesiologia do Povo de Deus. Este é o tempo favorável onde ela encontra a confirmação para sua existência e suas práticas.

O nascimento e o crescimento da RCC se devem às mudanças no campo eclesial oriundo do Concílio. Há uma superação da concepção eclesiológica jurídica, período pós-tridentino, para uma autocompreensão de Povo de Deus, o Povo de Deus da nova e eterna aliança, que com certeza era como as primeiras comunidades se autocompreendiam, Povo de Deus, uma continuação e herança de Israel.

Contudo, “contrariamente ao mal-entendido sociológico-político que considera o povo de Deus como constituído por uma história, cultura ou outras raízes sociopolíticas comuns, o que importa é destacar o caráter teocêntrico da designação ‘povo de Deus’”,³⁹⁸ visto que, o povo de Deus, não é um povo político, mas sim um povo que é chamado e reunido por Deus para ouvir e proclamar a

³⁹⁵ LG 12.

³⁹⁶ AA 3.

³⁹⁷ PAES, C. A. P., Carisma e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 130.

³⁹⁸ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 173.

Palavra de Deus, assim como para louvar e exaltar as suas obras. Há uma passagem no Novo Testamento que fala do povo de Deus “como um povo sacerdotal santo de Deus, destinado a ‘oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo’ e proclamar seus grandes feitos (1Pd 2,5.9).”³⁹⁹

Esta é a experiência vivida pelos jovens no início da RCC; eles foram chamados a se reunirem para ouvir e louvar as maravilhas do Senhor. Esta nova maneira de ser Igreja transpôs seus limites e os testemunhos vieram de vários horizontes, como professores, estudantes, operários e religiosos de diversas ordens. O Cardeal Suenens testemunha uma “coisa curiosa: sem nenhum contato mútuo, parece que o Espírito Santo tenha suscitado em vários lugares do mundo experiências que se não são idênticas, certamente são análogas”.⁴⁰⁰

Ele relata que foram recolhidos vários testemunhos junto a religiosos jesuítas que fizeram a experiência da RCC e todos atestaram a ação do Espírito Santo em suas vidas. Ele conta que um “padre idoso”, após a sua experiência carismática, escreve que durante quinze dias ele esteve cheio de consolação e percebia a presença de Deus de uma maneira nova. Ele sentia um desejo de purificação, de ler a Escritura, e um querer ficar em oração por longas horas. “Em resumo, o que parece comum a todos, é um sentimento de presença e de poder vindo do Espírito Santo. É uma metamorfose do clima de oração”.⁴⁰¹

Segundo o Cardeal Suenens, por meio dos testemunhos destes jesuítas percebe-se que a experiência com a RCC, essa nova efusão carismática, consolidou a vocação deles e fez com que eles percebessem os exercícios espirituais por uma outra perspectiva. Ele conta que:

De minha parte, desejo acrescentar simplesmente que numerosos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos me exprimiram exatamente — às vezes nos mesmos termos — aquilo que os quarenta jesuítas acabam de dizer. Estes testemunhos transpõem a América: ouvi seu eco em diversos países do mundo e todos os dias se multiplicam em diversos continentes. É mais do que suficiente para sermos forçados a considerar mais de perto esta experiência.⁴⁰²

A experiência vivida com a RCC leva as pessoas a uma profunda transformação espiritual, conduzindo a uma nova consciência do amor de Deus, fazendo-as louvar e serem testemunhas de Cristo ressuscitado. Essa experiência

³⁹⁹ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 173.

⁴⁰⁰ SUENENS, L. J., O Espírito Santo nossa esperança, p. 111.

⁴⁰¹ SUENENS, L. J., O Espírito Santo nossa esperança, p. 114.

⁴⁰² SUENENS L. J., O Espírito Santo nossa esperança, p. 115.

com a RCC é a experiência do Espírito Santo na comunidade, uma experiência de comunhão e unidade, assim como foi a experiência dos primeiros cristãos, desejosos de testemunhar o Ressuscitado. A “experiência do Espírito não era um assessorio externo, mas, de certo modo, definia a essência da comunidade”.⁴⁰³

No início da vida cristã havia obras do Espírito Santo de natureza carismática que confirmavam que a veracidade do Evangelho vinha da fé. Eram obras extraordinárias que não poderiam ser despercebidas, era verificável a presença do Espírito e de seus carismas, podendo-se afirmar isso pelos relatos da Sagrada Escritura. Nos tempos atuais, “a renovação carismática está sugerindo que o que era verdadeiro ao menos para Paulo (e Lucas) tem algo a dizer para nós hoje.”⁴⁰⁴

Obras extraordinárias também aconteciam na RCC, sendo igualmente verificável a presença do Espírito e de seus carismas. Tanto que a RCC passou de seus limites e os testemunhos vieram de vários horizontes, assim como no princípio do cristianismo. Ela rapidamente se espalhou por todos os continentes; o Cardeal Suenens afirma que o que mais lhe impressionou foi que “bruscamente” ele pode ver manifestações “do Espírito difundirem-se entre os cristãos de toda condição. [...] Não se trata de eremitas nem de especialistas em alta santidade: são fiéis comuns.”⁴⁰⁵

Fiéis que fizeram a experiência do Evangelho, do encontro, da comunhão, da relação íntima com Deus que leva a testemunhar o Ressuscitado “até os confins do mundo” e a formar comunidades.

A experiência do evangelho ocorre quando uma pessoa humana encontra uma pessoa divina e se estabelece uma relação permanente. O Pai envia o Filho; o Espírito leva a proclamar “Jesus é o Senhor”; o Jesus ressuscitado batiza no Espírito Santo que dá acesso ao Pai. O cristianismo é inserção nesse ritmo de relações do Pai ao Pai. O evangelho não é em primeiro lugar observância da lei ou aceitação de uma ideologia. Não é religião, mas relação. Essencial à experiência carismática é a ideia de que a relação com a comunhão divina leva à formação de comunidade, à extensão do contato de pessoa a pessoa, e à extensão do relacionamento. Pentecostes é aquele ponto em que a comunhão divina extravasa para fora de si mesma a fim de formar novas comunhões. (At 4,32).⁴⁰⁶

⁴⁰³ McDONNELL, K., Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica. In: GANOCZY, A.; MEYER, H.; MONDIN, B. FAHEY, M. A., Espírito Santo Mistério e História, p.109.

⁴⁰⁴ McDONNELL, K., Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica, p.109.

⁴⁰⁵ SUENENS, L. J., O Espírito Santo nossa esperança, p. 151-152.

⁴⁰⁶ McDONNELL, K., Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica, p.115-116.

A RCC projeta uma eclesiologia centrada na Palavra de Deus anunciada, já que “o povo de Deus é convidado a *escutar* para ser constituído em Povo de Deus, pois a maneira de Deus manifestar-se e comunicar-se é primeiramente pela sua palavra”.⁴⁰⁷ A RCC tem a Eucaristia como centro da comunhão eclesial; a Constituição Sacrosanctum Consilium 41 diz que: “a principal manifestação da Igreja é a participação plena e ativa de todo o povo de Deus nessas celebrações litúrgicas, especialmente na mesma eucaristia” e declara que a Igreja de Jesus Cristo opera na Igreja.

A base da RCC são os grupos de oração “que procuram a renovação espiritual dos participantes. Não têm a função de substituir a vida sacramental, mas sim complementá-la, ao trazer os participantes para a ‘vida no espírito’”.⁴⁰⁸

Kilian McDonnell, ao comentar a respeito da RCC na vida sacramental, diz:

Para a maioria, o envolvimento na renovação carismática tornou-se a ocasião para uma vida sacramental revitalizada. Na minha opinião preconcebida, as melhores expressões cúlticas da renovação não são as reuniões de oração, mas as eucaristias. As pessoas se reúnem com um verdadeiro senso de celebração radicado na presença do Senhor e na dedicação mútua uns para com os outros. Há um profundo senso de louvor e do sagrado, uma fome da palavra e do corpo e sangue. Em parte, porque a presença e o louvor provocam uma consciência do pecado, foi o sacramento da reconciliação redescoberto como instrumento salvífico, evitando-se suas piores expressões ritualística, rotineiras.⁴⁰⁹

A RCC se identifica com a visão da Igreja do Concílio, ou seja, uma Igreja com a participação de todos, a Igreja Povo de Deus. Essa eclesiologia coloca a Igreja “no todo da história da humanidade”,⁴¹⁰ pois em Cristo não há mais diferenças entre judeus e pagãos, escravos e livres, porque todos bebem do mesmo Espírito (1Cor 12,13). Com isso “o Concílio descreve a igreja como povo messiânico de Deus. A igreja, apesar de ser apenas um pequeno rebanho, está destinada a sustentar e promover a esperança no mundo”.⁴¹¹

Para promover a esperança, entra o importante aspecto do “retorno às fontes”, recuperando a visão de comunhão da Igreja primitiva. Isso traz a unidade e alimenta o retorno dos carismas, pois “como estrutura fundamental, constitutiva do ser da Igreja, temos os múltiplos carismas do Espírito”.⁴¹² A vida segundo o

⁴⁰⁷ CONGAR, Y., A Palavra e o Espírito, p. 32.

⁴⁰⁸ PRADI, R., Um sopro do Espírito, p. 35.

⁴⁰⁹ McDONNELL, K., Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica, p.113.

⁴¹⁰ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 171.

⁴¹¹ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 171.

⁴¹² PAES, C. A. P., Carismas e ministérios numa Igreja que é um edifício do Espírito, p. 125.

Espírito é vista novamente como a condição do cristão, ou seja, aquele que propaga as maravilhas de Deus de modo que cada um entenda em sua língua (At 2,6-11), pois os carismas concedidos são para a utilidade comum e a edificação da Igreja.

Como diz o Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja:

Há entre os fiéis grande diversidade de dons. Cada um deve colaborar com o Evangelho de acordo com suas oportunidades, possibilidades, carismas e ministérios. Mas é preciso que todos os que semeiam ou colhem e os que plantam ou regam estejam unidos para que, “orientados para um mesmo fim” empenhem-se juntos na edificação da Igreja.⁴¹³

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos também afirma que é o Espírito quem distribui seus carismas a todos os membros da Igreja:

O mesmo Espírito Santo, que santifica o povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, concede também aos fiéis dons peculiares (cf. 1Cor 12,7) para o exercício do apostolado, “distribuindo-os a seu bel-prazer” (cf. 1Cor 12,11). Assim, “cada um, na medida da graça recebida, é chamado a colocar esses dons a serviço dos outros”, tornando-se todos “bons dispensadores da graça multiforme de Deus” (1Pd 4,10), para a “edificação de todo o corpo, no amor” (cf. Ef 4,16). Destes carismas, por mais simples que seja, provêm o direito e o dever de cada fiel de exercê-los, no mundo e na Igreja, em benefício dos seres humanos e da própria Igreja. Este exercício deve ser feito na liberdade do Espírito Santo, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3,8), mas, ao mesmo tempo, em comunhão com os irmãos em Cristo e, especialmente, com seus pastores, a quem pertence julgar da autenticidade dos carismas e de seu conveniente exercício, não para abafar o Espírito, mas para tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19.21).⁴¹⁴

A Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, afirma:

Os fiéis, por sua vez, devem colaborar alegremente com os pastores e doutores. Na própria diversidade, todos dão testemunho da admirável unidade do corpo de Cristo. A variedade das graças, dos ministérios e das atividades congrega os filhos de Deus na unidade, pois “é sempre o mesmo e único Espírito que tudo opera” (1Cor 12,11).⁴¹⁵

Dentro desta nova visão de Igreja e de uma eclesiologia de comunhão, de Povo de Deus, o Espírito Santo plasma a RCC e “a Renovação traz para o coração da Igreja a vitalidade dos carismas”,⁴¹⁶ onde todos recebem o Espírito Santo e todos devem doá-lo segundo o carisma que lhe foi concedido no serviço para edificação de todo o povo de Deus.

Não basta receber o Espírito. Deve-se “andar segundo o Espírito” (Gl 5,25). Paulo distingue duas espécies de cristãos: materiais (*psychikoi*) e espirituais (*pneumatikoi*).

⁴¹³ AG 28.

⁴¹⁴ AA 3.

⁴¹⁵ LG 31.

⁴¹⁶ CONGAR, Y., *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 204.

Ambos receberam o Espírito, mas o cristão espiritual difere do material por procurar guiar-se pelo Espírito, buscar sua vontade e direção nas decisões diárias.⁴¹⁷

Esse cristão espiritual estava no início da RCC, com todo o seu fervor, edificando a Igreja, tanto que era nítido o mover do Espírito entre eles e maravilhas eram realizadas em nome do Senhor Jesus pela ação do Espírito Santo. No entanto, a seguir veremos que, com as dificuldades enfrentadas com a Igreja e a necessidade de se institucionalizar, como dito previamente, a RCC perdeu a sua essência, caindo em um automatismo, e o que era aberto a todo o mundo se fechou em um grupo, o que é próprio de um Movimento Eclesial. Pentecostes é a graça fundamental da Igreja, como também do papa, dos bispos, dos padres e dos leigos. Pentecostes é o mover do Espírito no meio do Povo de Deus, onde todos são convidados, e por essa razão esse mover tem que estar presente em todos os lugares, realizando as maravilhas de Deus.

5.2 RCCBrasil como movimento eclesial

O “*aggiornamento*” do Concílio Vaticano II surte efeitos na Igreja como um todo, assim como nas Igrejas particulares, enfatizando a renovação litúrgica e bíblica, a revisão da função dos leigos no mundo e na Igreja, e a procura de novas relações entre a Igreja e a sociedade e outras religiões. Outro efeito gerado pelo “*aggiornamento*” são as associações e agrupamentos de leigos na Igreja.

Esses novos Movimentos Eclesiais “representam um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já prenunciada pelo Concílio Vaticano II”,⁴¹⁸ diz o Papa João Paulo II, na sua mensagem enviada aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em 27 de maio de 1998. Ele afirma também:

O que se entende, hoje, por “Movimento”? O termo é com frequência referido a realidades diversas entre si, às vezes, até por configuração canônica. Se, por um lado, ela não pode certamente exaurir nem fixar a riqueza das formas suscitadas pela criatividade vivificante do Espírito de Cristo, por outro, porém, está a indicar uma concreta realidade eclesial de participação prevalecentemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão, que assenta o próprio método pedagógico

⁴¹⁷ McDONNELL, K., *Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica*, 1978. p.112.

⁴¹⁸ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos Participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*, n. 2.

sobre um carisma preciso dado à pessoa do fundador, em circunstâncias e modos determinados.⁴¹⁹

No dia 30 de maio de 1998, João Paulo II, no discurso por ocasião do Encontro com os movimentos eclesiais e as novas comunidades, afirma:

A passagem do carisma originário ao movimento acontece pela misteriosa atração exercida pelo fundador sobre quantos se deixam envolver na sua experiência espiritual. Desse modo, os movimentos reconhecidos oficialmente pelas autoridades eclesiásticas propõem-se como formas de autorrealização e reflexos da única Igreja.⁴²⁰

Dessa forma, pode-se dizer que na origem dos Movimentos Eclesiais existe um carisma particular, carisma o qual leva ao apostolado e à missão.

A missão salvífica da Igreja no mundo realiza-se não só pelos ministros, que o são em virtude do sacramento da Ordem, mas também por todos os fiéis leigos: estes, com efeito, por força da sua condição batismal e da sua vocação específica, na medida própria de cada um, participam do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo.⁴²¹

Com isso, pode-se dizer que o apostolado dos leigos não é visto como, somente, uma colaboração à hierarquia, mas sim como uma missão específica que tem que ser realizada na e para a Igreja.

Temos uma enorme variedade de movimentos eclesiais, e assim sendo, fica difícil falar a respeito das características comuns entre eles. Mas pode-se falar a respeito dos elementos constitutivos que sustentam os movimentos, como a origem carismática, o carisma que é dado ao fundador, a força de unidade que tem o carisma e a particular ligação com o Papa.⁴²²

No caso do Movimento Eclesial da RCC, a origem carismática particular que é dada, pelo Espírito Santo, ao fundador ou fundadora para o bem comum da Igreja, não se pode aplicar, já que este não teve um fundador. O carisma que é dado ao fundador ou a fundadora, deve ser interpretado por ele(a) e levado à aplicação na vida concreta. Este elemento constitutivo também fica difícil se ser aplicado à RCC, pelo mesmo motivo exposto anteriormente.⁴²³ Mas o elemento que diz respeito à particular ligação com Papa, este pode ser aplicado a RCC.

⁴¹⁹ JOÃO PAULO II. Mensagem do Papa João Paulo II aos Participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, n. 4.

⁴²⁰ JOÃO PAULO II. Vigília de Oração Presidia pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidade, n. 6.

⁴²¹ CL 23.

⁴²² CAVALLINI, M. V., Os Movimentos Eclesiais a Igreja Local. Aspectos canônicos e pastorais, p. 17-19.

⁴²³ CAVALLINI, M. V., Os Movimentos Eclesiais a Igreja Local, p. 17.

Os movimentos eclesiais são reconhecidos e aprovados pelo Papa, pois seus estatutos são aprovados pelo Pontifício Conselho para os Leigos. O carisma dos movimentos eclesiais tem a capacidade de unir os seus membros e de entusiasamá-los a fazer a experiência da comunhão. O movimento da RCC não tem um carisma específico, mas sim o exercício de vários carismas. Por esta razão, Pe. Haroldo J. Rahm e outro sacerdote, na reunião que houve na CNBB em Brasília, no dia 31 de maio de 1973, onde ficou definido que a RCC é “um novo modo de ser Igreja”, esclarecem a natureza da RCC:

Não se trata de uma organização ou movimento em sentido estrito (...) é uma experiência onde a pessoa abre toda a vida para um novo relacionamento com Deus, um novo estilo, uma entrega total e confiante ao poder de Deus Trino, residindo nela. A pessoa deixa que o Espírito Santo, por meio dos carismas, atue nela e por ela na comunidade, aderindo amorosa e alegremente a essa ação divina nela. Ela é, como gostam de dizer os seus protagonistas, ‘batizada no Espírito Santo’. Isso significa efusão especial do Espírito Santo e introdução em uma vida nova.⁴²⁴

Pe. Eduardo Dougherty diz que a RCC não é um movimento, mas sim uma movimentação do Espírito Santo:

A RCC não é um movimento, mas é uma movimentação do Espírito Santo, há aí uma grande diferença. O movimento é para um grupo, enquanto uma renovação litúrgica, bíblica, carismática é para todo o mundo. Então não é para pertencer ao movimento ou não pertencer, e todos nós precisamos da RCC para nos renovar espiritualmente(...) desde o início até agora. A CNBB nos colocou a etiqueta de movimento. Tanto que nós fomos colocados dentro daquela linha onde estão todos os movimentos. Agora como que você vai categorizar o Pentecostes? O Pentecostes é a graça fundamental da Igreja. E vai dizer que não é dos leigos? Não, não é só dos leigos. Porque é dos padres, é dos bispos, é do papa. É um ministério? Não, é mais que ministério. Pentecostes é a graça essencial da nossa Igreja. E vai colocar só numa linha? Tem que estar em todas as linhas. De todas as maneiras possíveis. O que é a Renovação Carismática? É algo que Deus está fazendo. Não é obra de criatura humana. Deus realmente está derramando o Espírito Santo sobre o seu povo. E há uma carência de Deus. E nós temos que lutar pelos pobres, temos que ter ação social, mas todos movidos pelo Espírito Santo, não é? O Espírito Santo é Deus e quem somos nós para dizer não ao Espírito Santo? Se ele quer renovar a face da Terra e ele quer dar os dons do Espírito Santo, precisamos de um novo pentecostes. Vamos deixar que o Espírito Santo haja fortemente em nós.⁴²⁵

Pe. McDonnell, um dos fundadores da RCC internacional, diz que: “A finalidade da Renovação Carismática não é fazê-la entrar na Igreja para ser aí

⁴²⁴ Comunicado Mensal da CNBB 05.06.1973;654-655. In BRENDA, M. C. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências, p. 30.

⁴²⁵ Entrevista, Eduardo Dougherty, Valinhos, SP, 11.05.1997. In BRENDA, M. C. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências, p. 31.

tolerada. É bem mais uma Igreja renovada carismaticamente, que não tenha mais necessidade dum movimento específico”.⁴²⁶

Sendo assim, podemos perceber que a essência da RCC, inclusive no Brasil, está no mover do Espírito; é uma experiência pessoal com Deus e sua finalidade é abranger esta experiência dentro de toda a Igreja, ressaltando o caráter de movimento espiritual mais do que uma estrutura eclesial. Não havia uma preocupação organizativa e estrutural para os fundadores da RCC, mas ao colocar a RCC como uma corrente espiritual que enfatiza os dons do Espírito Santo como serviço, faz-se necessário criar e organizar toda uma estrutura para executar os carismas, estabelecendo, assim, uma racionalização e burocratização dos carismas. “Dessa forma, o carisma é institucionalizado e controlado pelo próprio movimento e também pela Igreja, no momento que são aprovadas as práticas carismáticas”.⁴²⁷

Na mesma direção, Leonardo Boff, teólogo da libertação, assinala que no momento em que a igreja hierarquiza e organiza os *carismas do Espírito* adquire uma investidura de poder, isto é, que a institucionalização do carisma dentro da Igreja Católica não é mais que a manifestação da sua fragilidade profética.⁴²⁸

No início houve oposição a essa organização dos carismas, mas apesar das oposições, “à medida que a experiência carismática se espalhava e os grupos se multiplicavam, a RCC sucumbiu inexoravelmente à organização do próprio carisma”.⁴²⁹ Não houve como escapar ao impasse do “carisma institucionalizado”, e por isso a RCC teve que pagar seu preço. A organização eliminou a dimensão carismática da RCC, mas ao mesmo tempo lhe foi permitida a “integração com a hierarquia católica, mesmo que essa incorporação tenha oscilado entre aceitação, rejeição e/ou clericalização da RCC”.⁴³⁰

Em entrevista à Brenda Maribel Carranza Dávila, em 28 de abril de 1997, o Pe. Haroldo Rahm narra um dos motivos de seu afastamento da RCC:

Eu vi que eles [a comissão nacional da RCC] não precisavam de mim e também começaram a se organizar (...), tinham muitas reuniões (...) mas eu notei que sentado em reuniões, planejando, não era o meu jeito. Devagar fui saindo (...) logo eu abri a fazenda para recuperação de toxicômanos, assim, comecei a dedicar minha vida aos drogados e afastei-me da RCC.⁴³¹

⁴²⁶ CHAGAS, C. C., A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial, p. 42.

⁴²⁷ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 31.

⁴²⁸ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 32.

⁴²⁹ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 32.

⁴³⁰ DÁVILA, B. M. C., Renovação Carismática Católica, p. 33.

⁴³¹ RAHM, H. J., Entrevista em 28/04/1997. In: DÁVILA, B. M. C. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências, p. 33.

Segundo Brenda, a saída do Pe. Haroldo finaliza “a etapa fundacional da RCC no Brasil”. Pe. Eduardo, em associação com outro sacerdote e leigos, levou adiante o trabalho de uma maneira bastante diferente daquela do Pe. Haroldo, e configurou e estruturou a RCCBrasil, que é ligada ao movimento internacional.

Com isso, arrisca-se a questionar, contrariando as análises de Benedetti (1988) e de Prandi (1997), o fato de que a RCC seria um movimento importado dos Estados Unidos e adaptado pelos dois sacerdotes jesuítas (Pe. Haroldo e Pe. Eduardo) no Brasil. O que condiz mais com os depoimentos e desenvolvimento da iniciativa de ambos sacerdotes é que o Pe. Haroldo motivou a criação de um movimento que no caminho bifurcou-se, desembocando em duas iniciativas, uma, a do Pe. Haroldo (a APOT, 1978; Fazenda do Senhor Jesus; Amor Exigente) e a outra a do Pe. Eduardo a RCC, na qual “Deus me usou para estipular a Comissão Nacional e o Conselho Nacional da Renovação Carismática. E agora, depois de muitos anos, desde 1972 para cá, ela se tem espalhado tanto e eu ainda estou com ela” (Entrevista, Eduardo Dougherty, Valinhos, SP, 11/05/1997).⁴³²

A RCC é um movimento leigo com particularidades próprias, diferentes daquelas dos movimentos leigos conhecidos pela Igreja. A sua organização difere também do estilo organizacional vivido pelas pastorais, embora o seu escritório internacional seja sediado na cidade do Vaticano.⁴³³ Em 1979, quando o movimento ainda era novo e em formação, o ICCRO apresentou, ao então Papa João Paulo II, um documento que caracterizava o movimento. Esse documento aponta para um ponto fundamental que retrata como o movimento se compreende até hoje, ou seja, a diferença entre a RCC e outros movimentos autênticos da Igreja é a sua interpretação de que o Espírito Santo não mudou, Ele continua o mesmo e, por essa razão, podemos experimentar sua efusão, seu poder e seus carismas da mesma maneira que os primeiros cristãos.⁴³⁴

A RCC parece ter a plena certeza de que também nos dias de hoje o Espírito Santo pode transformar profundamente o homem, portando-o de dons e carismas para que, a exemplo dos apóstolos, seja testemunha diante do mundo com poder para evangelizá-lo. É aí que voltamos na questão da inserção da RCC num projeto social. Para o movimento, quando o ser humano se entrega à própria santificação e passa a viver a mensagem do Evangelho com todas as suas consequências, passa a prestar toda espécie de ajuda ao próximo e aos desfavorecidos, seja essa ajuda espiritual e ou material.⁴³⁵

⁴³² DÁVILA, B. M. C., *Renovação Carismática Católica*, p. 34.

⁴³³ PRADI, R., *Um sopro do Espírito*, p. 34-35; 52.

⁴³⁴ SALES, I. M., *A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000)*, p. 89.

⁴³⁵ SALES, I. M., *A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000)*, p. 90.

Apesar do que foi dito anteriormente, ou seja, que a organização da RCC difere do estilo organizacional das pastorais, vamos continuar a nossa pesquisa verificando se “de fato” é isso que acontece.

5.3 RCCBrasil como pastoral paroquial

Damos início a este tópico com um panorama histórico a respeito da ação pastoral na Igreja. Como sabemos, a palavra “pastoral” tem sua raiz na palavra “pastor”, ou seja, qualquer ação “pastoral” tem a ver com a ação própria do “pastor”. Essa imagem entra na prática da Igreja através da tradição bíblica, pois no cultivo do rebanho de ovelhas encontrava-se a subsistência do povo de Israel, uma vez que a ovelha era alimento, com sua lã teciam-se roupas e as tendas para morar, e o restante do animal servia como matéria de troca no comércio. A ovelha, também, era um dos principais animais do sistema de sacrifício, pois seu sangue servia para expiar os pecados, limpar culpas, instituir a paz, exprimir uma oferta ardente a Deus. Com isso, aquele que cuidava desse animal acabava por se constituir num símbolo religioso.⁴³⁶

Na tradição mesopotâmica, os reis e chefes eram chamados de “pastor”; nos seus escritos, “pastor” simbolizava o título comum dos reis assírios e babilônios. O rei era entronizado como pastor pela divindade, conferindo-lhe a função sacerdotal, a função de mediador entre os deuses e o povo, como também era aquele que reunia e protegia o povo, cuidando dos bens terrestres e guardando a justiça. Israel reinterpreta essa experiência à luz da sua tradição javista, e o “pastor” não é o rei e nem o chefe das tribos, mas o próprio YHWH. Pode-se ver essa alegoria no Salmo 23, “YHWH é meu pastor, nada me falta”. Israel sempre resistiu em aplicar a seres humanos imagens e títulos atribuídos a YHWH, pois a profunda consciência da transcendência de YHWH não permite fazer uma analogia entre o Criador e a criatura.⁴³⁷

Jesus insere-se nessa tradição:

Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor. (Mt 9,35-36)

⁴³⁶ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 10-15.

⁴³⁷ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 16-19.

De agora em diante, Jesus é o “Pastor”, pois o Pai confiou a Ele, o Filho, a função de pastor: “Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (Jo 10,11). O ponto máximo do símbolo do “pastor” se deu com Jesus, pois diante dessa afirmação não há como não se lembrar da paixão e morte de Jesus, realizando a última e mais radical missão do “pastor”, ou seja, amar a ovelhas até o fim, uma entrega total de si.⁴³⁸

No decorrer desse percurso, percebemos como foi se enriquecendo o termo “pastor”. Podemos dizer com isso que “pastoral está intimamente ligada a sua evolução semântica, à ideia de autoridade, de desvelo, de companhia, de relação interpessoal e finalmente de entrega de si até o dom total da vida àqueles que se serve”.⁴³⁹ Este é o limite da ação pastoral, a entrega da própria vida.

Os primeiros séculos do cristianismo foram difíceis, pois a radicalidade das pregações dos apóstolos e discípulos de Jesus custava-lhes a vida. O pastoreio era feito principalmente através do testemunho do sangue, ou seja, a entrega da própria vida.⁴⁴⁰ Na época patrística, ser cristão era um modo de viver, era um testemunho de vida, era a proclamação da fé em Jesus Cristo. Não havia uma preocupação em sistematizar a fé, mas a preocupação estava no agir na fé. O modelo eclesiológico, deste período, é formado a partir da ação.

No entanto, na Igreja medieval, o pastoreio era dividido entre as hierarquias estatuais e as eclesiásticas com uma intensa unidade, contudo a predominância era do poder político. A partir da reforma gregoriana (século XI) e principalmente sob a gestão de Inocêncio III (século XII), o papado assume a direção do Ocidente cristão, firmando mais ainda a ideia de que a pastoral é função quase exclusivamente das autoridades máximas da Igreja.⁴⁴¹ Nesse momento da Igreja, a ação não será mais a base, mas sim o conhecimento e a ideia puramente racional, perdendo, assim, a ortopraxis e surgindo a ortodoxia, e com ela os manuais, muito raciocínio e pouca Escritura.

Tanto mais fácil se impunha tal concepção pastoral quanto mais firme e coeso aparecia o sistema político-religioso da cristandade. Uma linguagem teológica comum cobria as igrejas e reinos do Ocidente, de modo que o mesmo credo e a mesma moral reinavam sem concorrência no espaço político-cultural da Cristandade. A visibilidade primeira, dada pelas estruturas paroquiais, pelos ritos religiosos, pelas

⁴³⁸ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 22.

⁴³⁹ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 22.

⁴⁴⁰ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 35-36.

⁴⁴¹ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 37-38.

celebrações, pela arquitetura e estatuária, pelos santuários dispersos por todas as partes, pelas referências explícitas à hagiografia cristã, fazia com que todos se sentissem envolvidos pela atmosfera cristã. A pastoral significava então a manutenção desse quadro de referência católico, de modo que as pessoas se autoidentificassem por sua pertença a ele e o interiorizassem. Essa longa experiência medieval marcou, em muitos elementos, a pastoral tradicional. Entretanto, sua configuração, como a conhecemos praticada até pouco comumente e que ainda persiste em boa escala em várias dioceses, vai definir-se com a significativa viragem trazida pela Reforma protestante e pela resposta tridentina. Vou chamar, pois, de pastoral tradicional esta que pudemos experimentar aqui no Brasil de modo predominante até antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) e que persiste e resiste aos impactos transformadores desse Concílio e de eventos eclesiais como Medellín e Puebla.⁴⁴²

No Brasil, foi fortemente implantada a pastoral tradicional, vinda da Igreja tridentina na Europa, cujos pilares eram o poder e o medo. As bases do poder eram imensas riquezas direcionadas para a tarefa da evangelização, catequese, por meio de instituições de culto, de instrução e assistência social. Todo esse poder econômico era colocado a serviço dos clérigos. Contudo, a eficácia maior dessa pastoral não vinha do poder do clero, mas sim de uma catequese que fala ao imaginário das pessoas, atingindo o mais profundo da consciência. Esse imaginário simbólico era construído à base do medo da eternidade. As pregações baseavam-se nos “Novíssimos”, ou seja, na morte, juízo particular, purgatório, inferno, céu, limbo e nas coletividades juízo final, ressurreição dos mortos, destruição do mundo pelo fogo. “O horror do inferno estava a serviço de uma pregação da salvação”.⁴⁴³

O medo e o sentido de culpabilidade mantinham os fiéis dentro das normas e ensinamentos da Igreja. Por meio do cumprimento religioso dos atos, de cultos e dos ritos, o cumprimento dos mandamentos de Deus e da Igreja eram garantidos. É uma pastoral cujo o eixo central se encontra no dogma e na moral. Uma pastoral voltada ao ensino da doutrina, à prática das virtudes e, acima de tudo, à luta contra o pecado da carne. Essa pastoral tradicional está ligada diretamente ao clero, que se entende como responsável pela verdade religiosa e pela moral da sociedade. O erro e o vício são inimigos da pastoral tradicional.⁴⁴⁴

Numa palavra, a pastoral tradicional firmava-se na força da transmissão de uma doutrina dogmática e moral bem definida pela via da autoridade dos pastores, papa, bispos e sacerdotes. Conseguia o consenso de seus fiéis, seja apelando diretamente pela pura autoridade deles, em última análise remontada à autoridade de Deus, seja pela força do imaginário simbólico criado por essa pastoral. Conseguiu-se apresentar ao povo uma visão das realidades terrestres em articulação com o destino último do

⁴⁴² LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 38-39.

⁴⁴³ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 39-43.

⁴⁴⁴ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 44-48.

homem. A presença no coração e na consciência íntima das pessoas, de um lado, do terrível destino do pecador, do castigo do inferno, das penas do purgatório, e doutro, a misericórdia de Deus para com o pecador convertido, se transformaram em motivação e sentido de vida, em orientação para as ações, em critério de autoavaliação, em norma de comportamento, em verdades comuns do convívio humano com as outras pessoas. Esse homem, trabalhado pela pastoral tradicional, sentia-se situado, motivado a agir. Sabia quando errava e as consequências de seus pecados. Sabia também que estava aberta uma porta para a sua salvação, através da reconciliação pela confissão, pelos ritos sacramentais. Esta pastoral tradicional alcançava profundamente as pessoas até seu íntimo, porque soube falar a seu universo simbólico.⁴⁴⁵

Com a pastoral tradicional, a Igreja tinha a tutela sobre o saber e a política, mandava e desmandava, proibindo e censurando. As pessoas que estavam fora da Igreja tinham que entrar ou seriam eliminadas, simbólica ou até mesmo fisicamente. Contudo, essa pastoral entrou em crise e desmoronou após séculos, pois a política e a psicologia, principalmente as teorias freudianas, desestabilizaram a tranquilidade da Igreja. Já não havia mais como desempenhar uma pastoral à base de poder e da coerção.⁴⁴⁶

A Igreja então percebeu que estava diante do ser humano moderno, já no início da pós-modernidade e diante de uma revolução copernicana em relação ao pensamento, à visão, à noção do ser humano medieval. Com a filosofia moderna, o ser humano foi colocado no centro de todas as coisas e se fechou à transcendência divina, ficando somente diante de si mesmo e reduzido a si mesmo. Em associação com o pensamento moderno se desenvolveu um subjetivismo racionalista. Essa nova concepção do ser humano criou uma nova cultura que se expressava no antropocentrismo, sobretudo na afirmação da liberdade e da autonomia, rejeitando assim toda e qualquer tutela. O ser humano tornara-se “sujeito absoluto de sua história e de seu destino”.⁴⁴⁷

É com esse ser humano moderno e pós-moderno que o Concílio Vaticano II irá dialogar. Sendo assim, a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, na primeira parte, “A Igreja e a Vocação Humana” nº 11, levanta algumas perguntadas: “O que a Igreja pensa do ser humano? Que deve recomendar para a edificação da sociedade contemporânea? Qual a significação última da atividade humana no mundo?” São perguntas que, no desenvolver do documento,

⁴⁴⁵ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 55.

⁴⁴⁶ LIBANO, J. B., O que é Pastoral, p. 57-61.

⁴⁴⁷ HUMMES, C. C., Contribuição da *Gaudim et Spes* para a compreensão pastoral do homem de hoje, p. 628-629.

apresentarão uma antropologia que ressaltará a subjetividade do ser humano, que o capacita a ser, a seu modo, centro do universo, contudo, sob o senhorio de Deus, em Cristo, apesar do pecado.

A Constituição destaca a dignidade que está no fundo da consciência moral do ser humano:

No fundo da consciência, o ser humano descobre uma lei que não foi ele que estabeleceu, mas que deve ser seguida por ele. [...] Essa lei foi inscrita por Deus no coração. Obedecê-la é o segredo da dignidade humana, pois é por ela que todos serão julgados. A consciência é a intimidade secreta, o sacrário da pessoa, em que se encontra a sós com Deus e onde lhe ouve intimamente a voz. Na consciência revela-se, de modo admirável, a lei que consiste em amar a Deus e ao próximo. A fidelidade à própria consciência é o laço mais profundo que une todos os seres humanos entre si, inclusive os cristãos, na busca da verdade e de uma solução autêntica para os problemas morais que surgem na vida de cada um e na relação de uns com os outros, na sociedade. [...] Às vezes a consciência erra. A pessoa, porém, não perde sua dignidade quando é vítima de uma ignorância humanamente insuperável.⁴⁴⁸

Com isso, a *Gaudium et Spes* responde à questão da modernidade quanto à moral, que não pode vir simplesmente de fora sobre o ser humano, mas deve partir de dentro dele. Essa voz que parte de dentro do ser humano é a lei inscrita por Deus no coração de cada ser humano, que é sua inclinação para o acolher as normas objetivas da moral. Esta lei inscrita no interior do ser humano nos remete ao que a modernidade chama de autonomia do ser humano, ou seja, nenhuma norma pode ser imposta ao ser humano. Contudo, ele tem uma lei no íntimo da sua consciência que deve ser sempre seguida.⁴⁴⁹

Em relação à liberdade do ser humano:

A verdadeira liberdade é a marca mais extraordinária da imagem de Deus no ser humano. Deus o entrega a si mesmo, para que busque espontaneamente seu Criador e, encontrando-o, se autorrealize livremente. Faz parte da dignidade da pessoa agir por opção consciente e livre, induzida e movida pessoalmente, livre de toda coação externa e de qualquer pressão interna.⁴⁵⁰

Podemos ver que a grandeza da liberdade humana está associada à inviolável dignidade do ser humano. Sendo assim, a liberdade do ser humano é sempre exercida na abertura, na solidariedade, na corresponsabilidade e no amor com

⁴⁴⁸ GS 16.

⁴⁴⁹ HUMMES, C. C., Contribuição da *Gaudium et Spes* para a compreensão pastoral do homem de hoje, p. 631.

⁴⁵⁰ GS 17.

outros seres humanos igualmente livres. “No próprio Deus, que é comunidade de Três Pessoas divinas e livres, a liberdade é amor”.⁴⁵¹

Em relação à igualdade entre os seres humanos:

Reconheça-se cada vez melhor a igualdade fundamental entre todos os humanos: todos são dotados de alma espiritual, foram criados por Deus, têm idêntica origem e a mesma natureza, foram salvos por Cristo e são destinados a participar da mesma vocação divina. [...] Além disso, apesar da justa diversidade que possa existir entre os seres humanos quanto à maneira de viver, a dignidade pessoal, que é a mesma em cada um, exige que as condições de vida de todos sejam cada vez mais humanas e equitativas.⁴⁵²

Em relação à vocação comunitária do ser humano no plano de Deus:

À imagem de um pai, Deus quer que todos os seres humanos constituam uma única família e se relacionem uns com os outros como irmãos. “De um só homem, Deus fez toda a raça humana para habitar sobre a face da terra” (At 17,26), criando-os à sua imagem e chamando todos para um único fim, que é o próprio Deus. Por isso o amor a Deus e ao próximo são o primeiro mandamento. [...] Quando Jesus ora ao Pai para que “todos seja um como nós somos um” (Jo 17,21s), numa perspectiva que a razão humana não pode alcançar, acena para uma certa semelhança entre a unidade das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor.⁴⁵³

Em relação ao incentivo ao bem comum:

O bem comum é a soma das condições sociais que permite, tanto às pessoas como aos grupos humanos, alcançarem mais fácil e plenamente a perfeição a que são chamados. [...] Numa ordem social justa, o bem das pessoas passa na frente do progresso, de tal forma que a ordem das coisas está sujeita ao bem das pessoas, e não vice-versa.⁴⁵⁴

Em relação à fraternidade e à solidariedade humana:

Deus não criou os seres humanos para viverem isolados, mas para formarem uma comunidade social. Da mesma forma “quis santifica-los e salvá-los, não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas como povo, que o reconhecesse na verdade e o servisse, na santidade”. [...] A obra de Jesus Cristo veio completar e coroar o aspecto comunitário da salvação. Verbo encarnado, quis participar do convívio humano.⁴⁵⁵

A *Gaudium et Spes* apresenta a universalidade da vocação humana, “isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujos corações atua a graça de maneira invisível.”⁴⁵⁶ A misericórdia do Senhor é para todos, “como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma

⁴⁵¹ HUMMES, C. C., Contribuição da *Gaudium et Spes* para a compreensão pastoral do homem de hoje, p. 632-634.

⁴⁵² GS 29.

⁴⁵³ GS 24.

⁴⁵⁴ GS 26.

⁴⁵⁵ GS 32.

⁴⁵⁶ GS 22.

vida divina”.⁴⁵⁷ Isto irá acontecer de forma que somente Deus conhece; “deve-se pois admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associar ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus”.⁴⁵⁸

Com o Concílio surge o uso da figura da “espiral”, que inclui os opostos (justiça e amor, alma e corpo) e não se usará mais a figura do “relógio de pêndulo”, que desune, que separa (justiça ou amor, alma ou corpo). A *Gaudium et Spes* confirma a figura da “espiral” de forma implícita, ao dizer, “depois de falar da dignidade da pessoa e do papel que é chamada a exercer no mundo, tanto individual como socialmente, o Concílio convida todos a considerar, à luz do Evangelho e da experiência humana”,⁴⁵⁹ mostrando a necessidade de integrar os fundamentos evangélicos com a experiência do ser humano.⁴⁶⁰

Diante disso, vemos que com o Concílio Vaticano II a pastoral tradicional é suplantada, há uma perda da autoridade clerical e surge uma nova pastoral, uma pastoral que parte para um trabalho mais personalizado, não havendo mais a necessidade de uma atividade clerical de tutela no ensinamento dos fiéis, que agora passa a ser uma ação também do leigo. A Ação Católica dá início a uma nova visão de pastoral, na qual o leigo começa a ganhar espaço e autonomia. O leigo passa a colaborar com a missão da Igreja, ou seja, evangelizar em ambientes diversificados. Nas fábricas (JOC), entre os camponeses (JAC), no meio estudantil secundário (JEC), universitário (JUC) e independente (JIC).⁴⁶¹

Foi preciso esperar até o Concílio Vaticano II para haver uma reconciliação com a ortopraxis. Nesse período, a ação pastoral volta a ser o ponto de partida, ou seja, a ação de Jesus Cristo no mundo. Começa a busca de uma nova forma de ser Igreja no mundo com diálogo e serviço.

A crise da pastoral tradicional levou a Igreja a perceber que sem uma identificação com o meio, sem um diálogo com as necessidades e perguntas do homem de hoje, toda pastoral se torna inoperante. E tal função é de todo cristão. Se até então se entendia pastoral como ação da Igreja oficial e clerical no mundo, agora amplia-se o conceito para ação de cristãos, conscientes de sua representatividade eclesial e de sua ligação explícita com o corpo oficial. Se a pastoral tradicional se entendia com a missão de conduzir ovelhas a redil seguro e protegido de feras inimigas, a pastoral que surge dessa crise, a saber, a pastoral moderna, se compreende antes de tudo como

⁴⁵⁷ GS 22.

⁴⁵⁸ GS 22.

⁴⁵⁹ GS 46.

⁴⁶⁰ SILVIO BOTERO, G. P. J., A caridade pastoral: por uma pedagogia da misericórdia, p. 9.

⁴⁶¹ LIBANO, J. B., O que é pastoral, p. 58-72.

“fermento”. Não se retira o fiel de seu mundo para conduzi-lo à paragem segura, não se faz vir à igreja oficial, como reduto de salvação, as ovelhas tresmalhadas, mas vai-se ao mundo, para inserir-se dentro dele, como levedura na massa.⁴⁶²

Diante do que foi exposto anteriormente, podemos dizer que a Pastoral é ação de Jesus Cristo no mundo nos dias de hoje. Essa ação é desenvolvida pela Igreja e organizada pela Diocese e Paróquia para atender aos grupos específicos e determinados. Pode-se dizer que a RCC, por um lado, é sim uma Pastoral, pois ela executa a ação de Jesus nos dias de hoje, mas por outro lado não é organizada pela Diocese ou Paróquia. No entanto, está sempre a serviço da Paróquia à qual está ligada.

No entanto, percebo na RCCBrasil resquícios da pastoral tradicional que falamos previamente. Digo isto baseada no conhecimento que tenho do movimento, pois sou uma participante ativa dentro da RCCBrasil. O movimento, apesar de ter nascido numa Igreja “povo de Deus” ao longo dos anos, está se afastando da ideia central do Concílio. A RCC nasceu para ajudar a Igreja com algo novo, o mover do Espírito. Contudo, percebo que na RCCBrasil há uma preocupação com um ensino baseado na doutrina, na prática das virtudes, com as publicações do próprio movimento, e que insiste na luta contra o pecado da carne.

Há uma fala ao imaginário simbólico que leva a uma ideia falsa da santidade, preocupando-se mais com o juízo particular, com o purgatório, o inferno e o céu, como também com o juízo final, a ressurreição dos mortos e a destruição do mundo pelo fogo. A RCCBrasil exerce uma pastoral cujo o eixo central são os dogmas e a moral, mantendo-se ainda na figura do “relógio de pêndulo”, esquecendo-se da ideia libertadora que o Concílio trouxe novamente à Igreja. Neste sentido, digo que a RCCBrasil é, sim, uma Pastoral.

A seguir será debatido o modo pelo qual poderemos resgatar o *aggiornamento*, introduzido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, recuperando a renovação da Igreja e sua mensagem, não por meio de reestruturação, mas deixando que a ação seja suscitada pelo Espírito Santo.

5.4 O magistério de Francisco e a RCCBrasil

Apesar de estarmos numa transição epocal, a proposta cristã permanece. No entanto, se faz urgente tomar a mensagem cristã em nossas mãos e fazer diálogo

⁴⁶² LIBANO, J. B., O que é pastoral, p. 72.

com os tempos atuais. Por esta razão, o cristianismo enfrenta o desafio de apresentar uma reflexão teológica nova para este momento histórico, numa sociedade caracterizada pelo pluralismo na atual globalização. Como vimos anteriormente, no passado todo aquele que pensava e vivia diferente era excluído da convivência social; no entanto, hoje isso não é mais possível, pois as instituições sociais tradicionais, as entidades políticas, a nação, o patrimônio cultural e religioso, a ética e todos os seus valores estão em constantes desafios neste mundo globalizado.

O Concílio Vaticano II abriu caminhos para uma teologia relacional, em que todas as teologias devem dialogar entre si com o objetivo final, a plenitude do ser humano. O Decreto *Christus Dominus* fala a respeito da doutrina cristã para os dias de hoje: “Proponham a doutrina cristã em forma adaptada às necessidades de hoje, respondendo às dificuldades e às principais questões que angustiam e preocupam a humanidade.”⁴⁶³ A Constituição pastoral *Gaudium et Spes* fala da verdade com o amor:

Por isso, o amor a Deus e ao próximo é o primeiro mandamento. As Sagradas Escrituras ensinam que ambos não se pode separar: “Todos os mandamentos se resumem nesta sentença, ‘ame o seu próximo como a si mesmo...’ o amor é o pleno cumprimento da lei. (Rm 13,9s; cf. 1Jo 4,20). A crescente interdependência entre os seres humanos e a progressiva unificação do mundo conferem especial importância a essa exigência.”⁴⁶⁴

Como também fala da questão do Evangelho com a experiência humana: “O Concílio convida a todos, à luz do Evangelho e da experiência humana...”⁴⁶⁵ Percebemos que o Concílio está sugerindo uma nova maneira de ensinar, de anunciar o Evangelho por meio da integração, interiorização dos valores humanos e cristãos, para levar o amor e uma autonomia saudável ao ser humano, capacitando a uma verdadeira reponsabilidade para com o outro, levando a conciliar a lei e o amor, a inteligência e o amor, a verdade e o amor.

Jesus de Nazaré anunciou o Reino de Deus não só com palavras, mas com ações concretas, conciliando a lei e o amor, a inteligência e o amor, a verdade e o amor. Por esta razão entrou em conflito com os poderosos de sua época, foi perseguido e sofreu a morte de cruz, isto por crer na possibilidade da justiça e na superação da miséria. Fica claro que a missão de Jesus diz respeito ao Reino de Deus e não a si mesmo. A Igreja existe na sociedade e, por isso, como Jesus de

⁴⁶³ ChD 13.

⁴⁶⁴ GS 24.

⁴⁶⁵ GS 46.

Nazaré, não pode ser indiferente às realidades do mundo. O mesmo deve ser dito a respeito da RCCBrasil e de outros movimentos, como também das pastorais, pois é imprescindível a presença do cristão no mundo, mas com uma consciência que produza uma atitude, uma ação, um agir, porém sem perder de vista a mensagem salvífica do Evangelho.

Papa Francisco demonstra sua preocupação, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, com a obra evangelizadora da Igreja, e coloca a sua esperança nas comunidades.

Não ignoro que hoje os documentos não suscitam o mesmo interesse que noutras épocas, acabando rapidamente esquecidos. Apesar disso, sublinho que, aquilo que pretendo deixar expresso aqui, possui um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituíamo-nos em “estado permanente de missão”, em todas as regiões da terra.⁴⁶⁶

Por isso, o Papa convida a recuperar o frescor original do Evangelho:

Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. [...] Cristo é a “Boa Nova de valor eterno” (Ap 14,6), sendo “o mesmo ontem, hoje e pelos séculos” (Hb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. [...] Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreendê-lo com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”.⁴⁶⁷

Quando o Papa fala a respeito de “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho” (EG 11), recordo-me sobre o que Rafael Luciani diz a respeito de retornar a Jesus:

Retornar a Jesus não é simplesmente buscar conhecer mais dados historiográficos ou arqueológicos acerca de sua vida, ou comprovar se os que temos foram ou não históricos, ou a qual estrato da tradição pertencem. É voltar ao espírito com o qual Ele viveu sua humanidade e discernir, a partir disto, a nossa. É encontrar Deus onde Jesus o encontrou. É, no fundo, imaginar-nos participando daquele encontro (Mc 10,17-31) em que um jovem lhe pergunta: “O que devo fazer para alcançar a vida eterna?” (Mc 10,17), e Jesus lhe responde que, ainda que vivesse piedosamente e cumprisse todos os mandamentos (Mc 10,20), isto não bastaria para viver com a

⁴⁶⁶ EG 25.

⁴⁶⁷ EG 11.

qualidade de uma vida eterna. Então Jesus “olhou para ele com amor” e disse que ainda lhe faltava o essencial, isto é, o serviço ao pobre e ao aflito, o viver sua vida como serviço para que outros tivessem possibilidades de uma existência melhor (Mc 10,21). As palavras de Jesus deixaram a descoberto duas realidades: o que garante uma vida com qualidade divina não está na produção de bens econômicos, tampouco no cumprimento assíduo dos mandamentos e do culto. Diante da resposta de Jesus, o jovem “foi-se embora entristecido” (Mc 10,22). Diferentemente deste jovem, Jesus entendia que numa sociedade empobrecida e enferma como a sua, o caminho para encontrar-se com Deus passava pelo reencontro com o pobre e pelo serviço fraterno ao enfermo, ao aflito e ao desprezado.⁴⁶⁸

Estamos vivendo uma época de crises econômicas, conflitos nacionais e internacionais, violências, terrorismos, corrupção, povos na miséria, famintos, aflitos e desprezados. No entanto, cresce no ser humano o desejo por um mundo mais digno, mais justo, mais humano, um desejo de paz entre os povos, o desejo de uma luta ousada contra a fome. Nisto podemos ver um prenúncio da ação oculta de Deus provocando o ser humano a uma convivência mais digna, mais justa, mais humana. Percebemos que cresce o número de pessoas que estão desejosas de viver uma experiência nova, uma vida mais plena, pois muitos vivem a crise de esperança, perda de horizonte, obsessão pelo imediato e sentem-se mal com isso. No entanto, não sabem onde encontrar forças para reagir.⁴⁶⁹

É preciso que escutemos os apelos que chegam até nós para podermos agir inspirados e motivados por Jesus. Temos que nos comprometer e trabalhar para que o projeto humanizador do Reino de Deus se recupere; não podemos nos fechar nos nossos problemas, nos nossos interesses particulares, nos nossos costumes religiosos, nos nossos programas individuais. Faz-se necessário que “o projeto humanizador do Reino de Deus, que é o objetivo, a razão de ser, o coração da sua mensagem e a paixão que animou a vida inteira de Jesus, seja também hoje a força, o motor e a razão de ser das comunidades dos seus seguidores”.⁴⁷⁰

O Reino de Deus é a presença de Deus entre nós, uma presença salvífica e ativa, que nos encoraja a viver uma vida na justiça, na paz e no amor entre seres humanos, desaparecendo assim as opressões. Para sermos fiéis a Jesus e ao Seu Reino, devemos descentralizar a nossa mentalidade e assumirmos a nossa posição de testemunhas do Evangelho, dialogando com o diferente. Para tanto, precisamos

⁴⁶⁸ LUCIANE, R., Retornar a Jesus de Nazaré. Conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus, p. 27-28.

⁴⁶⁹ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 12-14.

⁴⁷⁰ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 16-19.

vencer todas as nossas tendências egocêntricas e nos dedicarmos, como o próprio Jesus, ao amor cristão. Só assim poderemos realizar a “nova evangelização”, “nova” não no que diz respeito à mensagem cristã, mas ao modo de anunciá-la. Uma nova maneira de tornar o Reino de Deus presente no mundo atual.

O *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparecem a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade.⁴⁷¹

Ao lermos os Evangelhos, percebemos que a sua proposta não se baseia somente numa relação pessoal com Deus, mas é pessoal e social, é uma proposta universal, pois Deus quer que “todos” se salvem. Por esta razão, a nossa resposta:

Não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma “caridade por receita”, uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o *Reino de Deus* (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo” (Mt 6,33). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: “Proclamai que o Reino do Céu está perto” (Mt 10,7).⁴⁷²

Por este motivo, necessitamos compreender o projeto de Jesus, que é inserir na vida a compaixão, como surgimento de ação. A compaixão pede justiça e isso nos leva a focar numa vida mais digna para os mais pobres e oprimidos. O projeto de Jesus também consiste na cura de pessoas e na convivência social, e o perdão de Deus está sempre presente para todos os seus filhos. Diante disso, percebemos que o projeto de Jesus é abrir caminhos ao Reino de Deus, ou seja, um mundo mais digno, mais humano e mais feliz. “Para Jesus, o ‘Reino de Deus’ é a vida tal como Deus a quer construir”.⁴⁷³

Jesus diz: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Ele quer mostrar que a compaixão de Deus é que deve conduzir a vida humana, e não a santidade. Jesus não está negando a santidade de Deus, que é Santo e grande; entretanto, Deus é Santo não porque rejeita os pecadores, os impuros, mas justamente pelo motivo de que Deus não exclui ninguém da sua misericórdia, da sua compaixão, “porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e

⁴⁷¹ GS 177.

⁴⁷² GS 180.

⁴⁷³ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 59-62.

cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Para Jesus, a compaixão é a única maneira de imitar Deus. Para isso, é preciso ver o mundo, tratar as pessoas e reagir diante do ser humano assim como Deus.⁴⁷⁴

Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra sem a conceber como um caminho de santidade, porque “a vontade de Deus é que sejais santos” (1Ts 4,3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho. Esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir dele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspectos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor.⁴⁷⁵

Quando o Papa Francisco diz que “cada santo é uma missão”, podemos compreender que cada movimento, cada pastoral, é uma missão. Qual seria a missão da RCCBrasil? No seu portal oficial diz que a sua missão é “evangelizar com renovado ardor missionário, a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo, para fazer discípulos de nosso Senhor Jesus Cristo”, e a sua visão é “tornar o Espírito Santo mais conhecido, amado e adorado, difundindo a espiritualidade e a Cultura de Pentecostes a partir do Grupo de Oração”.⁴⁷⁶

Se essa definição fosse seguida integralmente, a cada reunião do Grupo de Oração seria uma explosão dos carismas, assim como aconteceu em Pentecostes. Pessoas sendo transformadas, curadas, libertadas; o mover do Espírito atrairia a cada dia mais pessoas para seguir e viver no caminho de Jesus, viver a verdade de Jesus, viver a vida de Jesus. Uma vez que:

Jesus somente levou a cabo um punhado de curas. Pelas aldeias da Galileia havia muitos outros cegos, leprosos e endemoninhados a sofrerem sem remédio o seu mal. Só uma pequena parte experimentou a sua força curativa. Jesus nunca pensou em “milagres” como uma forma fácil de suprimir o sofrimento no mundo, mas como sinal para indicar a direção em que devemos de agir para abrir caminho ao Reino de Deus. Por isso não temos de pensar apenas em curas individuais de alguns enfermos. Toda a ação de Jesus está encaminhada para a promoção na sociedade de uma vida mais saudável. A sua rebeldia perante tantos comportamentos patológicos de raiz religiosa (legalismo, hipocrisia, rigorismo, culto vazio de amor); o seu esforço em criar uma convivência mais justa e solidária; o seu empenho em derrubar fronteiras entre sãos e enfermos, piedosos e pecadores, varões e mulheres. O seu oferecimento de perdão gratuito de Deus a pessoas cheias de culpabilidade e de humilhações; o seu acolhimento aos maltratados pela vida e

⁴⁷⁴ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 69-70.

⁴⁷⁵ GeE 19-20.

⁴⁷⁶ Portal oficial da RCC Brasil. Espiritualidade e Formação. Nossa Missão e Nossa Visão.

pela sociedade; o seu esforço por libertar todos do medo e da insegurança para viver com confiança em Deus.⁴⁷⁷

Isto é o que Papa Francisco vem pedindo a toda a Igreja, que voltemos às fontes, que olhemos para as ações e o agir de Jesus. Não devemos ficar em nossos lugares confortáveis, e sim sairmos em missão, mas uma missão que seja “capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação”.⁴⁷⁸ Isto acontecendo, haverá uma verdadeira Igreja extática com a manifestação de todos os carismas, e assim como nas comunidades primitivas haverá uma atitude constante de “saída”, como diz Papa Francisco.

⁴⁷⁷ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 157-158.

⁴⁷⁸ EG 27.

6 Conclusão

Chegamos ao fim da nossa pesquisa sabendo que muito há para ser colocado e compreendido em relação à dimensão extática da Igreja e seus carismas. Contudo, gostaria ainda de fazer algumas colocações a esse respeito, pois ao longo de todo esse percurso histórico que fizemos, pudemos compreender que Deus Trino deseja uma Igreja extática onde o Espírito Santo tenha liberdade e seus carismas sejam manifestos para a edificação e a unidade de Seu povo.

Por esta razão, eu creio, Deus suscitou a RCC como um dos frutos da eclesiologia conciliar, para recuperar a dimensão extática da Igreja, recuperando assim o projeto de Jesus e a consciência da missão pela qual Jesus enviou seus discípulos. É necessário compreendermos esse “enviou”; devemos ser profetas para dizer às pessoas como ver as coisas segundo o coração de Deus, convidando à mudança e à conversão e despertando a esperança que rompe com a indiferença e se abre à ação de Deus. Devemos curar as pessoas agindo como o Samaritano da parábola de Jesus, que devido a sua compaixão fez com que todas as barreiras fossem quebradas, pois a única coisa que realmente importava era a cura do ferido.

A RCCBrasil ensina que o “Batismo no Espírito Santo” é a essência da sua espiritualidade; contudo, confessa que todos os cristãos são batizados no Espírito Santo, que em todos os movimentos católicos os seus membros são batizados no Espírito Santo, e ainda que mesmo aqueles que não pertencem a nenhum movimento ou congregação são batizados no Espírito Santo. Porque foi uma ordem de Jesus dada aos apóstolos, de batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19-20). Não obstante, o sentido novo ocorrido na RCCBrasil é que “essa graça tem sido dinâmica e se renova continuamente, como acontecia na Igreja Primitiva (cf. At 2,1-4; 4,29-31; Ef 5,18)”.⁴⁷⁹

Com isso vem uma pergunta no meu coração: onde está essa renovação contínua? Na Igreja Primitiva, vimos que era uma Igreja dinâmica, onde todos se preocupavam com todos e cuidavam de todos. Não havia o individualismo nem havia uma preocupação com os ensinamentos. O importante era incluir as pessoas para conhecerem o caminho, a verdade e a vida.

⁴⁷⁹ MINISTÉRIO DE FORMAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CTÓLICA DO BRASIL. Identidade da Renovação Carismática Católica, p. 9.

Batismo no Espírito Santo ou Efusão do Espírito Santo é:

A experiência impactante e maravilhosa da graça de Pentecostes, mas não para aí. Tal experiência deve nos conduzir a uma autêntica vida no Espírito. Esse é o objetivo último da vinda do Espírito Santo no primeiro e em todos os Pentecostes. A “vida no Espírito” é a presença e a influência do Espírito na vida de cada dia. Disto nenhuma esfera fica excluída. A vida no Espírito é, pois, uma consequência natural e lógica na vida de quem mergulhou no Rio de Água Viva. Nesse sentido, a experiência do batismo no Espírito Santo não é estática, mas dinâmica, isto é, devemos mergulhar continuamente nesse Rio de águas cristalinas para nos mantermos sempre encharcados, embebidos e robustecidos do Espírito, que transforma sempre mais o nosso interior e faz isso se refletir exteriormente.⁴⁸⁰

A consequência imediata do batismo no Espírito Santo é uma nova consciência de comunhão com a Trindade, é um encontro com Jesus Cristo vivo. Esse encontro traz um entendimento do amor de Deus que “foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Passa-se a ter uma nova consciência da presença e do poder do Espírito Santo, que proclama que “Jesus é o Senhor” (1Cor 12,3) e clama “Abba, Pai” (Rm 8,15). O batismo no Espírito Santo leva ao louvor, à adoração, ao redescobrir a oração, os Sacramentos e as Escrituras; traz um amor novo pela Igreja, Maria e os Santos. “O batismo no Espírito Santo muitas vezes dá aos católicos uma apreciação mais profunda da santidade e do ensino dos Santos”.⁴⁸¹

No entanto, se não há a compaixão pelos filhos de Deus, de nada vale essa apreciação profunda da santidade, pois no centro da vida de Jesus se encontra a “sua paixão por Deus e a sua compaixão pelas vítimas”,⁴⁸² uma vez que é por causa dessa compaixão que Jesus se torna sensível aos excluídos, humilhados, sofridos, abandonados.

Com o batismo no Espírito Santo são derramados os carismas, em especial os dons espirituais citados por Paulo em 1Cor 12,8-10. Embora estes carismas sempre tenham estado presentes na Igreja, na RCC eles se apresentaram em uma nova profusão e em todos os níveis, entre o clero, os religiosos e os leigos. São presentes dados por Deus para a edificação da Igreja, são as ferramentas de trabalho para a evangelização. Onde a RCC é saudável e os carismas são exercidos com

⁴⁸⁰ MINISTÉRIO DE FORMAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. Identidade da Renovação Carismática Católica, p. 9.

⁴⁸¹ INTERNACIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL SERVICES (ICCRS). Batismo no Espírito Santo. Serviços para a Renovação Carismática Católica Internacional, p. 18-22.

⁴⁸² PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p. 101.

prudência, não se destaca a natureza milagrosa ou extraordinária dos carismas, mas a sua eficácia em manifestar o amor de Deus e edificar o corpo de Cristo.⁴⁸³

A RCCBrasil precisa estar mais atenta a essas orientações para haver a manifestação do amor e a compaixão de Deus nos Grupos de Oração, pois era justamente o amor de Deus e a sua compaixão que atraíam Jesus para as pessoas maltratadas pela vida ou pela injustiça. “O Deus da lei e da ordem, o Deus do culto e dos sacrifícios, o Deus do sábado, jamais poderia gerar a atividade profética que caracteriza Jesus”.⁴⁸⁴

Dentre os carismas, os mais exercidos na RCCBrasil são o carisma das línguas e o de cura e libertação. O carisma das línguas é um dom de oração e adoração, e é fundamentalmente para o enriquecimento espiritual, pois “ele contribui para a renovação da vida da pessoa, na medida em que se constitui em ação misteriosa e amorosa de Deus”.⁴⁸⁵ O carisma de cura e libertação foi desde cedo adotado pela RCCBrasil como parte integrante de sua missão, pelo fato de a cura ter sido parte constitutiva do Ministério de Jesus e de ele ter conferido aos seus seguidores o poder para também curar.⁴⁸⁶

A Renovação deu origem a diversas práticas e ministérios nos quais os carismas de cura são exercidos. É comum, durante os grupos de oração, pessoas orarem por cura umas pelas outras; congressos e retiros frequentemente incluem tempo para orações por cura. Muitos têm experimentado a cura de uma forma ou de outra, seja física, emocional, psicológica ou espiritual. A cura está intimamente ligada com a libertação da influência dos maus espíritos.⁴⁸⁷

Os Evangelhos narram a ação curativa de Jesus e deixam claro que o primeiro olhar Dele dirigia-se às pessoas enfermas ou em sofrimento, pois, para Jesus, esses são os primeiros que devem experimentar o Deus dos que sofrem a dor, o desamparo e a exclusão. Para isso, Jesus procurava ter um contato pessoal, uma vez que as pessoas O procuravam para se encontrar com Ele e com Sua força curadora através do Seu amor pela vida, do Seu acolhimento a elas e do Seu amor compassivo por elas. Jesus curava com Sua palavra e com Seus gestos, tudo para

⁴⁸³ INTERNACIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL SERVICES (ICCRS). Batismo no Espírito Santo, p. 22.

⁴⁸⁴ PAGOLA, J. A., Recuperar o Projeto de Jesus, p.101.

⁴⁸⁵ MINISTÉRIO DE FORMAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. Carismas do Espírito Santo, p. 25.

⁴⁸⁶ INTERNACIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL SERVICES (ICCRS). Batismo no Espírito Santo, p. 23.

⁴⁸⁷ INTERNACIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL SERVICES (ICCRS). Batismo no Espírito Santo, p. 23.

despertar a confiança dos enfermos na bondade de Deus, que chegava ao ponto de Jesus e o enfermo se unirem na mesma fé. Jesus não só reconcilia os enfermos com Deus, mas com a sociedade, e a cura não é eficaz até que os enfermos se sintam integrados na comunidade. “Eu te ordeno — disse ele ao parálítico — levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.” (Mc 2,11; 5,19).⁴⁸⁸

Os carismas são distribuídos conforme a vontade de Deus, e por isso são repartidos em diferentes medidas para diferentes pessoas e são para servir o outro e para a edificação da Igreja. É certo que os carismas levam a uma vida de oração pessoal e comunitária, a um desejo pela formação e conhecimento, à busca pela santidade e os Sacramentos. Mas, no Evangelho de Mateus, Jesus diz: “Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,8). Jesus envia os discípulos em missão e esse envio permanece ainda hoje, faz-se urgente tomar a mensagem do Evangelho em nossas mãos e sair em missão. É preciso agir, é preciso ação, como nos diz o livro de Gênesis:

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra. (Gn 1,28)

Fica claro que Deus exorta o ser humano à ação, a narrativa quer “aprofundar em nós a identidade e a missão como seres humanos e Povo de Deus. Como os antigos mitos, elas nos ajudam a descobrir *quem somos, de onde viemos e para onde vamos*”.⁴⁸⁹ A partir do momento em que o ser humano sabe quem é, de onde veio e para onde vai, ele responderá ao envio de Jesus à missão. Mas a missão que leva à ação, ou seja, leva a olhar para o outro, a pensar no seu bem-estar, nas suas necessidades, na sua dignidade, na sua salvação, na justiça e na paz. Não tem como obedecer esse envio se não for a serviço do outro.

Papa Francisco é muito claro ao dizer na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma “caridade por receita”, uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é *o Reino de Deus* (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na

⁴⁸⁸ PAGOLA, J. A., Recuperar o projeto de Jesus, p. 150-156.

⁴⁸⁹ MESTRES, C.; OROFINO, F., A Terra é nossa Mãe. Gênesis 1 a 12, p. 7.

medida que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais.⁴⁹⁰

Diante de tudo isso, fica ainda uma pergunta: por que ainda nos dias de hoje Deus não consegue reinar entre nós, já que podemos ver claramente que a vida social ainda não é um espaço de fraternidade, de justiça, de paz e de dignidade? O Papa Francisco é claro ao dizer que se isso ainda não está acontecendo, a culpa é nossa, não estamos fazendo o que realmente é necessário para que as verdadeiras mudanças sociais aconteçam. Mesmo com tantas pastorais, movimentos eclesiais, comunidades de vida, comunidades de Aliança, a mudança social não acontece. Isso se deve ao fato de as pessoas estarem estagnadas, paralisadas a ponto de não dar liberdade ao Espírito Santo de agir, derramando abundantemente o seu poder extático e transformador.

É preciso reagir; não posso falar por todos, mas dentro do que tenho conhecimento, posso fazer algumas colocações, pois vivo e vejo o que pode e deve ser mudado na RCCBrasil.

Como já vimos neste estudo, no início da RCC havia um ardor missionário semelhante ao das primeiras comunidades cristãs. Tanto que houve uma reaproximação ao Evangelho, o retorno dos carismas, um desejo de transformação que levou à diaconia. Todos almejavam o ânimo dos apóstolos para recuperar o projeto de Jesus, ou seja, anunciar o Reino de Deus com alegria e a liberdade atribuída ao Espírito Santo. Com ela irrompe na Igreja a expressão livre do corpo, as falas e as orações espontâneas, a simplicidade e a alegria de comunicar a fé no Senhor Jesus, não mais controlado pelo clero. Tudo muito bom e válido, mas houve uma verdadeira mudança social com essas mudanças ao longo desses 50 anos? Houve realmente uma independência do clero?

Vejo que hoje há tantas reuniões, retiros, encontros, congressos, cursos, que os membros estão fatigados, como já ouvi muitos falarem que não conseguem nem estar com suas famílias por causa de tantos compromissos com a RCCBrasil. No entanto, vejo que os carismas estão sendo negligenciados, como o próprio carisma das línguas, que é muito almejado e difundido no movimento. É visto como algo que “todos” os membros “têm” que ter recebido com o batismo no Espírito Santo. É um carisma que em todos os eventos faz-se necessário que se manifeste, mas uma

⁴⁹⁰ EG 180.

vez que o carisma é doado por Deus a quem e quando Ele desejar derramar, ninguém deve se sentir menosprezado por não recebê-lo, mas como se coloca como condição do recebimento do batismo no Espírito Santo, fica claro para as pessoas que aquelas não receberam o carisma das línguas, não receberam a efusão do Espírito, levando a uma sensação de exclusão. Isso é dito por pessoas que não receberam o carisma das línguas e se fecharam ao recebimento dos outros carismas.

Sendo assim, me vem uma pergunta: aqueles que oram em Línguas, estão realmente exercendo o carisma ou simplesmente emitindo sons? É carisma ou sugestionamento? Pois o dom das línguas é um carisma pessoal que leva à oração e à adoração, e como consequência vêm o enriquecimento espiritual e uma renovação de vida, que conduzem a uma conversão ao amor de Deus. Esse amor cresce no interior da pessoa a ponto de transbordar ao outro, e a leva a fazer algo que irá transformar também o outro. Somente neste caso podemos dizer que realmente é carisma e foi derramado pelo Espírito Santo.

Pois o carisma das Línguas não é para ser orado na hora certa dentro da reunião, para poder fazer o momento de silêncio, para poder haver a profecia, as curas e a manifestação dos demais carismas, como se o dom das Línguas fosse a preparação para a manifestação de Deus. É preciso compreender que este carisma é para a oração pessoal, individual, não de uma maneira egocêntrica, mas de um modo que provoque um amor transformador que transborde, uma vez que, em Jesus, “Deus se revelou como amor puro, não voltado para si, não narcisista, mas inteiramente voltado para fora”,⁴⁹¹ a ponto de se identificar com os pobres, os enfermos, os oprimidos, os famintos, com as ovelhas sem pastor, e Ele fez algo para mudar.

O carisma de cura e libertação, também muito difundido na RCCBrasil, é exercido para a edificação do outro. Uma vez que a doença é um desequilíbrio, ela precisa ser curada, restaurada, regenerada, para resgatar a pessoa doente que está afastada, excluída da sociedade. No entanto, o que é feito pela pessoa após a sua cura? Para onde ela vai?

A minha experiência é que muitas pessoas curadas somem, não voltam para louvar e agradecer a Deus, não dão seguimento à fé que a levou até a oração de cura. Outro fato que ocorre é que muitas pessoas estão constantemente em busca de

⁴⁹¹ Susin, L. C., Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, p. 46.

cura e nunca se libertam desta necessidade; conseqüentemente, não são livres, e voltam a cada semana não para fazer um encontro pessoal com Deus e viver a vida que Ele tem para oferecer, mas para procurar resolver os seus problemas.

O mesmo acontece com o carisma da profecia. Vejo profecias repetitivas, como se Deus não tivesse o que dizer, ensinar, exortar, elogiar os seus filhos. São profecias muitas vezes vazias, nas quais não há transformação da pessoa ou da comunidade, uma vez que tudo continua da mesma maneira após as reuniões de oração, retiros, encontros, congressos, como também nas reuniões vicarial, estadual, nacional. Por isso podemos ver nitidamente a diminuição de membros nos Grupos de Oração e até mesmo fechamentos dos mesmos, principalmente no Vicariato Sul, no Rio de Janeiro, do qual faço parte.

A profecia tem que levar a uma mudança dentro da comunidade; Paulo dava preferência ao carisma da profecia pelo fato, justamente, de através desse carisma Deus falar à comunidade, edificando-a por meio de uma palavra de exortação, de uma revelação, por um ensinamento. É importante também para encorajá-la nas tribulações, nas adversidades, nos sofrimentos, aflições, angústias e tristezas, manifestando a Sua presença no meio da assembleia reunida. Inclusive, Paulo explica o motivo da sua preferência:

Se, ao contrário, todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar, há de se sentir arguido por todos, julgado por todos, os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que *Deus está realmente no meio de vós*. (1Cor 14,24-25)

Esta é a transformação que precisa acontecer. Faz-se necessária e urgente a volta dos grandes profetas que traziam as revelações, as exortações, os ensinamentos que transformavam e enriqueciam as pessoas e as comunidades. Infelizmente, a RCCBrasil tem algumas tendências reducionistas, escapando, assim, dos fundamentos relevantes da mensagem de Jesus Cristo, o que a leva a ficar menos eficaz. Exemplo disso é haver pouca percepção com a justiça social, o destino do pobre e oprimido. Há também um certo fundamentalismo na interpretação dos textos bíblicos que acaba por atribuir as curas e intervenções do Espírito sem passar por uma mediação crítica.⁴⁹²

A RCCBrasil precisa realizar uma evangelização voltada não somente para dimensão espiritual, mas também para dimensão social, o que implica a

⁴⁹² BOFF, L., O Espírito Santo. Fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres, p. 46-47.

preocupação com os pobres, os sofredores, os oprimidos e as relações sociais injustas,⁴⁹³ para que não haja necessitados no nosso meio, como diz no livro dos Atos dos Apóstolos:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-no entre todos segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos. (At 2,42-47)

Na oração do Pai-nosso, podemos ver claramente a mensagem que Jesus deixou. Na primeira parte louvamos ao “Pai nosso que está no céu” e pedimos a vinda do Seu Reino, e na segunda parte, rogamos pelo “pão nosso de cada dia” e pela reconciliação da sociedade rompida. O amor de Deus que se revela como *Abba* e o amor de Deus pelo outro, que necessita do nosso pão e de nosso perdão, precisam sempre andar unidos. A RCCBrasil concentra-se muito na dimensão do “Pai nosso”, canta e dança como filhos e filhas de Deus no Espírito, esquecendo-se do “pão nosso” que tantos necessitam. “Nunca devemos separar aquilo que Jesus uniu: o Pai nosso com o pão nosso”.⁴⁹⁴

Vejo que está na hora de a RCCBrasil deixar de lado tantas reuniões, retiros, eventos, congressos e aglomerações, que estão deixando seus membros fatigados e abatidos, e voltar ao primeiro amor, permitindo o retorno do mover do Espírito. Ela precisa completar a sua evangelização incorporando uma “parte tão essencial do legado de Jesus: o repartir o pão e matar a fome dos famintos”.⁴⁹⁵

Finalizo fazendo uma última observação. Sempre é dito na RCCBrasil que Jesus é o centro do Grupo de Oração, ou seja, da comunidade. No entanto, percebo que pela vivência e pelo funcionamento dos Grupos de Oração, os seus interesses imediatos são a própria comunidade e os sacerdotes. Percebo que a RCCBrasil tem o desejo de mostrar a sua pertença ao movimento RCC e uma ânsia de reforçar que pertence ao movimento eclesial e é seguidora de todas as doutrinas e dogmas da Igreja.

⁴⁹³ BOFF, L., O Espírito Santo, p. 47.

⁴⁹⁴ BOFF, L., O Espírito Santo, p. 48.

⁴⁹⁵ BOFF, L., O Espírito Santo, p. 48.

Parece que o importante de ser cristão católico é fazer parte desse movimento eclesial e se comprometer com as suas atividades, trabalhando somente para o movimento e procurando ser eficiente, organizado, buscando ter mais força de atração, mais visibilidade e eficácia, enquanto o principal, que é a evangelização com força e o poder extático, fica em segundo plano.

Desejo ardentemente mudanças na RCCBrasil, para podermos desfrutar de tudo para o qual o Espírito Santo nos suscitou para viver, que não é somente animar uma renovação da vida espiritual, mas sim uma missão maior, da qual ainda não tivemos consciência. Essa renovação é viver o carisma da profecia; somos chamados por Deus para revelar a todos aquilo que está no coração Dele, somos chamados a ser profetas do Reino que:

Não pode passar ao largo perante os que sofrem. Alimenta o povo com a sua palavra porque “teve compaixão” ao vê-los como ovelhas sem pastor. Cura os enfermos, os leprosos e desequilibrados porque “se lhe comovem as entranhas”. É a compaixão de Deus a força que está na origem e o fundo de toda a sua ação profética, imprimindo fogo às suas palavras e ternura aos seus gestos.⁴⁹⁶

Como vimos em toda a nossa pesquisa, a tradição extática é um “produtor de profecia”, e por essa razão podemos dizer que o êxtase é uma legítima expressão religiosa. No entanto, ficou bastante claro que o êxtase não é um fenômeno isolado, mas sempre traduz a secreta, íntima e misteriosa presença de Deus. Por essa razão, o estado extático nunca é para proveito próprio, mas sempre está relacionado com o aliviar do sofrimento do outro.

⁴⁹⁶ PAGOLA, J. A., Recuperar o projeto de Jesus, p. 102.

7 Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. A cidade de Deus. Livro XVII; capítulo VI. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. v.3.

ALAND, B. Montano – Montani; Csmo. In: BERARDINO, A. (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

ALDAY, S. C. **O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1984.

ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L. S. **Profetas I**. Isaías e Jeremias. São Paulo: Paulus, 1988.

_____. **Profetas II**. Ezequiel, Doze Profetas Menores, Daniel, Baruc e Carta de Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1991.

ALTANER, B; STUIBER, A. **Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1972.

ARNS, P. E. Introdução. In: CLEMENTE ROMANO. **Carta de S. Clemente Romano aos Coríntios**, Petrópolis, RJ: 1973.

ASURMENDI, J. **O Profetismo: das origens à época moderna**. São Paulo: Paulinas, 1988.

BARBAGLIO, G. **As Cartas de Paulo (I)**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **1-2 Coríntios**. São Paulo: Paulinas, 1993.

BARRUFFO, A. Carisma. In: BORRIELLO, L; CARUANA, E; DELGENIO M. R.; SUFFI, N. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus / Loyola, 2003. p. 200-204

BOFF, L. **A Era do Espírito Santo**. In: O Espírito Santo. Pessoa, Presença, Atuação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

_____. **O Espírito Santo. Fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRAGA, E. (Org.) **Escritos de Fogo: A correspondência profética entre a Beata Elena Guerra e o Papa Leão XIII sobre o Espírito Santo**. Porto Alegre: RCC Brasil, 2009.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

CALDEIRA, A. C. G. P. **A ação do Espírito em Jesus Cristo: um aprofundamento da relação entre cristologia e pneumatologia na cristologia pós-conciliar**. Rio de

Janeiro, 2015. 351p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CAMPS-RIUS, J.O **Evangelho de Lucas**. O êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995.

CANTALAMESSA, R. **O Mistério de Pentecostes**: todos ficaram cheios do Espírito Santo. Aparecida: Santuário, 1998.

CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

CAVALLINI, M. V. **Os Movimentos Eclesiais e a Igreja Local**. Aspectos canônicos e pastorais. Roma, 2008. 73p. Dissertação. Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

CERFAUX, L. **O cristão na teologia de S. Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1976.

CHAGAS, C. C. **A Redescoberta do Espírito e suas Implicações para uma Transformação Eclesial**: Um estudo sobre a Renovação Carismática Católica. Rio de Janeiro, 1976. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. **Pentecostes É Hoje! Um estudo sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1977.

CLEMENTE ROMANO. **Carta de S. Clemente Romano aos Coríntios**, Petrópolis, RJ: 1973.

CNBB. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994.

COMBLIN, J. **Atos dos Apóstolos**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista; São Leopoldo: Sinodal, 1988. vol. I.

CONCÍLIO VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. **Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado dos leigos**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONGAR, Y. **A Palavra e o Espírito**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Ele é o Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Espírito do Homem Espírito de Deus**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Revelação e Experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

DÁVILA, B. M. C. **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências. Campinas, 1998. 260p. Dissertação. Faculdade de Sociologia, da Universidade Estadual de Campinas.

DUPONT, J. **Estudos sobre os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1974.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. vol. I.

_____. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.

FIGUEIREDO, R. F. S. **Estes sinais acompanharão os que creem**: o falar em línguas em Marcos 16, 15-18. Rio de Janeiro, 2015. 110p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>>. Acessado em: 16 de mai. 2017.

FLORIANO, J. A. **A Dimensão Carismática da Igreja**. O Ensino de São Paulo e as suas releituras contemporâneas. Roma, 1994. 265p. Dissertatio ad Doctoratum Sacrae. Theologiae assequendum int Pontificio Athenaeo S. Anselmi.

FOHRER, G. **História da Religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1993.

FORTE, B. **A Igreja Ícone da Trindade**. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate Sobre a chamada à Santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2018.

FREIRE S. M. **Glossolalias**: Ficção, Semblante, Utopia. Campinas 2007. 107p. Tese. Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Disponível em: <<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 16 de mai. 2017).

FUSTER, S. Escolástica. In: PIKAZA, X; SILANES, N. **Dicionário teológico o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 280-285.

GALVÃO, H. N. A Presença do Deus Trindade à História. In: **O Espírito que dá a Vida (17 a 21 de Fevereiro de 1992)**. Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. [s.l.]. Editora Verbo, 1992.

HARRINGTON, W. J. **Chave para a Bíblia**. São Paulo: Paulus, 1985.

HUMMES, C. C. Contribuições da Gaudium et Spes para a Compreensão Pastoral do Homem de Hoje. **Revista Eletrônica PUC-RS**, v.35 n.150 p.625-637, dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1711/1244>. Acesso em: 16 de mai. 2018.

INTERNATIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL SERVICES, (ICCRS), **Batismo no Espírito Santo**. Renovação Carismática Católica Internacional. Comissão Doutrinal. Cana: RCCBrasil, 2013.

JOÃO XXIII. Constituição Apostólica Humanae Salutis. **In: Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Dominum et Vivificantem**. O espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo Pontifício Conselho para os Leigos**. 27 de maio de 1998. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman.../rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html>. Acesso em: 08 de ago. 2017.

_____. **Vigília de oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades**. 30 de maio de 1998. Disponível em: https://www2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/.../1998/.../hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html>. Acesso em: 08 de ago. 2017.

_____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal CHRISTIFIDELES LAICI**. São Paulo: Paulinas, 1990.

JUNIOR, P. P. **Em Busca de uma Eclesiologia Latino Americana**: perspectivas históricas. Teologia & Espiritualidade-Revista Eletrônica de Teologia da Faculdade Cristã de Curitiba, n.1/2012. Disponível em: <https://www.fatadc.com.br/site/revista/arquivos/Artigo_3.pdf>. Acesso em: 01 de jul. 2017.

KASPER, W. **A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2012.

KÜRZINGER, J. **Atos dos Apóstolos**. Comentário e Mensagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

LANCELLOTTI, A.; BOCCALI, G. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Mateus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

LAURENTIN, R. **Il movimento carismático nella chiesa cattolica**. Rischi e Avvenire. Brescia: Queriniana, 1976.

LEÃO XIII, Encíclica Immortale Dei. In: DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hunermann. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007. 3165-3170.

L'EPLATTENIER, C. **Leitura do Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LIBANO, J. B. **O que é Pastoral**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LIMA, M. L. **Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel**. São Paulo: Editora Reflexão; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

LUCIANE, R. **Retornar a Jesus de Nazaré**. Conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MANNS, F. O Espírito, princípio e vida da Igreja. In: **O Espírito que dá a Vida (17 a 21 de Fevereiro de 1992)**. Semanas de Estudos Teológicos da Universidade católica Portuguesa. [s.n.]. Editora Verbo, 1992.

MANSFIELD, P. G. **Como um Novo Pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica**. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 2003.

MATOS, A. S. O Movimento Pentecostal: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário. **Fides Reformata**, v.11, n.2, p.23-50,2006. Disponível em: <<https://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME.../Alderi.pdf>>. Acesso em: 7 de jun. 2017.

MAZZAROLO, I. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2014.

_____. **Primeira Carta aos Coríntios**. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2008.

McDONNELL, K. Experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica. In: GANOCZY, A. et al. **Espírito Santo Mistério e História**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 109-116.

MENDONÇA, A. L. **Glossolalia: Dialogando com o Divino, Discursando com o Poder**. Rio de Janeiro. 2009. 93p. Dissertação. Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MESTRES, C. OROFIN, F. **A Terra é nossa Mãe**. Gênesis 1 a 12. São Leopoldo, RS: CEB, 2007.

MINISTÉRIO DE FORMAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. **Identidade da Renovação Carismática Católica**. Módulo Básico I. Canas: RCCBrasil, 2013.

MINISTÉRIO DE FORMAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. **Carismas do Espírito Santo**. Módulo Básico II Canas: RCCBrasil, 2015.

MIRANDA, M. F. A Experiência do Espírito Santo. Abordagem Teológica. 1998. IN: Miranda, M. F., **Perspectiva Teológica**, v.30, n.81, p.161-181, 2010. Disponível em: <https://www.faje.edu.br>. Acesso em: 28 de mai. 2017.

MOLTMANN, J. **O Espírito da vida: uma pneumatologia integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NASCIMENTO JUNIOR, M. M. Algumas formas de ação do Espírito Santo na vida da Igreja, segundo 1Cor 12 e 14. **REVELETO. Revista Eletrônica Espaço Teológico**. v.10, n.18, p.112-121 jul./dez., 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/viewFile/31212/21661>. Acesso em: 05 de mar. 2018.

NEVES, J. C. M. Presença de Espírito no Mistério Pascal. In: **O Espírito que dá a Vida (17 a 21 de Fevereiro de 1992)**. Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. [s.n.]. Editora Verbo, 1992.

NJIRU, P. K. Charisms and the Holy Spirit's activity in the Body of Christ. **An Exegetical-Theological study of 1Corinthinas 12,4-11 and Romans 12,6-8**. Rome: Gregorian University Press, 2002.

OLIVAR, A. Patrística. In: TAMAYO, J.J. (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

PAES, C. A. P. Carismas e Ministérios numa Igreja que é um Edifício do Espírito. In: **O Espírito que dá a Vida (17 a 21 de Fevereiro de 1992)**. Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. [s.n.]. Editora Verbo, 1992.

PAGOLA, J. A. **Recuperar o Projeto de Jesus**. Lisboa. Paulus, 2015.

PASSOS, J. D. A Matriz Católico-Popular do Pentecostalismo. In: **Movimento do Espírito: Matrizes, afinidade e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PIO XII. **Carta Encíclica Mystici Corporis**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius.../hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acesso em: 15 de nov. 2017.

PLATÃO. **Diálogos: Ménon – Banquete – Fedro**. Editora Globo: Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo, 1960.

PLATÃO. **Diálogos:** Timeu – Crítias – O 2º Alcibíades – Hípias Menor. Universidade Federal do Pará: Belém, 1977. v.11

PRADI, R. **Um Sopro do Espírito:** A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

RCCBrasil. Disponível em: <<https://www.rccbrasil.org.br/institucional/nossa-missao-e-nossa-visao>>. Acesso em: 31 de mai. 2018.

RICHARD, P. **O Movimento de Jesus depois da ressurreição,** São Paulo: Paulinas, 2001.

SALES, I. M. **A Autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966-2000).** Franca, 2006. 151p. Dissertação. Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, Campos de Franca. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93264>> (Acesso em: 21 de jun. 2017).

_____. **A Renovação Carismática Católica:** um estudo a partir da Diocese de Barretos/SP. Franca: UNESP, 2004.

SANTANA, L. F. R. **O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã.** Rio de Janeiro: Edições Bom Pastor, 1999.

_____. O Espírito Santo na vida de Jesus. Por uma Cristologia Pneumática. **Atualidade Teológica**, v.14. n.36, p.265-292, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17726/17726.PDF>>. Acesso em: 01 de mar. 2018.

SANTOS, I. S. **Glossolalia e as relações de poder na Igreja de Corinto (1Cor 12,1-2; 14,5).** Goiânia, 2011. 159f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/854>> Acesso em: 18 de mai. 2017.

SANTOS, J. A. J. **O Espírito Santo:** sua ação no mundo e na Igreja na perspectiva de José Comblin. Roma, 1988. 122p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana.

SANTOS, M. **Xamanismo:** a palavra que cura. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2007.

SANTOS, R. A. **Entre a razão e o êxtase.** Experiência religiosa e estados alterados de consciência. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. Êxtase In: SCHLESINGER, H; PORTO, H. **Dicionário enciclopédico das religiões.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. vol. I.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. Experiência profética. In: SCHLESINGER, H; PORTO, H. **Dicionário enciclopédico das religiões.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. vol. I.

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. **Profetas I Isaías – Jeremias**. São Paulo: Paulus, 1988.

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. **Profetas II Ezequiel-Doze Profetas Menores-Daniel-Baruc-Carta de Jeremias**. São Paulo, Paulinas, 1991.

SERVICE BIBLIQUE EVANGILE ET VIE. **Leitura do Evangelho de Mateus**. Santo André – SP: Academia Cristã, Paulus, 2014.

SILVA, C. V. F. **Uma Expressão Eclesial: estudo da RCCBrasil à luz das atuais transformações espaciais**. Rio de Janeiro, 2014. 121p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=24057@1> Acesso em: 15 de ago. 2017.

SILVIA, M. F. Uma Eclesiologia de Comunhão. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 76, p.119-137, out./dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14996/11194>> Acesso em: 12 de set. 2017.

SILVA, Y. G.; COELHO, L. D.; VIEIRA, R. C. C. A glossolalia em Pentecostes: a comunicação para difusão do cristianismo. **Sacrilegens -Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião-UFJF**, v.9, n1, p.165-176, jan./jun. 2012. Disponível em: <www.ufjf.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-13.pdf> Acesso em 16 de mai. 2017.

SILVIO BOTERO G. P. J. **A caridade pastoral: por uma pedagogia da misericórdia**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOARES, D. O. **Hesíodo e Daniel. As relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor**. Rio de Janeiro, 2006. 201p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SUDBRACK, J. Êxtase. In: BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DELGENIO, M.; SUFFI, N. **Dicionário de Mística**, São Paulo: Paulus/Loyola, 2003.

SUENENS, L. J. **Documentos de Malinas. Orientaciones Teológicas y Patorales (1974-1987)**. Puebla: Licaren, 2017.

_____. **O Espírito Santo nossa Esperança**. São Paulo, Paulinas, 1975.

SUSIN, L. C. **Deus: Pai, Filho e Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

VOLCAN, M. D. U. **Renovação Carismática Católica: Uma Leitura Teológica e Pastoral**. Porto Alegre, 2003. 144p. Dissertação. Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1974. vol. II.

ZILLES, U. **Fé e razão no pensamento medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.